



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**OS RITMOS, A VIDA COTIDIANA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO POVOADO
DE PLACA SANTO ANTÔNIO EM JUSCIMEIRA-MT**

Juliana Rodrigues da Silva
Dissertação de Mestrado

Rondonópolis-MT
Junho/2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**OS RITMOS, A VIDA COTIDIANA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO POVOADO
DE PLACA SANTO ANTÔNIO EM JUSCIMEIRA-MT**

Juliana Rodrigues da Silva

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis, como parte dos requisitos necessários a obtenção do grau de Mestre em Geografia, área de concentração Ambiente e Sociedade, linha de pesquisa Planejamento e Gestão Territorial, sob orientação do Professor Doutor José Roberto Tarifa.

Rondonópolis-MT
Junho/2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**OS RITMOS, A VIDA COTIDIANA E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO POVOADO
DE PLACA SANTO ANTÔNIO EM JUSCIMEIRA-MT**

Juliana Rodrigues da Silva

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Tarifa

(Laboratório de Climatologia – Departamento de geografia – UFR)

Dissertação de Mestrado

Rondonópolis-MT
Junho/2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

R696r Rodrigues da Silva, Juliana.
Os ritmos, a vida cotidiana e a produção do espaço no povoado de Placa Santo Antônio em Juscimeira-MT / Juliana Rodrigues da Silva. -- 2021
xv, 98 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: José Roberto Tarifa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rondonópolis, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Vida cotidiana. 2. Ritmanálise. 3. Produção do espaço. 4. Lugar. 5. Território. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Rodovia Rondonópolis-Guiratinga, km 6 (MT-270) - - Cep: 78735901 -Rondonópolis/MT
Tel : (66) 3410-4020 - Email : mestrado.ppgeo.cur@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "Os ritmos, a vida cotidiana e a produção do espaço no Povoado de Placa Santo Antônio em Juscimeira - MT"

AUTOR : Mestranda Juliana Rodrigues da Silva

Dissertação defendida e aprovada em 22/06/2021.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	José Roberto Tarifa
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Interno	Doutor(a)	Caio Augusto Marques dos Santos
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		
Examinador Externo	Doutor(a)	REGINALDO JOSÉ DE SOUZA
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL		
Examinador Suplente	Doutor(a)	Eliana Rodrigues
Instituição : Universidade Federal de São Paulo		
Examinador Suplente	Doutor(a)	Silvia Fernanda Cantoia
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO		

RONDONÓPOLIS, 14/07/2021.

Não há exemplo maior de dedicação do que a família. Por isso dedico essa conquista a minha família que tanto amo e admiro. Em especial a meu esposo Wesley Junior pelo carinho, estímulo nos momentos difíceis e às incontáveis horas de paciência comigo, minha irmã Adriana pelo companherismo e por toda ajuda nessa caminhada, e meus pais Eliana e Idelbrando que batalharam para nos criar da melhor forma possível, incentivando sempre ir em busca dos estudos, sendo também meus maiores exemplos de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida, e por permitir realizar esse estudo, alcançando mais essa etapa em minha caminhada.

A minha intercessora fiel, a Virgem Maria, pela proteção e amparo nos momentos de aflição no decorrer dessa jornada.

Agradeço toda minha família, que estiveram sempre me apoiando e ajudando em todos os momentos.

Aos colegas de turma do mestrado que fizeram parte dessa caminhada, em especial a Kátia Paula por toda atenção e colaboração não só no âmbito acadêmico como também no profissional.

Ao meu orientador Dr. José Roberto Tarifa por toda paciência, ajuda e orientação na realização desse estudo; e também por entender todas minhas limitações, diante dos problemas pessoais, que surgiram.

Aos membros da banca, por todas sugestões, as quais possibilitaram enriquecer esse estudo.

Não poderia deixar de agradecer, todos do povoado de Placa Santo Antônio, que participaram de forma direta ou indireta, pois sem eles esse estudo não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender as alterações na vida cotidiana e na produção do espaço de Placa Santo Antônio, por meio da ritmanálise no contexto da relação global-local induzido pelo modo de produção capitalista. Placa Santo Antônio, pertencente ao município de Juscimeira-MT, é um pequeno povoado que começou seu processo de formação na década de 1960. Nesse início, seu processo de ocupação esteve voltado para os sítios ao redor do povoado, e conforme foram chegando outros moradores, foram formando a parte urbana do povoado, que na década de 1970 estava praticamente formada. No decorrer de sua história essa comunidade passou por transformações, principalmente aquelas ligadas com o modo de produção, e para entender essas mudanças, a lógica dialética serviu como base interpretativa desta investigação, permitindo a apreensão do conhecimento mais próximo da realidade vivenciada pelos moradores do povoado. Os trabalhos de campo junto com a realização das entrevistas serviram para conhecer o perfil social e econômico do povoado, além de fornecer informações sobre o processo histórico de formação da comunidade. Dessa forma foi possível observar que essa comunidade teve como base na sua formação, as atividades agrícolas voltadas para a produção mercantil simples, e posteriormente a introdução da bovinocultura. Esse tipo de produção, perdeu espaço não só para as áreas destinadas a pastagem, como também para os canaviais que surgiram em volta do povoado, em decorrência da expansão das áreas de cultivo destinadas ao abastecimento da Usina Jaciara. Assim, concluiu-se que, as alterações na vida cotidiana dessa comunidade estiveram diretamente ligadas com o modo de produção capitalista, que busca a produção em larga escala visando o lucro.

Palavras-chave: Vida cotidiana; Ritmanálise; Produção do espaço, lugar e território.

ABSTRACT

The present work sought to understand the changes in daily life and in the production of space in Placa Santo Antonio, by means of rhythm analysis in the context of the global-local relationship induced by the capitalist mode of production. Placa Santo Antônio, which belongs to the municipality of Juscimeira-MT, is a small village that began its formation process in the 1960s. In the beginning, its occupation process was focused on the farms around the village, and as other residents arrived, they formed the urban part of the village, which in the 1970s was practically formed. Throughout its history, this community has undergone transformations, mainly those linked to the mode of production, and in order to understand these changes, the dialectic logic served as an interpretative basis for this investigation, allowing the apprehension of knowledge that is closer to the reality experienced by the residents of the village. The field work along with the interviews served to get to know the social and economic profile of the village, in addition to providing information about the historical process of formation of the community. In this way it was possible to observe that this community had, as its foundation, agricultural activities focused on simple mercantile production, and later on the introduction of cattle farming. This type of production lost space not only for the areas destined for pasture, but also for the sugarcane plantations that sprang up around the village as a result of the expansion of the cultivation areas destined to supply the Jaciara Mill. Thus, it can be concluded that the changes in the daily life of this community were directly linked to the capitalist mode of production, which seeks large-scale production for profit.

Keywords: Everyday Life; Rhythm analysis; Space Production; Place and territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do Município de Juscimeira.	17
Figura 2: Delimitação da área de estudo.....	21
Figura 3: Vista aérea do povoado de Placa Santo Antônio (Lat. 16° 07' 16" S; Long. 54° 51' 5,8" O; Altit. 340 m.).....	22
Figura 4: Espaços comuns de circulação de pessoas na comunidade.....	23
Figura 5: Perfil de elevação da área de estudo.....	25
Figura 6: Parte da área de estudo em que há a maior altitude do relevo (362 m).	26
Figura 7: Relevo plano a subplano em direção ao vale do rio Areia.....	26
Figura 8: Variações de médias mensais da temperatura e pluviosidade, em Rondonópolis.....	29
Figura 9: Paisagem representando o período das chuvas.	29
Figura 10: Área de pastagem e fragmentos da vegetação no período da seca.	30
Figura 11: Tipos de solos do município de Juscimeira.	31
Figura 12: Área de vegetação do tipo cerradão, ocupado pela pecuária.....	32
Figura 13: O conceito da Ritmanálise.	37
Figura 14: Relação entre lugar e território na apropriação do espaço.	43
Figura 15: Pirâmide etária do povoado.	56
Figura 16: Comparativo entre as variáveis apresentadas no quadro 9.....	57
Figura 17: Situação de emprego dos participantes da pesquisa.....	58
Figura 18: Faixa de renda familiar dos participantes da pesquisa.	59
Figura 19: Relação entre renda familiar e escolaridade dos participantes.	59
Figura 20: Estados de origem dos participantes da pesquisa.	60
Figura 21: Deslocamento populacional dos participantes com origem de Mato Grosso.	60
Figura 22: Deslocamento populacional dos entrevistados por período.....	61
Figura 23: Senhor Amaro Felix de Oliveira, um dos primeiros pioneiros do povoado (fotografia do ano de 1943).	62
Figura 24: Senhor Vicente Pires e sua esposa Ana Maria.	63

Figura 25: Casa de seu Osório e Dona Rita, construída na década de 1980 a beira da BR 163/364.	63
Figura 26: Senhor Otaviano Ribeiro de Queiroz Sobrinho	64
Figura 27: Lata de alumínio que era utilizada para cozinhar a pamonha.	65
Figura 28: Pamonhas sendo armazenadas em caixa de isopor, após seu processo de cozimento.	66
Figura 29: Pamonheiros.	66
Figura 30: Inauguração da rede de água no povoado.	67
Figura 31: Posto de saúde construído por Ramon Araújo Itacaramby.....	67
Figura 32: Retrato do primeiro mandato como vereador do senhor João da Lica em 1989.	68
Figura 33: Time de futebol do povoado, participando do campeonato disputado em Jaciara no ano de 1995.....	69
Figura 34: Igreja Católica Santo Antônio de Pádua, construída com doações de benfeitores.	69
Figura 35: Roupas e brinquedos doados pela irmã Paula em 1990.	70
Figura 36: Reportagem: Uma usina de história.....	72
Figura 37: Arado de tração animal e matraca usado pelos agricultores, no preparo da terra e plantio das lavouras.	75
Figura 38: Antiga casa feita de pau-a-pique.	77
Figura 39: Casa construída com adobe (um tipo de tijolo feito com terra crua, água e palha).....	77
Figura 40: Galão de leite utilizado no transporte até a cooperativa.....	79
Figura 41: Resfriador onde é armazenado o leite.....	81
Figura 42: Produtor de leite com sistema de ordenha manual.	82
Figura 43: Produtor de leite com sistema de ordenha mecânica.	82
Figura 44: Animais comendo ração no coxo após ordenha.	83
Figura 45: Pelada (partida de futebol) no fim da tarde.....	84
Figura 46: Crianças brincando na rua de bicicleta.....	84
Figura 47: Manifestação realizada pelos moradores do povoado reivindicando retorno próximo ao povoado.	85
Figura 48: Morador da comunidade, confeccionando seu próprio passaguá...	86
Figura 49: Projeto Todos Contra a Dengue.	87

Figura 50: Mulheres preparando e servindo as comidas no dia da quermesse (Julho/2010).....	87
Figura 51: Homens montando as barraquinhas de palha (Julho/2019).	88
Figura 52: Quermesse realizada em julho de 2019.	88
Figura 53: Homens tentando subir para retirar os prêmios que se encontram no topo do pau-de-sebo (Julho/2011).....	89
Figura 54: Quadrilha, dança típica das festas juninas (Julho/2011).	89
Figura 55: Grupo dos foliões cantando nas casas e nos sítios da comunidade (Janeiro/2020).	90
Figura 56: Chegada da folia na igreja da comunidade, no dia 6 de janeiro de 2019.	90
Figura 57: Comidas servidas na festa da chegada da folia de Reis, (Janeiro/2020).	91
Figura 58: Altar de Santo Antônio, junto com os pães, que são abençoados no momento da missa (Junho/2020).....	92
Figura 59: Baile, no dia da tradicional festa de Santo Antônio, padroeiro da comunidade.	92
Figura 60: Mapa de uso e ocupação do solo do povoado de Placa Santo Antônio em 2006.	94
Figura 61: Mapa de uso e ocupação do solo do povoado de Placa Santo Antônio em 2019.	95
Figura 62: Área rural destinada a criação de bovinos, no sistema de pecuária extensiva (Janeiro/2021).	96
Figura 63: Plantação de Soja em 2020.....	96
Figura 64: Parte urbana do povoado de Placa Santo Antônio no ano de 2006. Área da Cohab demarcada em amarelo.....	97
Figura 65: Parte urbana do povoado de Placa Santo Antônio no ano de 2019. Área da Cohab demarcada em Vermelho	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Qualidade da água fornecida aos moradores do povoado de Placa Santo Antônio.....	24
Quadro 2: Ritmo da variação média mensal dos atributos climáticos da cidade de Rondonópolis - MT - Período: 1992-1998.....	28
Quadro 3: Tamanho da amostra de uma determinada população.....	49
Quadro 4: Sexo dos participantes.....	53
Quadro 5: Faixa etária dos participantes.....	53
Quadro 6: Número de pessoas por casa dos participantes.	54
Quadro 7: Média de pessoas por casa em relação ao número de participantes.	54
Quadro 8: Estimativa populacional da área de estudo.....	55
Quadro 9: Faixa etária do total de pessoas apresentado no quadro 06.	55
Quadro 10: Nível de escolaridade dos participantes.	56

LISTA DE SIGLAS

BR - Rodovia Federal

CANAVALÉ - Associação dos fornecedores de cana do Vale do São Lourenço

CEI – Centro Educacional Infantil

CIPA - Colonizadora Industrial Pastoril e Agrícola

COMAJUL - Cooperativa Mista Agropecuária de Juscimeira Limitada

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MT - Mato Grosso

PMSB - Plano Municipal de Saneamento Básico

PSF – Posto de Saúde Familiar

SIRGAS - Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas

UFR – Universidade Federal de Rondonópolis

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE FIGURAS	IX
LISTA DE QUADROS	XII
LISTA DE SIGLAS	XIII
INTRODUÇÃO	16
2. UNIVERSOS DE ANÁLISE	21
2.1. Relevo.....	24
2.2. Clima.....	27
2.3. Solo.....	30
2.4. Vegetação	32
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
3.1. Ritmanálise	34
3.2. Os ritmos e a vida cotidiana.....	38
3.3. Lugar e Território	40
4. METODOLOGIA.....	46
4.1 Trabalho de Campo.....	48
4.2 Análise dos dados.....	51
5. RESULTADOS	53
5.1 Caracterização socioeconômica.....	53
5.2 Processo histórico de formação do Povoado	61
5.3 A Usina Jaciara.....	70
5.4 As transformações do povoado desde seu processo de formação	73
5.5 Tradições e eventos sociais.....	86
5.6 Uso e ocupação do solo.	93

6. DISCUSSÃO	98
7. CONCLUSÕES	104
8. REFERÊNCIAS	108
ANEXO 1	113

INTRODUÇÃO

Uma pesquisa nasce por meio de experiências, vivências, comportamentos e ações cotidianas que levam o pesquisador a problematizar a realidade e buscar formas de compreendê-la. O objeto de estudo em questão não foi diferente.

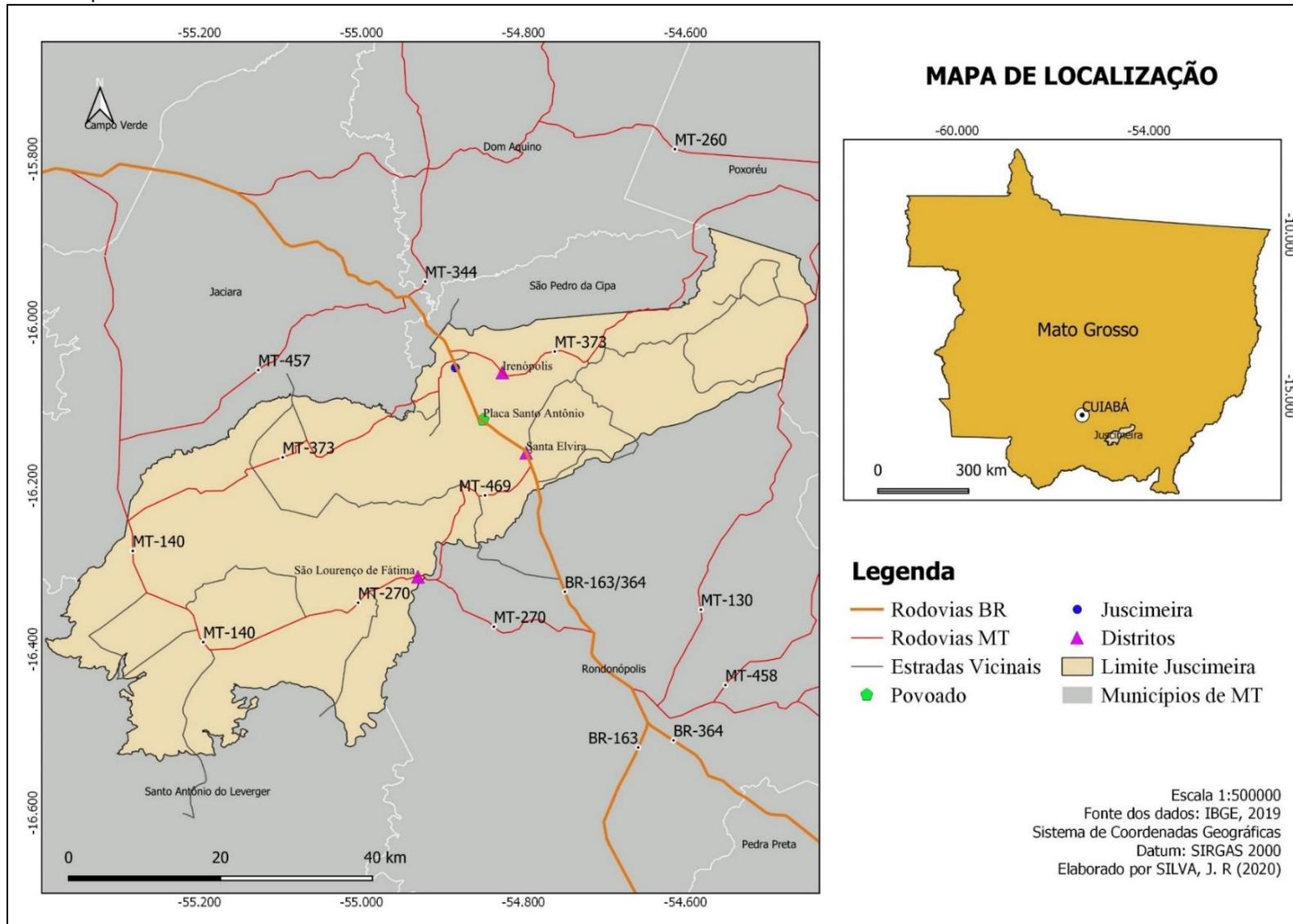
Placa Santo Antônio, é um pequeno povoado, que começou seu processo de formação por volta da década 1960, quando chegou para essa localidade os primeiros moradores oriundos do Estado de Minas Gerais, atraídos pela oferta de terras baratas no interior do Estado de Mato Grosso. Nesse período a área onde se encontra o povoado pertencia a cidade de Jaciara.

Atualmente, a comunidade, faz parte do município de Juscimeira (Figura 1), e possui cerca de quinhentos habitantes. Esse município foi criado no ano de 1979, através de seu desmembramento do município de Jaciara. No momento de sua emancipação, foram anexados a sua jurisdição, os distritos São Lourenço de Fátima, Irenópolis, Santa Elvira e o povoado de Placa Santo Antônio. Atualmente, Juscimeira faz divisa com os municípios de Santo Antônio do Leverger, Rondonópolis, Poxoréo, São Pedro da Cipa e Jaciara, e possui uma área de 2.720,481 km², com uma população de 11.221 habitantes.

No início do processo de desenvolvimento do povoado, havia uma ligação muito forte com a terra, pois era dela que os moradores tiravam o sustento de suas famílias. O uso da terra no meio rural e no povoado esteve por muito tempo voltado para a agricultura e pecuária, em que, o que se produzia era destinado para subsistência, mas, com o modo de produção capitalista, veio alterando essa identidade.

Nesse processo de desenvolvimento, em que houve uma crescente modernização do modo de produção, ocorreram transformações na vida cotidiana desses moradores, afetando os aspectos pessoais de sua existência. Essas transformações estão ligadas à classe dominante, detentora dos meios de produção, influenciando o modo de vida da classe dominada, mediada pelas relações sociais de produção.

Figura 1: Localização do Município de Juscimeira.



Fonte: IBGE, 2019. Organizado pela autora (2020).

Através do modo de vida dessas pessoas, podemos compreender a complexidade, e ao mesmo tempo, a simplicidade do homem do campo, características essas, que estão se perdendo para um sistema que dita regras e impõe valores, fazendo com que as pessoas trabalhem e vivam para se adequar a esse sistema.

O lugar tem muitos significados que são atribuídos pelas pessoas, demonstrando os espaços que elas têm, mais vínculos afetivos e subjetivos, do que racionais e objetivos. “Essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele, munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade” (LEITE, 1998, p.10).

São esses vínculos mais afetivos e subjetivos do que racionais e objetivos, que carrego sobre esse pequeno povoado. Aqui passei toda minha infância e moro até os dias atuais, vendo as dificuldades enfrentadas por esses moradores até chegarem onde estão.

Desde criança, vi a importância do trabalho para essas pessoas e como eram as dificuldades enfrentadas pelos pais para sustentarem suas famílias, visto que não havia demanda de emprego suficiente que pudesse atender a todos os moradores. Quando a Usina Jaciara, que plantava e colhia cana-de-açúcar na região, começou a contratar trabalhadores dessa comunidade, tornou-se uma esperança para muitas famílias, pois, por meio desse trabalho, muitos começaram a construir seus sonhos.

Os moradores desse local era um povo sofredor, mas determinados na busca de meios para se manterem. Seu processo histórico de povoamento, esteve diretamente ligado com trabalho rural. Com as mudanças na conjuntura do modo de produção nem todos tiveram oportunidades de emprego, e muitos foram obrigados a irem embora para outras cidades, em busca de oportunidades para manterem suas famílias. Dessa maneira, essa comunidade, sofreu o reflexo dessas transformações, principalmente no seu modo de vida.

A simplicidade desse povoado, é vista por meio da união que ele carrega. Aqui, ainda é possível ver que somos seres humanos e que podemos ter empatia pelo outro, demonstrando compaixão e solidariedade, principalmente nos momentos de dificuldades.

Esse modo simples de vida, passa despercebido aos olhos da sociedade e “não encontra muita coisa sobre a maneira como as pessoas sem importância viveram esse

dia: suas ocupações e preocupações, seus trabalhos e divertimentos” (LEFEBVRE, 1991, p. 6). Por meio dessa simplicidade, buscando compreender o modo de vida dessas pessoas, e o processo histórico de formação do povoado, que surgiu o desejo de realizar este trabalho.

Ser moradora dessa comunidade, foi um dos fatos que favoreceram à escolha desse tema, pois possibilitou conhecer melhor a problemática do estudo e a realidade vivenciada por cada morador. A determinação dos meus pais, em poder dar melhores condições de vida para mim e minha irmã, em meio a essas transformações do modo de produção, foi fundamental nessa decisão.

Minha mãe, dona de casa, não teve a oportunidade de estudar, devido as dificuldades de acesso à escola e por ajudar tanto nos afazeres de casa como também no trabalho da roça, vindo a não terminar a terceira série. Meu pai, veio do estado de Goiás, e também não terminou seus estudos. Devido à falta de emprego com carteira assinada, trabalhou por um tempo como diarista, até que em 1986 começou a trabalhar como cortador de cana na Usina. No ano de 1993, assumiu o concurso público do município de Juscimeira-MT, trabalhando aqui mesmo no povoado.

Meus avós maternos faziam pamonhas para vender em uma barraca na beira da BR-163/364, e minha mãe ajudava-os nessa fabricação, com isso, aprendeu o ofício da profissão e começou a fazer pamonhas para meu pai vender em Rondonópolis-MT, ajudando assim nas despesas de casa. Através dessa determinação conseguiu oferecer para nós, aquilo que eles não tiveram. O principal deles foi o estudo, pois diziam que era a única coisa que ninguém conseguiria tirar de nós. A recompensa dessa determinação foi vista através dos seus sorrisos e olhares no dia de nossa formatura.

Por essas idas e vindas, e pelas transformações sofridas desde o surgimento do povoado até o presente estudo, é que podemos entender como os ritmos refletem e determinam ao mesmo tempo o modo de vida dessas pessoas.

Dessa forma, o objetivo geral desse trabalho visou compreender as alterações na vida cotidiana e na produção do espaço no povoado de Placa Santo Antônio, por meio da ritmanálise no contexto da relação global-local induzido pelo modo de produção capitalista.

No que compete aos objetivos específicos, esse estudo buscou investigar as determinações do modo de produção capitalista para a reprodução da vida social na passagem do rural para o urbano no povoado; analisar as mudanças de

comportamento das pessoas no povoado, em decorrência dos processos de modernização da forma de trabalho; e entender o modo e ritmo de vida, emprego e subsistência dos moradores, e suas transformações no tempo e espaço.

Na busca por desenvolver essa temática e atingir os objetivos propostos apresenta-se:

No item 2 os universos de análise, descrevendo sobre a área de estudo e, apresentando sucintamente o relevo, clima, solo e vegetação.

O item 3 aborda a fundamentação teórica que serviu de orientação e sustentação da pesquisa, neste momento foi apresentado de forma mais clara as concepções de alguns teóricos sobre ritmanálise, vida cotidiana, lugar e território.

O item 4, discorre sobre a metodologia utilizada e os procedimentos realizados para alcançar os resultados.

Já no item 5 apresenta-se os resultados desse estudo, descrevendo sobre o perfil social e econômico da área de análise, o processo histórico de formação da comunidade, e suas transformações em decorrência da alteração do modo de produção do espaço.

No item 6 trata-se da discussão dos resultados apresentados, embasando-se em diversos teóricos finalizando essa discussão no item 7 com as conclusões de todo o desenvolvimento desse estudo.

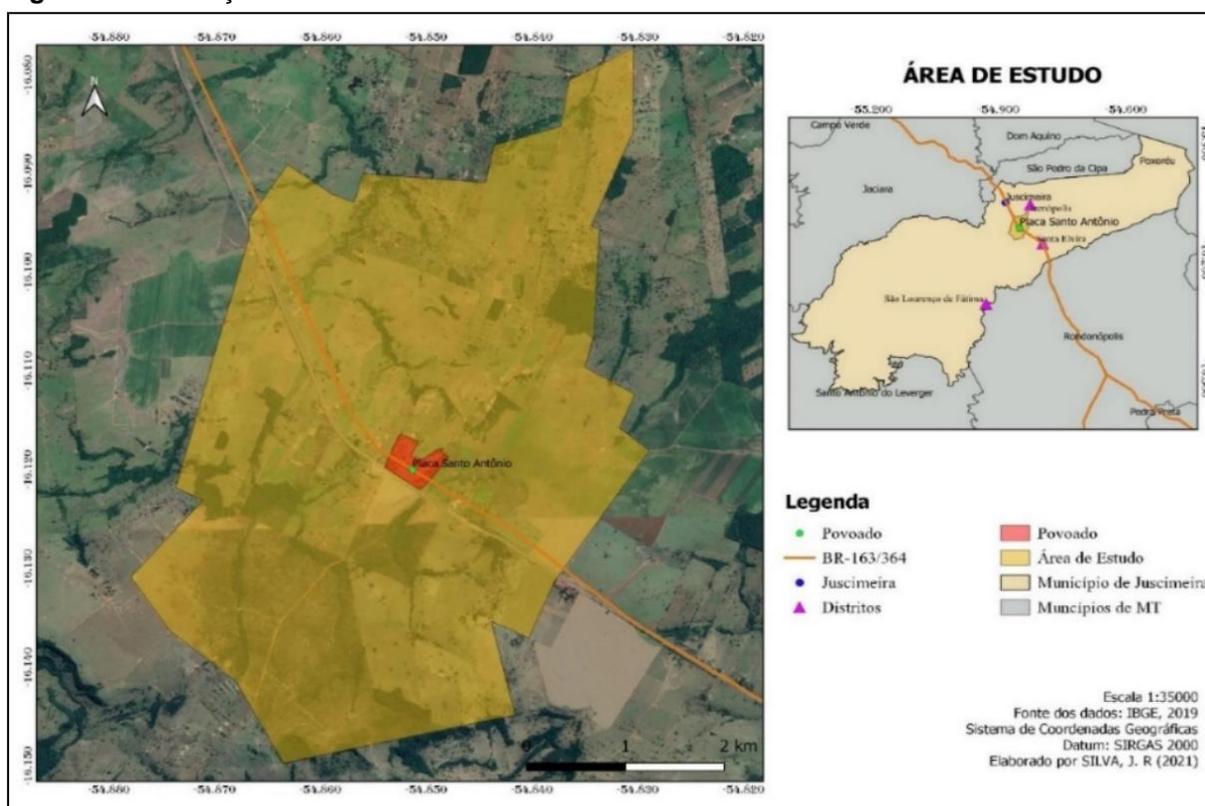
Com essa pesquisa foi possível entender como os ritmos ligados com a vida cotidiana, através da realidade vivenciada pelos moradores, são alterados pelo modo de produção.

2. UNIVERSOS DE ANÁLISE

A área em análise nesse estudo sofreu influência de vários fatores, que refletiram nas relações socioeconômicas e na configuração desse espaço. Desde o início do seu processo de ocupação, as características físicas naturais sobre relevo, clima, solo e vegetação foram fatores que influenciaram na escolha das áreas ocupadas e do modo de produção estabelecido.

A área de estudo em questão, é composta não só pela zona urbana do povoado, como também pela a zona rural (Figura 2). Essa área sofreu reflexos de agentes externos, como a Usina Jaciara, a BR 163/364 e as cidades vizinhas.

Figura 2: Delimitação da área de estudo.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do IBGE (2019).

O povoado de Placa Santo Antônio é uma pequena comunidade que se formou a margem linceira da BR 163/364, a 8km de distância de Juscimeira-MT, localizada entre as coordenadas 16° 07' 16" de Latitude Sul e 54° 51' 5,8" de Longitude Oeste, com altitude média de 324 m e uma área de 24,8 Km² (Figura 3).

Figura 3: Vista aérea do povoado de Placa Santo Antônio (Lat. 16° 07' 16" S; Long. 54° 51' 5,8" O; Altit. 340 m.)



Fonte: CASTRO, (2020), organizado pela autora (2021).

Juscimeira-MT antes de se tornar cidade era uma vila, que se formou as margens do rio Areia em 1954 com a chegada do senhor João Matheus Barbosa, que a denominou como Juscelândia em homenagem a Juscelino Kubitschek. Em 1957, a distância de um quilômetro da divisa das terras de João Matheus Barbosa, estabeleceu-se o senhor José Cândido de Lima e sua família, sendo denominado seu núcleo populacional de Limeira, uma homenagem da família ao pioneiro José Cândido.

A formação de Juscelândia e Limeira, ocorreu com a derrubada de uma parte das matas que cobria a área, posteriormente, sendo dividida em lotes que foram entregues a cada família que viera com os pioneiros João Matheus Barbosa e José Cândido de Lima. Juscimeira recebeu esse nome em 1968, a partir da fusão dos nomes das duas vilas (JUSCI – Juscelândia e MEIRA – Limeira).

A construção da Igreja Católica Senhor Bom Jesus de Juscimeira pelos padres João e Mário Henning na divisa das duas vilas em 1970, contribuiu para a permanência da junção dos nomes das duas vilas. Juscimeira foi elevada a município em 10 de dezembro de 1979 pelo então governador de Mato Grosso Frederico Campos, sendo incluído em sua área os Distritos de São Lourenço de Fátima, Irenópolis, Santa Elvira e o povoado de Placa Santo Antônio.

Esse povoado possui alguns espaços comuns de circulação de pessoas como o posto de saúde, o campo de futebol, o cemitério, a creche, a escola, o bulicho (mercadinho), o boteco, as Igrejas, o salão de festa, o restaurante. A comunidade

também dispõe de água canalizada proveniente de um poço artesiano, coleta de lixo, energia elétrica e iluminação pública (Figura 4).

Figura 4: Espaços comuns de circulação de pessoas na comunidade.



Fonte: Google Earth, 2021. Organizado pela autora (2021). **Descrição:** 1-Posto de saúde; 2-Centro de educação infantil; 3-Escola Estadual; 4-Poço de distribuição de água; 5-Mini-estádio; 6-Cemitério; 7-Igreja Adventista da Promessa; 8-Igreja Assembleia de Deus; 9-Igreja Católica e salão comunitário; 10-Mercearia Nossa Senhora Aparecida (Bulicho); 11-Mercearia Santo Antônio (Bulicho); 12-Pamonharia; 13-Padaria; 14-Espeteria; 15-Espeteria; 16-Bar; 17-Capela para velório; 18-Restaurante; 19-Pousada para boi; 20-Fábrica de ração.

O Posto de Saúde Familiar – PSF atende os moradores da comunidade e da área rural. Esse atendimento é realizado de segunda a sexta-feira no horário das 07:00 às 11:00 e das 13:00 às 17:00 horas. Durante a semana, nos horários informados, tem a disposição do paciente um técnico de enfermagem e duas agentes de saúde. O atendimento médico é realizado quatro vezes por semana, em um único período matutino ou vespertino.

O Centro Educacional Infantil João Pedro Cesconetto, pertence ao município e atende em torno de 45 crianças no período matutino. Já a Escola Estadual Santo Antônio de Pádua, atende 135 alunos, sendo distribuídos nos períodos, matutino (ensino fundamental anos finais); vespertino (ensino fundamental anos iniciais) e noturno (ensino médio). Tanto o Centro Educacional Infantil como a Escola Estadual atendem alunos do povoado e da zona rural.

A prefeitura de Juscimeira é a responsável pela distribuição de água na comunidade. Esse abastecimento ocorre pela captação subterrânea, através do bombeamento da água advinda de um poço tubular, com profundidade de 302 metros. Após ser bombeada, a água é encaminhada para um reservatório que se encontra ao

lado da captação, e sua distribuição é feita por gravidade. Essa água além de apresentar boa qualidade (Quadro 1), possui outro fator importante: ser termal.

Quadro 1: Qualidade da água fornecida aos moradores do povoado de Placa Santo Antônio

Qualidade da Água Fornecida – Resultado de outubro de 2020					
Parâmetro:	Turbidez	PH	Cor	Cloro	Coliformes Totais
Padrão:	0 a 5,0 UT	6,0 a 9,0	15 mgPt/L	02 a 2,0 mg/L	Ausente
ETA Juscimeira:	0,05	6,36	0,00	0,40	Ausente

Fonte: Dados fornecidos pelo DAE na fatura do mês de janeiro de 2021.

Esse sistema de abastecimento é gerenciado pelo Departamento de Água e Esgoto - DAE, havendo um funcionário residente no local para realizar a manutenção necessária. Antes de ser contemplada com esse poço, a água para o abastecimento do povoado era proveniente de uma mina localizada em um sítio próximo, mas por questões sanitárias e sua baixa capacidade de vazão foi desativada.

Na comunidade não há coleta nem tratamento de esgoto, a solução encontrada, foi realizada de forma individual por meio de fossas rudimentares, porém, essas fossas são rasas, sendo destinadas somente para o esgoto sanitário. Dessa forma, é comum o lançamento de águas cinzas nas ruas.

O responsável pela gestão, coleta e transporte dos resíduos sólidos no povoado é a Prefeitura Municipal, sendo realizada duas vezes por semana na terça-feira e sexta-feira com caminhão coletor. Vale ressaltar que no município não há aterro sanitário, sendo encaminhados para o lixão os resíduos coletados.

As ruas do povoado não são pavimentadas e a manutenção dessas ruas normalmente é feita pela Prefeitura uma vez por ano, como consequência dessa falta do sistema de drenagem, no período das chuvas, ocorre a abertura de buracos ocasionados pelas enxurradas.

2.1. Relevo

Para entender sobre o relevo presente na área de estudo precisamos recorrer ao processo de origem do relevo brasileiro.

Para Ross (2011), todo o relevo brasileiro, está ligado ao processo de soerguimento da plataforma Sul Americana no período cenozoico, e com os processos erosivos que ocorreram principalmente a partir do terciário superior ao quaternário

inferior. Esse processo não ocorreu de forma igual em todo território, em função dos diferentes tipos de clima presente.

As formas dos relevos presentes na superfície terrestre, resultam da ação dos agentes internos e externos. Assim em relação ao relevo brasileiro, podemos considerar três tipos principais os planaltos, as planícies e as depressões.

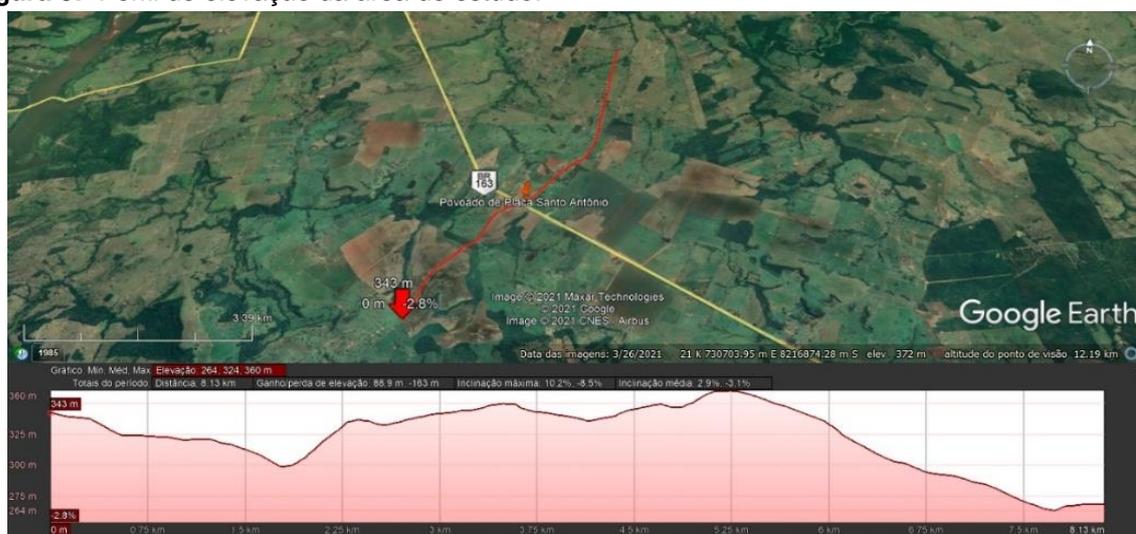
O município de Juscimeira-MT, encontra-se em uma área de bacias e coberturas sedimentares fanerozóicas (áreas de planaltos e chapadas), e depósitos sedimentares quaternários (planícies e terraços de baixa declividade).

Ely (1998, *apud* STURZA, 2005), classifica em 5 compartimentos morfológicos o município de Rondonópolis: Áreas de Acumulação Fluvial; Domínio de Formas Degradacionais de Baixa Convexidade, Domínio de Formas Degradacionais de Média Convexidade, Domínio de Formas Degradacionais de Alta Convexidade e Domínio de Formas Tabulares.

Levando em consideração essa classificação, o compartimento morfológico, que melhor representa o município de Juscimeira, e dessa forma a área de análise nesse estudo, é o Domínio de Formas Degradacionais de Média Convexidade, sendo encontrado ao centro e norte do município de Rondonópolis, apresentando escarpas de variadas dimensões e alguns morros testemunhos resultantes de processos erosivos fluviais em rochas sedimentares.

A área de estudo, apresenta variações em seu perfil de elevação (Figura 5), com suaves ondulações, variando de 264 m na parte baixa, à 360 m na parte alta.

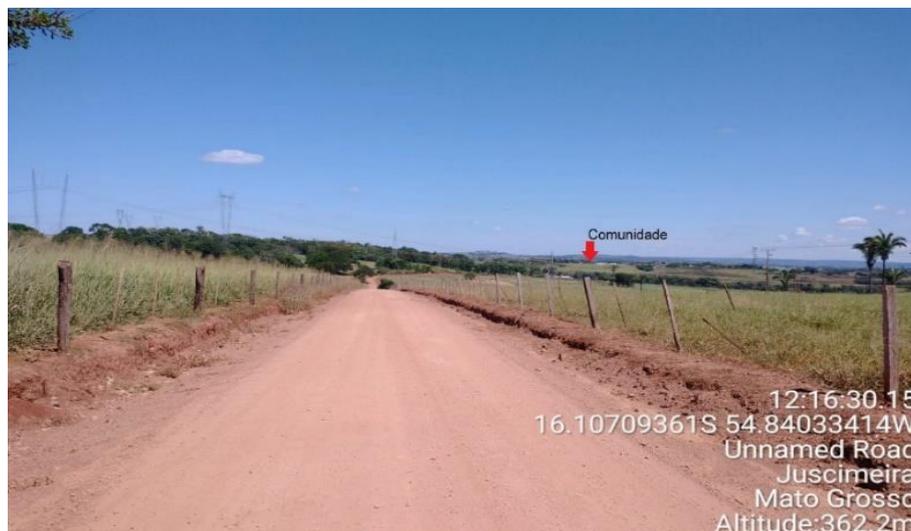
Figura 5: Perfil de elevação da área de estudo.



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2021.

Essa variação caracteriza um relevo de colinas com declive suave, apresentando topos mais arredondados e subplano na parte alta. Na figura 6 observamos a área em que o relevo apresenta maior altitude e topos mais arredondados.

Figura 6: Parte da área de estudo em que há a maior altitude do relevo (362 m).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (05/2020).

Já na parte mais baixa (Figura 7) encontramos a formação de um vale, em função de sua proximidade com o rio Areia (rio de influência no município para extração de areia), afluente do rio São Lourenço.

Figura 7: Relevo plano a subplano em direção ao vale do rio Areia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (05/2020).

2.2. Clima

Na formação do clima, há uma inter-relação entre os fatores (relevo, vegetação, latitude, distância do oceano e sistema meteorológico) e atributos climáticos (chuvas, temperatura, pressão e vento).

Em decorrência de sua grande extensão territorial, aproximadamente 900.000 Km², Mato Grosso apresenta grande variedade de unidades climáticas tropicais continentais, com estações alternadamente úmidas e secas.

Estudando essa variação Tarifa (2011, p. 78) conseguiu descrever e caracterizar o clima de Mato Grosso em três macrounidades: I - o clima equatorial continental úmido com estação seca da depressão sul-amazônica; II - o clima subequatorial continental úmido com estação seca definida do planalto dos Parecis; III - clima tropical continental alternadamente úmido e seco das chapadas, planaltos e depressões, sendo este dividido em 6 subunidades (IIIA – o Clima Tropical Mesotérmico Úmido dos Topos de Cimeira dos Chapadões; IIIB – o Clima Tropical Mesotérmico-Quente e Úmido dos Parecis, Alto Xingu e Alto Araguaia; IIIC – o Clima Tropical de Altitude Mesotérmico Quente da Fachada Meridional das Chapadas e Planaltos; IIID – o Clima Tropical Megatérmico Úmido dos Baixos Planaltos e Depressões de Mato Grosso; IIIE – o Clima Tropical Megatérmico Sub-Úmido das Depressões e Pantanais de Mato Grosso; IIIF – o Clima Tropical Continental Úmido de Altitude das Serras e Maciços Isolados).

Na região dos vales dos rios Vermelho e São Lourenço onde localiza-se as cidades de Rondonópolis-MT e Juscimeira-MT; em que há presença de relevo de colinas com suaves ondulações, podemos encontrar o Clima Tropical Continental Megatérmico alternadamente Úmido dos Baixos Planaltos e Depressões de Mato Grosso.

O clima de Juscimeira; onde encontra-se a área de análise nesse estudo; assemelha-se com o clima de Rondonópolis, sendo assim, os dados meteorológicos mais próximos são os da estação Meteorológica da UFMT, atual UFR apresentados no quadro 2.

Quadro 2: Ritmo da variação média mensal dos atributos climáticos da cidade de Rondonópolis - MT - Período: 1992-1998.

	Temperatura (°C)					Umidade Relativa	Nebulosidade (octas)	Pressão Atmosférica (hpa)	Pluviosidade (mm)
	Méd.	Med. Max.	Máx. Abs.	Méd. Min.	Min. Abs.				
Jan	25.6	32.3	37.4	21.6	19.7	85.1	7.1	975.9	283.8
Fev	25.6	32.3	36.6	22.0	19.3	86.8	7.5	976.7	242.7
Mar	26.1	32.5	36.2	20.7	15.8	83.2	6.7	976.4	151.4
Abr	25.0	32.3	37.0	20.4	14.4	82.5	5.2	977.4	135.7
Mai	23.8	31.5	34.8	18.4	11.6	77.3	4.0	981.9	52.7
Jun	21.7	30.8	35.2	15.0	5.2	74.0	2.6	981.2	43.7
Jul	22.4	31.9	37.2	14.2	6.2	68.5	2.7	981.8	10.4
Ago	24.0	34.0	39.2	16.4	11.0	60.1	2.3	979.9	8.6
Set	25.8	34.8	40.4	19.4	13.6	64.5	4.2	977.3	52.9
Out	26.2	34.4	38.4	20.9	15.2	68.7	5.7	977.0	149.2
Nov	26.1	33.0	40.8	21.4	16.7	78.6	6.0	976.5	160.7
Dez	25.9	33.0	37.4	21.5	18.7	83.9	7.1	976.9	280.1
Méd/Ext	24.8	32.7	40.8	19.3	5.2	76.1	5.1	978.8	1.571.9

Fonte: Estação Meteorológica da UFMT- Rondonópolis. **Org:** Sette e Tarifa (2001).

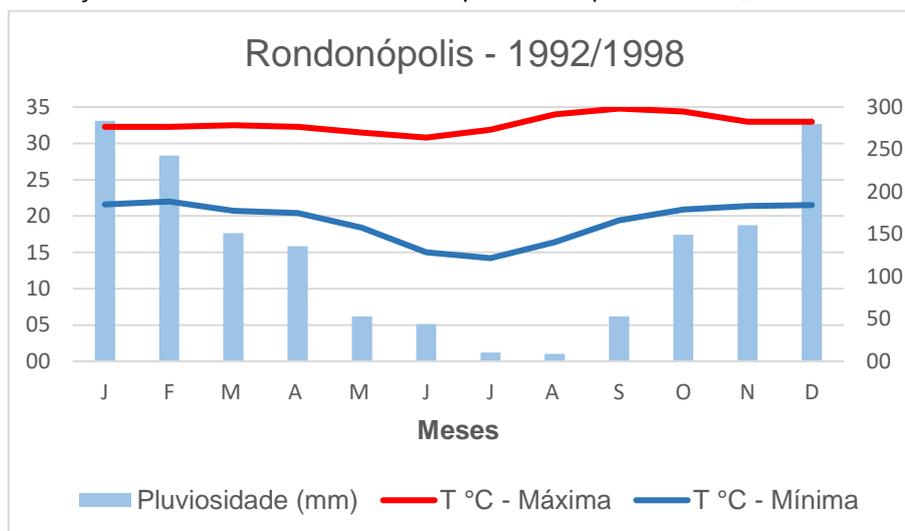
Aplicando esses valores para a área de estudo, com condição climática semelhante, observa-se que a temperatura média anual foi de 24,8°C, sendo registrado temperaturas acima da média nos meses de outubro (26,2 °C), novembro (26,1 °C) e março (26,1°C). As temperaturas mais baixas foram registradas nos meses de junho (21,7 °C) e julho (22,4 °C) coincidindo com o período do inverno.

A média anual das temperaturas médias foi de 32,7 °C, sendo de agosto a outubro os meses mais quentes. Já a média anual das temperaturas mínimas foi de 19,3 °C, sendo registradas temperaturas abaixo da média nos meses de maio a agosto, coincidindo com o final do outono e início do inverno.

A temperatura máxima absoluta 40,8 °C, foi observada no mês de novembro, enquanto que a mínima absoluta de 5,2 °C, foi registrada no mês de junho. Levando em consideração as temperaturas absolutas, observa-se, as maiores variações nos meses de junho a agosto, coincidindo com o período de inverno e seca na região.

Na figura 8, é possível observar as variações das médias mensais e anuais dos atributos climáticos (Temperatura e Pluviosidade).

Figura 8: Variações de médias mensais da temperatura e pluviosidade, em Rondonópolis



Fonte: Sette e Tarifa (2001). Organizado pela autora (2021)

No período chuvoso (Figura 9) o elevado teor da umidade do ar, aliada a nebulosidade, resulta em maior equilíbrio térmico, diminuindo as amplitudes térmicas. Através dessa relação, e aplicando-a área de estudo, os meses de dezembro a fevereiro, são os meses em que ocorreram as maiores precipitações, estando essas acima de 240 mm, condizendo também com o período em que a umidade relativa do ar se encontrava acima de 83,9%, conseqüentemente com as menores variações na amplitude térmica (máx. 11,5 °C).

Figura 9: Paisagem representando o período das chuvas.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (10/2020)

O período da seca (Figura 10) inicia-se nos meses de maio a setembro, com precipitações abaixo de 100 mm. Essa estiagem torna-se crítica nos meses de junho e agosto, sendo também registradas as menores temperaturas. Com a queda das

temperaturas, houve um aumento da amplitude térmica nesse período, em que a umidade relativa do ar apresenta menor quantidade de vapor de água, chegando a 60% em agosto, possibilitando dessa forma maior insolação durante o dia e maior perda de calor a noite.

Nessa época do ano, além da seca, ocorrem problemas com as queimadas rurais e urbanas. Necessitando assim de maior atenção nesse período, principalmente na área rural, em que há a presença de pastagens e lavouras.

Figura 10: Área de pastagem e fragmentos da vegetação no período da seca.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (09/2020).

2.3. Solo

No processo de formação do solo, fatores como material de origem, organismos, tempo, relevo e clima, influenciam no tipo de solo encontrado.

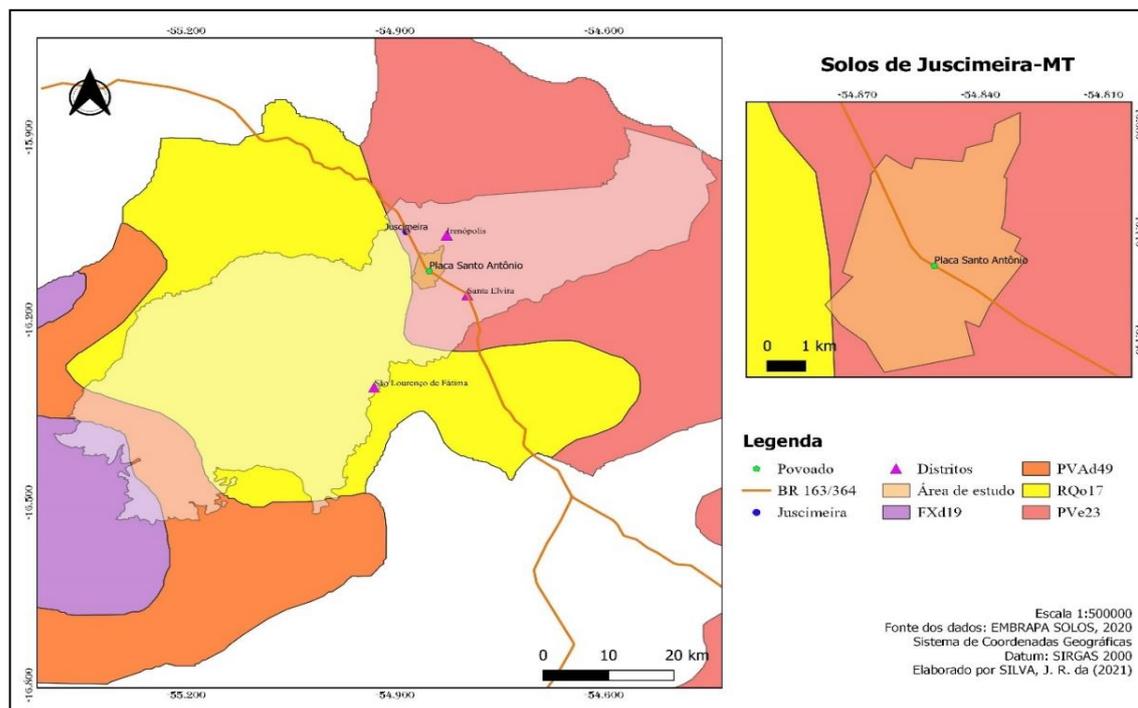
O relevo é responsável pelo controle de toda a dinâmica dos fluxos de água na paisagem. As áreas mais elevadas apresentam maior escoamento superficial, em comparação com as áreas de baixa declividade, provocando assim a formação de erosões, sobretudo quando essa superfície em questão não está protegida pela vegetação.

Já o clima influencia na precipitação pluviométrica, nas taxas de evaporação e na temperatura, pois em regiões com temperaturas mais elevadas, como é o caso das áreas com clima tropical, há a presença de solos mais profundos, com composição química variada, como é o caso dos Latossolos e Argissolos (PEREIRA *et al*, 2019).

Dessa forma podemos encontrar quatro classificações de solo no município de Juscimeira (Figura 11): PVe23 – Argissolos Vermelhos Eutroficados + Argissolos

Vermelho-Amarelos Estróficos + Neossolos Quartzarênicos Órticos; RQo17 – Neossolos Quartzarênicos Órticos + Latossolos Vermelhos Distróficos + Latossolos Vermelho-Amarelos Distróficos; FXd19 – Plintossolos Háplicos Distróficos + Planossolos Háplicos Distróficos + Gleissolos Háplicos Estróficos; PVAd49 - Argissolos Vermelho-Amarelos Distróficos + Argissolos Vermelho-Amarelos Estróficos + Neossolos Litólicos Distróficos (SANTOS *et al*, 2011).

Figura 11: Tipos de solos do município de Juscimeira.



Fonte: Organizado pela autora com dados da EMBRAPA SOLOS, (2020).

O principal tipo de solo encontrado na área de estudo são os Argissolos. Esse solo é constituído por material mineral, apresentando horizonte B textural imediatamente abaixo do horizonte A ou E, com argila de atividade baixa ou alta.

Para Pereira *et al* (2019) esse tipo de solo apresenta, fator limitante quanto sua utilização, pois são suscetíveis a erosão, devido a acumulação de argila em subsuperfície que altera a permeabilidade do solo e favorece o início do escoamento lateral, principalmente em área de maior declividade.

Nesse sentido, a utilização desse tipo de solo exige um manejo mais adequado, através do uso de práticas conservacionistas para o controle da erosão e adoção de medidas de correção e adubação, por apresentar fertilidade natural muito variável.

2.4. Vegetação

A vegetação natural é um dos elementos mais significativos na estrutura das paisagens, pois demonstra toda sua inter-relação com o relevo, solo, e clima de determinado lugar.

O cerrado é o principal bioma do Centro-Oeste, sendo também designado como a savana brasileira. Segundo Prodeagro (1998, *apud* SCHWENK, 2005), o cerrado em Mato Grosso ocupava 38,29%, da vegetação nativa, tendo como fator responsável pela sua redução o avanço populacional a partir dos anos 1970, caracterizado pela expansão dos processos de urbanização e da agropecuária.

O tipo de vegetação, presente no município de Juscimeira-MT, é o cerrado. Essa vegetação não aparece uniforme em todo o território, podendo encontrar formações que vão desde os campos até as formações florestais (cerradão).

A vegetação de cerrado, encontrado na área em análise nesse estudo, é classificada como sendo do tipo cerradão (savana florestada). Esse tipo de vegetação, desenvolve-se em solos profundos, de baixa a média fertilidade. É caracterizado dessa forma por apresentar um estrato arbóreo que pode atingir até 20 metros de altura, comumente encontrado em regiões com relevo ondulados, ocupando preferencialmente terrenos da formação Aquidauana, as chamadas terras de cultura (STURZA, 2005).

Praticamente toda a vegetação nativa da área em análise, foi desmatada desde seu processo de formação para a introdução da agropecuária (Figura 12).

Figura 12: Área de vegetação do tipo cerradão, ocupado pela pecuária.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (05/2020).

Com sua formação arbustiva, era comum nessa área, ipê amarelo (*Handroanthus albus*), taipoca (*Tabebuia roseo-alba*), angico (*Anadenanthera peregrina*), aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), piúva (*Handroanthus impetiginosus*), copaíba (*Copaífera langsdorffii*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), babaçu (*Attalea speciosa*), pequi (*Caryocar brasiliense*), etc.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Ritmanálise

Antes de adentrarmos sobre o termo Ritmanálise, é preciso compreender, sobre a noção de ritmo.

Quando falamos em ritmo, rapidamente o definimos como um movimento, seja ele na música, dança ou poesia. Mas definir a palavra em si, é algo bastante complexo, uma vez que esse termo é utilizado em diversos contextos, com significados diferentes. Lefebvre (2004), descreve sobre esses diferentes usos.

[...] Os músicos, que lidam diretamente com ritmos, porque os produzem, muitas vezes os reduz à contagem das batidas: "Um-dois-três-um-dois-três". Os historiadores e economistas falam de ritmos: da rapidez ou lentidão dos períodos, das eras, dos ciclos; eles tendem apenas para ver os efeitos de leis impessoais, sem relações coerentes com os autores, ideias, realidades. Quem ensina ginástica vê nos ritmos apenas sucessões de movimentos [gestos] pondo em movimento certos músculos, certas energias fisiológicas, etc. [...] (LEFEBVRE, 2004)

Recorrendo ao dicionário de língua portuguesa Caldas Aulete (1980) temos para a palavra ritmo:

[...] s. m. (poes.) A sucessão regular dos mesmos tempos, do mesmo pé; cadência, metro. (Pros.) série determinada de sílabas ou palavras que corresponde a uma outra série semelhante: como o ritmo português soava ao acento latino, concluíam que o português era um produto do latim. (Simões Dias, Teoria da Linguagem, XI, p.58). (Mús.) combinação de sons musicais sob o ponto de vista da duração e intensidade. (Med.) Relação de intensidade entre as pulsações arteriais. (Fís.e Mec.) movimento com sucessões regular de elementos fortes e elementos fracos. Série de fenômenos que ocorrem com intervalos regulares; periodicidade. F. gr. Rhythmos. (GARCIA, 1980).

Já no dicionário Aurélio (1988), ritmo é definido como:

[..] S. m. 1. movimento ou ruído que se repete, no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos. 2. no curso de qualquer processo, variação que ocorre periodicamente de forma regular. 3. sucessão de movimentos ou situações que, embora não se processem com regularidade absoluta, constituem um conjunto fluente e homogêneo no tempo. 4. Lit. Num verso ou num poema, a distribuição de sons de modo que estes se repitam a intervalos regulares, ou a espaços sensíveis quanto à duração e a acentuação. 5. Mús. Agrupamento de valores de tempo combinados de maneira que marquem com regularidade uma sucessão de sons fortes e fracos, de maior ou menor duração, conferindo a cada trecho características especiais. 6. Mús. A marcação de tempo própria de cada forma musical. 7. Mús. O conjunto de instrumentos de percussão e outros similares que marcam o ritmo (5) na música popular; bateria. 8. Brás. O conjunto de ritmistas. (FERREIRA, 1988).

Em ambas definições, há algo bastante em comum; elas remetem a ideia de movimento de alguma forma, dentro de um determinado período de tempo, marcado pela repetição, seja ela na música, poesia, física, mecânica, biologia, etc. No dicionário Caldas Aulete, o destaque é para a poesia, onde o ritmo é marcado pela figura métrica através da sucessão regular entre os tempos fortes e fracos, dos mesmos pés e cadências; enquanto que no dicionário Aurélio a ênfase na definição é voltada para a física como sendo um movimento ou ruído que se repete em determinado tempo.

A palavra ritmo vem do grego *rhythmos* (movimento repetido), que por sua vez, deriva do verbo *fluir*, ou seja, podemos considerar que o ritmo significa de certa forma um movimento que flui em determinado tempo. Através dessa definição e relacionando com os pensamentos de Heráclito (1978) sobre o *fluir*; podemos concluir que embora o ritmo seja definido como um movimento marcado pela repetitividade, essa repetição não ocorrerá da mesma maneira, podendo ter durações ou intensidades diferentes.

[...] em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo), compõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se (HERÁKLITO, 1978, p.88).

Quando observamos a natureza, encontramos situações, em que os ritmos se repetem em ciclos e intervalos regulares, como as estações do ano, o dia e a noite, as ondas do mar, mas essa repetição, pode ocorrer com maior ou menor intensidade. Ao analisarmos os anéis de crescimento do tronco de uma árvore podemos identificar além de sua idade, as oscilações climáticas em que essa foi exposta, pois, por mais que o processo de formação ocorra no mesmo período, essas variações que influenciam diretamente o seu desenvolvimento, podem ter durações e intensidades diferentes.

Diferente do ritmo da natureza que possuem ciclos e intervalos relativamente regulares, o ritmo das cidades, embora não se processem com regularidade absoluta, constituem um conjunto fluente e homogêneo no tempo.

Dessa forma conclui-se que

[...] o ritmo é a noção temporal mais importante. Para persistir continuamente, é preciso orquestrar ritmos, sistemas recorrentes de instantes, o que equivale a dizer que existir no tempo é ritmanalisar a existência. Sem ritmo, sem dialética, a vida e o pensamento não se estabilizam (FARIA, 2009).

O precursor da ritmanálise, foi o filósofo Bacaraense Lucio Alberto Pinheiro dos Santos (1889 - 1950), matemático, físico, psicólogo, político e professor de filosofia na Universidade do Porto (Brasil). Sua obra *La rythmanalyse*, era composta por dois volumes, mas que nunca viera a ser publicada, permanecendo desconhecida até 1936, quando Gaston Bachelard (1884 – 1962) publicou em seu livro *La dialectique de la durée*, uma síntese desses volumes que haviam sido enviados para ele por Lucio Pinheiro em 1931 (CUNHA, 2012).

A discussão do conceito de ritmo nesta obra é quase toda voltada para a fenomenologia rítmica, a partir de três pontos de vista (material, biológico e psicológico) e mostra as relações entre a matéria, a radiação e as vibrações temporais. Dentro deste princípio, discute as relações entre as substâncias e a diluição ondulatória utilizada na homeopatia. A base técnica é a ritmanálise. BACHELARD (1994) adota o termo como uma teoria, ou dialética das durações aplicada a questões de aprendizagem. Em ambos, entretanto, não se discute a ritmanálise em relação às questões referentes ao espaço ou ao tempo social (TARIFA, 2002)

Nessa relação ente os ritmos, a dialética da vida, ocorre entre matéria e memória, e a ritmanálise atua nesse sentido, sobre esse equilíbrio harmônico, dinâmico e mais consciente. A matéria se transforma em radiação ondulatória, e vice-versa. Isso nos faz pensar que matéria e radiação são semelhantes, ou seja, a matéria deve ter como a radiação caráter rítmico e ondulatório. A matéria não é somente sensível ao ritmo, como também existe no plano rítmico. Em nosso dia a dia somos rodeados pelas vibrações, seja no caminhar, no sentar (CUNHA, 2012).

Em todos os domínios, a ritmanálise impõe-se como atitude filosófica que ilumina o sentido da totalidade do real. O ser somente é, enquanto permanece dialeticamente devenida. Não se pode pensar o ser sem lhe associar um devir móvel, múltiplo, dinâmico, surpreendente. Assim decorre o pensamento vivo: um não contra um sim, e, sobretudo, um sim contra um não (FARIA, 2009).

No final do século XX a ritmanálise ganha destaque com Henry Lefebvre em sua obra *Elements the rythmanalyse*, onde se desenvolve o sentido da palavra. Para ele, além do ritmo físico e biológico deve-se levar em relação às questões referentes ao espaço e o tempo social. Em sua definição, o autor proporciona essencialmente um desenvolvimento da teoria marxista, no âmbito do estudo da dimensão espacial do capitalismo, fazendo uma crítica a esse sistema. Para ele a ritmanálise consiste essencialmente na formação dos seguintes conceitos: isorritmia (a igualdade de ritmos), eurritmia (a de um corpo vivo, normal e saudável) e a arritmia (desarmonia dos ritmos, levando a uma condição patológica) (LEFEVBRE, 2004, p. 69).

O ritmo parece natural, espontâneo, no entanto, onde há ritmo há também medida. Ele aparece regulado pelo tempo e governado por leis racionais, mas em contato com o que é menos racional no ser humano: o vivido e o carnal. Os ritmos racionais, numéricos, quantitativos e qualitativos sobrepõem-se nos múltiplos ritmos naturais do corpo: fome, respiração, coração, etc. Dessa forma, os ritmos naturais envolvem-se em ritmos de função social e mental (LEFEBVRE, 2004).

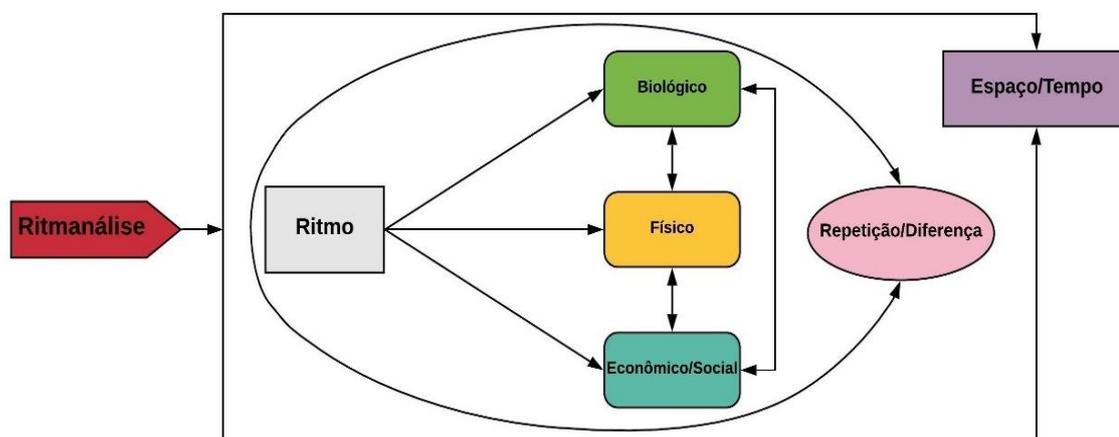
Lefebvre (2004), observa que

[...] Os tempos sociais revelam possibilidades diversas, contraditória: atrasos e chegadas antecipadas, reaparições (repetições) de um passado (aparentemente) rico, e revoluções que introduz com brusquidão um novo conteúdo e, por vezes, alteram o forro da sociedade (LEFEBVRE, 2004, p.14).

Assim, para que haja uma mudança, os diferentes grupos sociais, seja ele uma classe ou uma casta, devem intervir de maneira insistente, imprimindo um novo ritmo. Segundo Lefebvre (2004, p. 75), o ritmo é “criado pelo hábito”, dessa forma a imposição de hábitos pelo capitalismo, também é uma criação de ritmos. “O ritmo próprio do capital é o ritmo de produzir (tudo: coisas, homens, pessoas, etc.) e destruir (através de guerras, através do progresso, através de invenções e intervenções brutais, através da especulação, etc.)” (LEFEBVRE, 2004, p. 55). Essa dualidade entre o produzir e destruir, é levada ao extremo no capitalismo, em que, situações expressa em tecnologia, dinheiro e ritmos acelerados, fazem surgir a arritmia, em vez da euritmia.

A ritmanálise, percorreu um longo caminho, seu uso, passou a ser empregado em diversos estudos, entre eles destaca-se a aplicação da ritmanálise como método por Tarifa no estudo dos climas de São Paulo (Figura 13).

Figura 13: O conceito da Ritmanálise.



Fonte: Organizado pela autora com base nos estudos de TARIFA (2001).

Assim, a ritmanálise para Tarifa é composta por ritmos biológicos, físicos, econômicos e sociais, que interagem ou não entre si, e repetem-se em determinados períodos de tempo. Todas essas relações ocorrem dentro do espaço, visando a euritmia, ou seja, a harmonia dos ritmos.

3.2. Os ritmos e a vida cotidiana

O estudo da vida cotidiana em sociedade, é uma forma de observar a importância da totalidade dos fatos na produção do espaço. Não são somente os grandes fatos que definem a vida cotidiana, mas também os fatos simples, corriqueiros considerados muitas vezes como banais.

Nessa visão, a vida cotidiana para Heller (1970) é considerada como

[...] a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em 'funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias [...] (HELLER, 1970, p. 17).

Através dessa visão podemos considerar, a vida cotidiana, como espelho das atividades humanas, mediante a totalidade de suas ações, seja por meio dos aspectos de sua individualidade, ou de sua personalidade. É por excelência o lugar em que se desenvolve a vida humana, com todas suas singularidades e peculiaridades, pois nela encontramos os reflexos da totalidade das atividades humanas (GUIMARÃES, 2002).

Seguindo os reflexos dessa totalidade das atividades humanas, é por meio da ritmanálise, o caminho possível para demonstrar as relações entre a vida cotidiana e os ritmos, uma vez que, a vida cotidiana é marcada por ritmos, que a definem em uma sociedade.

Dessa maneira, quando alguém refere que o seu “dia de ontem teve um ritmo alucinante” deve querer dizer que num período de vinte e quatro horas esteve em muitos locais diferentes ou efetuou muitas tarefas. Isso querará, então, dizer que, ao contrário de um dia em que o ritmo foi calmo, a distância tempo/espacial entre os locais ou tarefas efetuadas foi pequena para o determinado período de contexto (as 24 horas de um dia) (LOPES, 2015, p.15).

A noção de ritmo, permite valorizar diferentes elementos na nossa reflexão. Ele “é um dos caminhos possíveis para se compreender a interação dialética entre os

fenômenos físicos, biológicos, humanos e sociais do (no) espaço em um determinado lugar da superfície da Terra” (TARIFA, 2001, p. 29).

Os ritmos são, portanto, em sua unicidade ou multiplicidade, repetitivos, quase iguais, mas diferentes. As pequenas diferenças se somam, a partir da unidade, do linear repetitivo; os ciclos e os retornos geram, na dialética das durações, o novo, em uma espiral em permanente mudança. Esta mesma dialética atinge a profundidade do ritmo dos corpos (interior-exterior) ou das relações entre o espaço e o tempo (TARIFA, 2002, p. 76).

O ritmo, para Lefebvre, é algo inseparável dos entendimentos do tempo, em particular a repetição. Encontra-se no funcionamento de nossas cidades, na vida urbana e no movimento pelo espaço. Da mesma forma, na colisão dos ritmos biológicos e sociais naturais, dos ritmos de nossos corpos e da sociedade, a análise dos ritmos proporciona uma visão privilegiada da questão da vida cotidiana (ELDEN, 2004, p.VIII.).

Através da repetição; não como um movimento mecânico e idêntico; os ritmos, podem ser mensurados: o linear e o cíclico.

O cíclico se origina no cósmico, na natureza: dias, noites, estações, as ondas e marés do mar, ciclos mensais, etc. O linear viria antes da prática social, isto é, da atividade humana: a monotonia das ações e dos movimentos, imposta estruturas (LEFEBVRE, 2004, p. 8).

As repetições cíclicas e lineares se separam sob análise, mas interferem constantemente entre si. Nesse processo de análise “o tempo e o espaço, o cíclico e o linear, exercem uma ação recíproca: medem-se um ao outro; cada um se torna medido e medidor” (LEFEBVRE, 2004, p. 8).

A prática social compõe-se de ritmos; cotidianos, semanais, mensais, anuais, etc., nesse processo “o mundo prático aparece como imóvel por causa do ritmo da vida humana. Não vemos a pedra e o metal se desfazerem sob a ação atmosférica. E, não obstante, eles se desfazem” (LEFEBVRE, 1991, p. 182).

Essas práticas diárias, às vezes chamadas de corriqueiras, práticas do dia-a-dia, constituem importante aspecto da produção social do espaço, “na medida em que não apenas a “cultura geral”, mas também os “valores sociais” se fundam” (LEFEBVRE, 1991, p. 182).

Lefebvre (2004), observa que "A vida cotidiana é modelada no tempo abstrato, quantitativo, o tempo dos relógios e relógios". Esta noção de tempo mecânico, " tornou-se o tempo do cotidiano, subordinando à organização do trabalho no espaço, a outros aspectos do cotidiano: as horas de sono e vigília, as horas de refeição e as horas de vida privada, as relações dos adultos com os seus filhos, o entretenimento e os passatempos, as relações com o lugar de residência." (LEFEBVRE, 2004, p.73).

Nesse espaço social, é onde ocorrem as relações sociais de produção, de trabalho e do não trabalho, nos remetendo a tríade espacial lefebvriana do percebido, concebido e o vivido.

3.3. Lugar e Território

Para a Geografia Humanística que se apoia na fenomenologia e no existencialismo, o lugar parte do princípio da experiência, da afetividade, o sentimento de pertencimento que o indivíduo tem com o local. A percepção é sempre percepção da coisa total, compreendida num campo mais amplo, o qual por sua vez, é abrangido em um horizonte de significados mais distantes (LUIJPEN, 1973).

“O lugar é considerado o espaço vivido, isto é, a primeira relação com o mundo, onde, se vive intensamente, se relaciona com as pessoas, e com o próprio espaço geográfico, enfim, é a primeira forma de contato com o mundo” (CALLAI, 2004).

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (field of care), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação (TUAN, 1983, p.421).

Cada indivíduo constrói no seu espaço vivido suas relações, que torna e identifica-o nesse espaço. É um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam, ou seja, “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p.83). É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um.

O lugar torna-se realidade, a partir da familiaridade e afetividade com o espaço, resultado da construção dos grupos que nele vivem. Com isso, o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CARLOS, 1996).

Para Menestrino (2010), os lugares são compreendidos como expressões do espaço, nos quais as vivências acontecem, especificando um modo de vida singular, demonstrando as relações sociais estabelecidas e as formas de organização espacial,

através da relação homem-natureza, que se traduzem em vínculos territoriais, como um modo de vida específico que se dão a partir deles.

Essa relação de poder, leva a configuração do Território, que desde sua origem, esteve ligado a características econômicas, políticas e culturais. Nessa concepção Saquet e Antonello (2010) entendem que:

[...] o território é construído histórica e socialmente, por forças econômicas, políticas e culturais. Há um processo de apropriação do espaço, controle e dominação que gera certa formação territorial. [...] São agentes econômicos, políticos e culturais que traçam e concretizam estratégias de controle e dominação, influenciando as pessoas em suas ações e reações cotidianas (SAQUET e ANTONELLO, 2010, p. 407).

O território é efetivado de fato, quando ocorrem manifestações e exercício do poder, dentro das relações sociais, que os homens mantêm entre si na vida cotidiana, dessa forma, onde existem homens há relações, e têm-se ao mesmo tempo, territórios (VALE *et al*, 2005)

Não se pode construir um Estado sem um território e fronteira, como também por mais simples que seja a sociedade, só será possível sua construção junto com o território que lhe pertence (RATZEL,1990).

Partindo dessa perspectiva Gottmann (2012) entende o território como:

[...] uma porção do espaço geográfico que coincide com a extensão espacial da jurisdição de um governo. Ele é o recipiente físico e o suporte do corpo político organizado sob uma estrutura de governo. [...] podemos, portanto, considerar o território como uma conexão ideal entre espaço e política. Uma vez que a distribuição territorial das várias formas de poder político se transformou profundamente ao longo da história, o território também serve como uma expressão dos relacionamentos entre tempo e política (GOTTMANN, 2012, p. 523).

Devemos entender a dinâmica territorial a partir da periodização, pois cada momento se caracteriza por diferentes formas de uso e apropriação do território, de acordo com os interesses. Assim “territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (SOUZA, 2008, p. 81).

O território não se entende apenas como entorno físico, em que se desenrola a vida humana, animal e vegetal, e onde estão contidos os recursos materiais, mas compreende também, a atividade do homem que modifica esse espaço (ALMEIDA; SOARES, 2009).

Ele não se caracteriza, exclusivamente, por um princípio material de apropriação, apresenta além dessa dimensão material, a dimensão simbólica, muitas vezes construtora da identidade. “Neste sentido, são os sujeitos que constroem o território, no seu processo de reprodução material e simbólica, historicamente por meio da luta de classes, e condicionados pela lógica dinâmica e contraditória do modo de produção capitalista” (CAMACHO, 2010, p. 76).

Partindo desse pressuposto, Haesbaert afirma que:

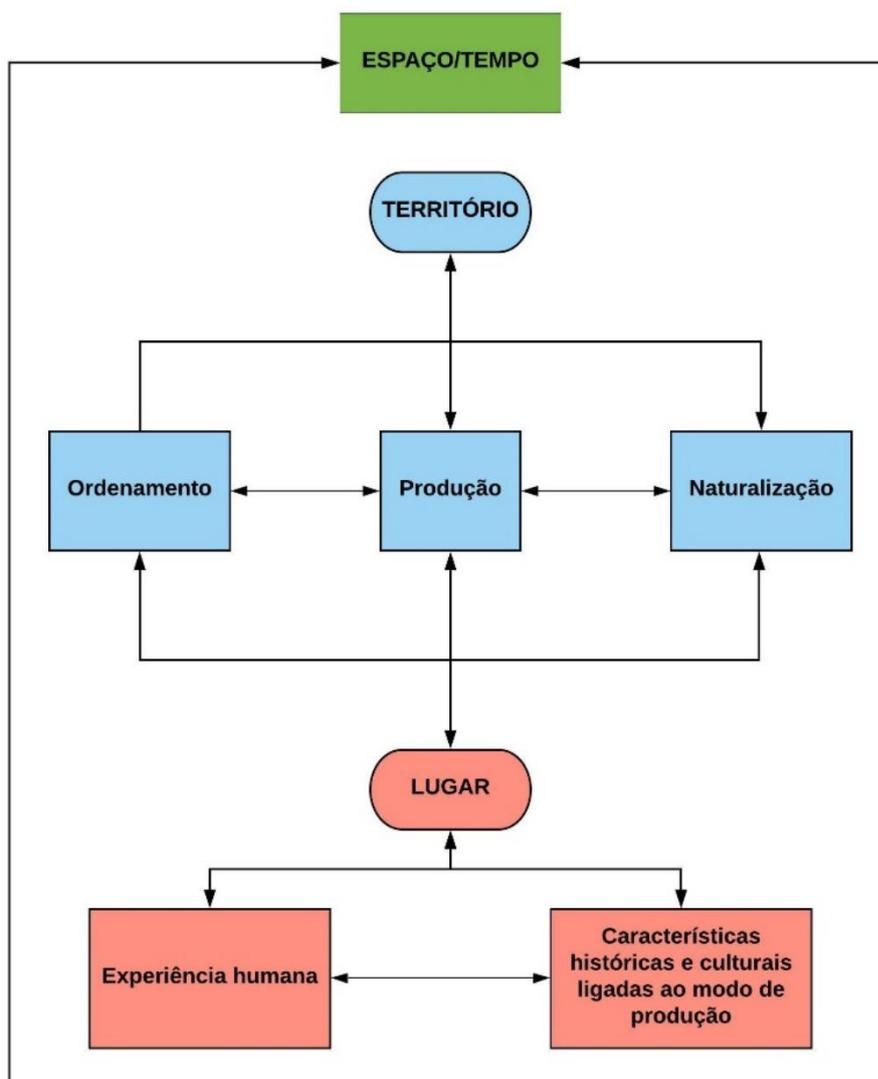
[...] o território envolve sempre, ao mesmo tempo, mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólico-cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo, portanto, uma forma de apropriação) e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: o domínio do espaço pela definição de limites ou fronteiras visando a disciplinarização dos indivíduos e o uso/controle dos recursos aí presentes.” (HAESBAERT, 1997, p. 42).

Mediante essas definições, podemos entender que, o território, se forma a partir da apropriação simbólica e material do espaço pelos sujeitos. Essa apropriação é marcada por características, que farão desse lugar único, aos olhos desses indivíduos. Dessa forma, o território se transforma no lugar, ao mesmo tempo que, o lugar se transforma em território (Figura 14).

Todas essas relações acontecem no espaço e em determinado período de tempo. O espaço pode ser organizado em diversos termos, podendo ser o primeiro a apropriação que supõe a delimitação da área, e o segundo a separação entre aptidões que se estabelece no espaço utilizado (GEORGE, 1970).

É a partir do espaço que o território é formado. Ele é entendido como um espaço constituído a partir da relação entre os homens e seu ambiente material e simbólico. “O território é o lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência.” (SANTOS, 2007, p. 3).

Figura 14: Relação entre lugar e território na apropriação do espaço.



Fonte: Organizado pela autora (2019).

Analisando essa relação no processo de formação do povoado de Placa Santo Antônio, podemos explicar o território a partir de três características similares: ordenamento, produção e naturalização.

O ordenamento do território, é realizado com a finalidade de organizar o espaço, a partir de suas relações políticas, econômicas, culturais, sociais e ambientais. A produção econômica ocorre em função da disponibilidade de recursos nesse espaço. Conseqüentemente esse território é naturalizado, a partir das relações culturais dos indivíduos. No início o modo de produção do povoado esteve voltado para a produção mercantil simples, tendo como base a agricultura, isso em função da fertilidade que as terras possuíam. Através dessa forma de trabalho, o povoado se

organizou e as pessoas se naturalizaram, criando uma identidade própria e familiar da comunidade.

Essas características do processo de formação do território nos remetem a ideia de definição do lugar, onde ocorrem as experiências humanas através de suas vivências, dotadas de simbologia e características ligadas ao modo de produção.

“[...] Lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam, e como fazem/ usufruir do Lazer. É portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço no tempo singularizado considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiência sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento” (CALLAI, 2004, p. 02).

Para Santos (2005) as diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção e estes tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada, pois leva em consideração as dimensões políticas, econômicas e sociais.

Todos esses processos, ocorrem de forma simultânea em determinado espaço/tempo. Por isso “o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (SANTOS, 1978, p.122).

Os conflitos, as disputas, a busca pelo poder sofridas com o decorrer da evolução da humanidade nos levam a refletir que “o espaço é a ‘prisão original que nos foi dado, já o território é a prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN 1993, p. 144). Essa prisão é construída em função de suas necessidades. Necessidades essas que atendem a uma minoria detentora do poder, ficando a maioria à mercê, tendo que se adaptar a esse território construído para uma elite.

As comunidades que surgem atreladas ao modo de produção capitalista, são exemplos desses territórios construídos, que atendem as necessidades somente de uma minoria. Já a maioria, são obrigados a se adaptar a essa forma de vida. Nesse processo de adaptação muitos optam por construir suas vidas em outras localidades, em função de não terem como manter-se nesse espaço, pela falta de oportunidades.

O povoado é um exemplo vivo dessa descrição, pois sua forma simples de viver inicialmente, foi modificada pela introdução do sistema de produção voltado para a agricultura intensiva, atendendo as demandas capitalistas, objetivando o lucro. Com isso muitos foram em busca de outras localidades para construir sua vida.

4. METODOLOGIA

A proposta metodológica desenvolvida na busca pelos resultados fundamentou-se na perspectiva da teoria da ritmanálise, definida por Lefebvre (2004, p. 11), como “ciência, um novo domínio do saber: a análise dos ritmos”, onde considera a compreensão dos ritmos, um possível caminho metodológico, para o entendimento, dos fenômenos. Nesse caso em específico, sobre as modificações do modo de vida dos moradores do povoado de Placa Santo Antônio.

Por meio dela, foi possível desvendar de forma clara e objetiva, a lógica dos processos naturais e socioeconômicos do povoado, fatores esses que em determinados estudos, são tratados de forma isolada, não os levando em consideração na sua totalidade. Seguindo essa lógica, Lefebvre considera que “conhecer um objeto ou um fenômeno é justamente não considerá-lo como sendo isolado, não deixá-lo passivamente no *hic et nunc*, no aqui e no agora. É investigar suas relações, suas causas” (LEFEBVRE, 1991, p.184).

Partindo desse pressuposto, a lógica dialética serviu como base interpretativa desta investigação. Para Gil (2008), ela permite uma “interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece, que os fatos sociais, não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc,” (GIL, 2008, p. 14).

Dessa forma ela permitiu a apreensão do conhecimento mais próximo da realidade vivenciada pelos moradores do povoado, eliminando momentaneamente parte do pensamento, para captar suas qualidades em sua totalidade, pois “o mundo que a ciência faz aparecer é um mundo onde as coisas não são apenas separadas e distintas, “partes extra partes”, mas ligadas através de relações reais” (LEFEBVRE, 1991, p.184).

Nesse processo nada é isolado e todos os fenômenos estão relacionados com os demais. Não podemos somente nos deter as afirmações iniciais, elas estão sujeitas a alterações no decorrer do caminho, pois na visão de Lefebvre (1991):

Para o pensamento vivo, nenhuma afirmação é indiscutível inteiramente verdadeira; nem tão pouco indiscutível e inteiramente falsa. Uma afirmação é verdadeira pelo que ela afirma relativamente (um conteúdo), e falsa pelo que afirma absolutamente; é verdadeira pelo que nega relativamente (sua crítica bem fundamentada das teses contrárias), e falsa pelo que nega absolutamente (seu dogmatismo seu caráter limitado). (LEFEBVRE, 1991, p. 172)

No percurso desse estudo sobre os ritmos foi necessário aprofundar o conhecimento sobre o pensamento de Lefebvre, através da leitura de algumas de suas obras, em especial a intitulada Ritmanálise: espaço, tempo e vida cotidiana (*Rhythmanalysis: Space, Time and Everyday Life*), publicada originalmente como *Éléments de rythmanalyse* em 1992. Nela, Lefebvre sintetiza vários aspectos do seu pensamento acerca do cotidiano, deixando evidente sua crítica ao modo de produção capitalista, abordando o assunto em três aspectos principais, o tempo, o espaço e vida cotidiana, ficando evidente a inter-relação dos ritmos e a influência do sistema capitalista, em modelar o espaço de acordo com os seus interesses, ressaltando que é no cotidiano o primeiro lugar de exploração, dominação e de luta

Conforme Lefebvre desenvolveu seu pensamento, ficou clara a importância de se utilizar a ritmanálise como base nesse estudo, uma vez que, possibilitou analisar os fenômenos do povoado através da compreensão dos ritmos a partir de sua totalidade.

A tese de livre docência escrita pelo professor Dr. José Roberto Tarifa, foi de suma importância na compreensão dos ritmos, como um caminho metodológico através da Ritmanálise. Nessa concepção ele ressalta que:

[...] a Ritmanálise, definida como teoria e método, persegue um duro trabalho milenar de entender as polirritmias dos corpos (respiração, circulação, desejo, sono, alimentação) e do espaço (físico, biológico, humano e social), de modo sistemático e teórico, agrupando práticas muito diversas, de saberes muito diferentes: medicina, história, climatologia, cosmologia, dendrocronologia, poesia (poética), música, sociologia, psicologia e geografia. (TARIFA, 2002, p. 99).

No alcance dos resultados, apresentados, destaca-se o papel do pesquisador (ritmanalista), que desenvolveu a partir de suas percepções das mudanças socioeconômicas e naturais do povoado, os caminhos a serem seguidos nesse estudo.

Na delimitação da área de estudo, levou-se em consideração a área de atuação das Agentes de Saúde na parte urbana e rural, como também os moradores da área rural que não são atendidos pelas agentes, por estarem fora de área, mas que realizam seu atendimento direto no PSF. Dessa forma a área analisada compreendeu, não só a parte urbana, como também a parte rural.

Na elaboração dos mapas apresentados, além do conhecimento acerca da área de estudo, usou-se o *software* QGIs, o Google Earth e os dados disponibilizados

pelo IBGE de 2019, (referente aos municípios, estradas e rodovias de Mato Grosso) e os dados da Embrapa Solos de 2020.

Além do que foi apresentado, abaixo segue a descrição das outras etapas que se fizeram necessárias para a conclusão desse estudo.

4.1 Trabalho de Campo

Esta fase iniciou no mês de novembro de 2019, com visitas ao povoado de Placa Santo Antônio para levantamento fotográfico da área de estudo. Por meio da observação “*in loco*” realizou-se uma mediação entre a prática e a teoria, sendo feita a apreensão dos aspectos relevantes da área para o estudo.

Essa técnica consistiu em ver, ouvir e examinar os fatos e fenômenos da investigação. A técnica da observação desempenha importante papel no contexto da descoberta, obrigando o investigador a ter um contato mais próximo com o objeto de estudo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009).

Além das técnicas apresentadas até o momento, fez-se necessário o uso da entrevista, com aplicação do questionário, para entender o modo de vida, emprego, subsistência e assim compreender os ritmos do povoado de Placa Santo Antônio. Muitos aspectos envolvidos nesse tipo de abordagem, em que o pesquisador procura aprofundar-se, na compreensão dos fenômenos que estuda, interpretando-os segundo a perspectiva dos participantes, não são passíveis de controle e sim de difícil interpretação, pois as pessoas agem de acordo com seus valores, sentimentos e experiências (TERRENCE; ESCRIVÃO FILHO, 2006). Mas, de acordo com Denzin e Lincoln (2011), é através desse conjunto de práticas interpretativas, que podemos fazer o mundo ser visível, uma vez que a visão de mundo é diferente para cada indivíduo

As entrevistas são definidas por Lakatos e Marconi (1991, p.195), como “um processo utilizado na investigação social, para a coleta de dados e para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Ainda de acordo com elas essa técnica ocorre por meio do “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social.

Antes de iniciar as entrevistas, foi necessário encaminhar a proposta de estudo junto com o questionário a ser aplicado, para apreciação pelo comitê de ética, por

meio da Plataforma Brasil, pois toda pesquisa que envolve seres humanos necessita ser aprovada pelo Comitê de Ética.

Objetivando padronizar as entrevistas, o questionário elaborado (Anexo 1) apresentou questões abertas e fechadas. Esse modelo de questionário foi elaborado, visando entender as mudanças e permanências da comunidade desde o seu processo de formação em 1960, como também para realizar levantamento do perfil socioeconômico do povoado.

De acordo com Vergara (2009), um questionário é:

[...] composto por uma série ordenada de questões a respeito de variáveis e situações que o pesquisador deseja investigar. Tais questões são apresentadas a um respondente, por escrito, para que ele responda também dessa forma, independentemente de ser a apresentação e a resposta em papel ou em um computador (VERGARA 2009, p. 39).

Na definição da quantidade de participantes nesse estudo, ou seja, o tamanho da amostra, baseou-se no modelo proposto por Krejcie e Morgan (1970, p.608, apud GERARDI E SILVA, 1981) que estabelece uma relação entre população e amostra (Quadro 3). Nesse modelo em questão, quanto menor o tamanho da população maior será o tamanho da amostra. Para Veal (2011, p. 381) “o total da categoria de sujeitos que são o foco de atenção de um determinado projeto de pesquisa é chamado de população. Uma amostra é selecionada da população”.

Quadro 3: Tamanho da amostra de uma determinada população.

TAMANHO DA AMOSTRA									
<i>N</i>	<i>A</i>	<i>N</i>	<i>A</i>	<i>N</i>	<i>A</i>	<i>N</i>	<i>A</i>	<i>N</i>	<i>A</i>
10	10	100	80	280	162	800	260	2800	338
15	14	110	86	290	165	850	265	3000	341
20	19	120	92	300	169	900	269	4000	346
25	24	130	97	320	175	950	274	5000	357
30	28	140	103	340	181	1000	278	6000	361
35	32	150	108	360	186	1100	285	7000	364
40	36	160	113	380	191	1200	291	8000	367
45	40	170	118	400	196	1300	297	9000	368
50	44	180	123	420	201	1400	302	10000	370
55	48	190	127	440	205	1500	306	15000	375
60	52	200	132	460	210	1600	310	20000	377
65	56	210	136	480	214	1700	313	30000	379
70	59	220	140	500	217	1800	317	40000	380
75	63	230	144	550	226	1900	320	50000	381
80	66	240	148	600	234	2000	322	75000	382

85	70	250	152	650	242	2200	327	1000000	384
90	73	260	155	700	248	2400	331		
95	76	270	159	750	254	2600	335		

NOTA: *n* - TAMANHO DA POPULAÇÃO
a - TAMANHO DA AMOSTRA

Fonte: Organizado pela autora com base nos dados de KREJCIE e MORGAN (1970:608).

Em relação ao critério proposto por Krejcie e Morgan (1970), houve uma adaptação nesse estudo para determinar o tamanho da amostra, uma vez que eles se baseiam no tamanho da população nessa definição. Essa adaptação ocorreu devido ao tamanho do povoado, dessa forma utilizou-se a quantidade de imóveis para determinar o tamanho da amostra. Estimou-se que no povoado havia cerca de 140 casas, desse modo foram realizadas 103 entrevistas.

Todo estudo que envolve seres humanos pode gerar algum risco específico, como um desconforto, constrangimento ou até mesmo uma certa expectativa em relação ao estudo. Ciente desse risco, antes de iniciar a entrevista com a aplicação do questionário, cada participante foi informado sobre os objetivos e procedimentos do estudo.

Com o intuito de obter informações sobre o povoado na totalidade dos fatos, essas entrevistas foram realizadas em 103 casas diferentes, contemplando não só os moradores da área urbana como também os moradores da área rural do universo de análise.

Essa etapa foi dividida em 4 grupos, não havendo um critério específico para essa divisão, tendo sido os participantes escolhidos aleatoriamente. O único critério estabelecido foi em relação aos participantes, pois o mesmo deveriam ser moradores da área de estudo; maior de idade e participar voluntariamente, aceitando responder ao questionário. Todos tiveram a liberdade de desistir de sua participação no estudo, mas não houve nenhum caso dessa natureza.

O grupo 1 teve um total de 26 participantes, sendo desses 15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Nesse grupo foi possível realizar somente três entrevistas no início de abril de 2020, mas, com o aparecimento de casos de COVID, no município de Juscimeira, visando a prevenção tanto dos participantes, quanto do pesquisador, não foi possível dar continuidade aos trabalhos de campo. A retomada só aconteceu no mês de novembro, período esse, em que houve uma certa segurança na realização dos trabalhos. A finalização desse grupo, ocorreu no dia 14 de novembro de 2020.

O grupo 2 teve um total de 26 participantes, sendo 12 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, sua finalização ocorreu em 16 de janeiro de 2021.

O grupo 3 teve um total de 26 participantes, sendo desses 10 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. As entrevistas nesse grupo foram finalizadas no dia 20 de janeiro de 2021.

O grupo 4 teve um total de 25 participantes, sendo, 10 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, concluindo assim no dia 27 de fevereiro a fase das entrevistas.

Através dessas entrevistas foi possível obter informações sobre a naturalidade, renda, composição familiar, história de ocupação e formação do local, que possibilitaram a descrição dos resultados apresentados nesse trabalho, sendo a compreensão dos fenômenos apresentados, segundo a visão dos participantes.

Dessa forma, os trabalhos de campo foram organizados objetivando coletar informações e dados que contemplasse a natureza de estudo, na forma de observações, levantamento fotográfico e aplicação de questionários.

4.2 Análise dos dados

Após esse contato direto com o objeto de estudo, proporcionado pelas entrevistas, os dados coletados individualmente, foram organizados e tratados estatisticamente, sendo sua análise feita de forma coletiva. Portanto, as informações obtidas, não tiveram outro intuito a não ser sua abordagem a partir da totalidade dos fatos.

Os dados passaram por um processo de análise estatística, através do emprego de cálculos matemáticos de soma, média e porcentagem, utilizando o programa da *Microsoft Excel* (2016).

A somatória dos dados, foi realizada de acordo com as informações fornecidas pelos participantes sobre: renda, escolaridade, sexo, emprego, faixa etária, cidade de origem e ano de chegada na comunidade. Após a somatória, foi possível estabelecer a porcentagem que cada alternativa apresentou em relação ao número de participantes. Já a média de pessoas por casa foi obtida utilizando a fórmula de média aritmética simples:

$$\bar{x} = \frac{\sum P_1, P_2, P_3 \dots}{n}$$

Em que:

P = número de pessoas por casa informado pelos participantes.

n = total de participantes.

\bar{x} = média de pessoas por casa.

Com o uso dessas técnicas matemáticas, foi possível organizar esses dados em forma de figuras e quadros, apresentados no texto.

As figuras de renda, escolaridade e situação de emprego, foram organizados de acordo com a alternativa assinalada pelos participantes, fazendo assim, uma comparação entre as categorias apresentadas.

A origem dos participantes foi representada utilizando a figura em estilo pizza, por ser didaticamente fácil a sua interpretação. Ainda sobre os dados de origem dos participantes, utilizou-se a figura tipo barra, para demonstrar as cidades dos participantes que responderam ser de origem mato-grossense.

Na elaboração da figura sobre o deslocamento populacional, levou em consideração as informações fornecidas pelos participantes, sobre o ano e local de onde vieram. Esses dados foram agrupados por década, tomando como ponto de partida o ano de 1960. Assim foi possível elaborar uma figura, utilizando linhas e colunas, para melhor entendimento.

No questionário, além das questões fechadas, onde os participantes marcaram as opções de acordo com suas realidades, haviam também questões abertas que serviram como base para a descrição do processo histórico de formação e das transformações ocorridas no povoado, no período de 1960 a 2020. Nessas questões abertas, os participantes tiveram a oportunidade de responder livremente.

Sem sombra de dúvidas, foi a parte mais difícil de ser interpretada nesse estudo, pois essas informações foram analisadas a partir de sua totalidade, dessa forma os trechos das entrevistas presentes no texto, refletem os fatos no coletivo. Preservando a imagem do participante, mantendo seu anonimato, esses trechos foram identificados de acordo com o número do questionário e a data em que foi respondido. Não havendo, assim nada que possa identificar a identidade desse participante.

Após a conclusão dos resultados, esses dados foram discutidos, buscando aplicar o conceito da ritmanálise nessa interpretação, a partir da análise dos ritmos.

5. RESULTADOS

5.1 Caracterização socioeconômica

Tendo em vista a caracterização socioeconômica do povoado por meio deste estudo, tem-se a discussão dos dados referente ao sexo, faixa etária, número de pessoas por residência, escolaridade, situação de emprego e sobre o deslocamento populacional, elencando o ano e a cidade/estado de origem dos participantes.

No total, foram realizadas 103 entrevistas em 103 casas diferentes. No quadro 4, encontra-se a informação do total de participantes de acordo com o sexo informado.

Quadro 4: Sexo dos participantes

Sexo	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Cumulativa
Feminino	57	55.3	54.4
Masculino	46	44.7	100
Total	103	100.0	

Fonte: ados da pesquisa (2021).

Conforme pode ser observado, com relação ao sexo dos entrevistados, o sexo feminino (55,3%) é superior ao masculino (44,7%) com uma diferença de 10,6%.

No que compete a idade dos participantes no estudo em questão, tem-se os seguintes resultados apresentados no quadro 5:

Quadro 5: Faixa etária dos participantes.

Faixa Etária	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Cumulativa
18-19	0	0	0
20-29	5	4.9	4.9
30-39	13	12.6	17.5
40-49	23	22.3	39.8
50-59	26	25.2	65.0
60-69	23	22.3	87.4
70-79	10	9.7	97.1
80-89	3	2.9	100.0
>90	0	0	100.0
Total	103	100.0	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Observa-se como faixa etária predominante dessa pesquisa as pessoas com idade entre 50-59 anos (25,2%), seguido das faixas etárias 40-49 e 60-69 anos com

22,3% cada. Dessa forma, nota-se que 60,1% dos participantes possuem idade acima dos 50 anos, sendo esse dado relevante para o estudo, uma vez que, essas pessoas possuem uma vivência e experiência maior em relação ao povoado de Placa Santo Antônio.

As informações sobre o número de pessoas por casa encontram-se descrita no quadro 6, valores esses informados pelos participantes. Com esses dados foi possível encontrar o total de pessoas, levando em consideração a frequência do número de pessoas por casa.

Quadro 6: Número de pessoas por casa dos participantes.

Pessoas por Casa	Frequência	Total de pessoas	Porcentagem	Porcentagem Cumulativa
1	12	12	11.7	11.7
2	38	76	36.9	48.5
3	24	72	23.3	71.8
4	15	60	14.6	86.4
5	12	60	11.7	98.1
6	1	6	1.0	99.0
7	0	0	0.0	99.0
8	1	8	1.0	100.0
Total	103	294	100.0	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nota-se que 36,9% dos participantes, somente 2 pessoas residem em suas casas. Através dessas informações foi possível calcular a média do número de pessoas por casa. Esse cálculo foi realizado levando em consideração o número total de pessoas (294 pessoas) e o número total da frequência (103), que corresponde ao número de entrevistas realizadas (Quadro 7).

Quadro 7: Média de pessoas por casa em relação ao número de participantes.

Total de Pessoas	Total de Entrevistas	Média	Média Aproximada
294	103	2.9	3

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com isso chegou-se ao resultado médio de 2,9 pessoas por casa, ou seja, aproximadamente 3 pessoas. Esse resultado corrobora com a somatória percentual dos participantes que vivem com mais de 2 pessoas por casa, totalizando 51,5%.

Utilizando a média que consta no quadro 07, foi possível estimar o total de pessoas que compõem a área de estudo (Quadro 8). Nessa estimativa, foi

considerado os dados fornecidos pelas Agentes de Saúde, da quantidade de famílias que cada uma atende mensalmente, tanto da parte urbana quanto da parte rural. Além das famílias atendidas por elas, sete famílias da área delimitada nesse estudo realizam seu atendimento quando necessário no PSF-4 do povoado, sendo, esses classificados como fora de área de atuação.

Quadro 8: Estimativa populacional da área de estudo.

Zona	Agente 1	Agente 2	Fora de área de atuação	Total de Famílias	Total de pessoas	Porcentagem
Urbana	82	76	-	158	458	82.7
Rural	14	12	7	33	96	17.3
Total	96	88	7	191	554	100

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Estima-se que na área de estudo, há aproximadamente 560 pessoas, sendo que, desse total 17,3% vivem na zona rural e 82,7% vivem na parte urbana do povoado. De acordo com o Plano Municipal de Saneamento Básico de Juscimeira – PMSB, realizado em 2016, estimava-se que havia no povoado (na parte urbana) cerca de 500 habitantes, com relação a esse valor, houve uma redução de 8% no número de pessoas vivendo na comunidade.

Continuando a discussão dos dados, no quadro 9 é possível observar a faixa etária do total de pessoas informadas no quadro 6.

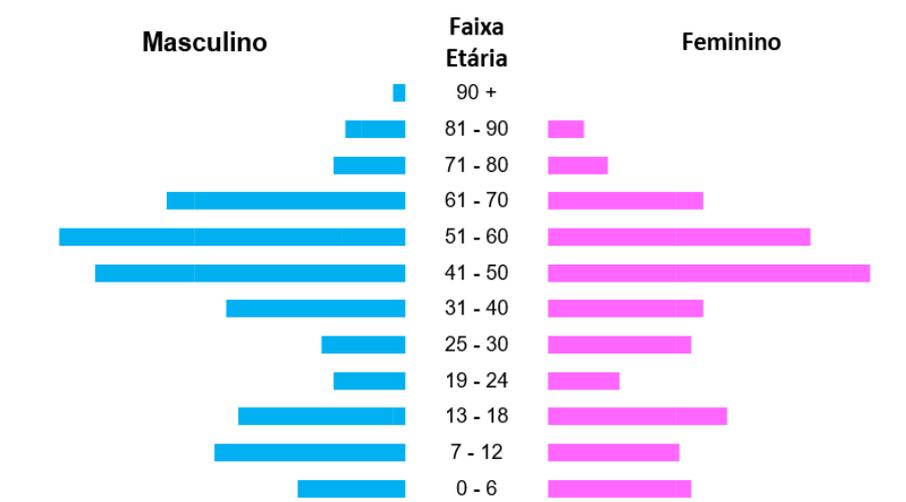
Quadro 9: Faixa etária do total de pessoas apresentado no quadro 06.

Faixa Etária	Masculino	Feminino	Total	Porcentagem	Porcentagem Cumulativa
0 - 6	9	12	21	7.1	7.1
7 - 12	16	11	27	9.2	16.3
13 - 18	14	15	29	9.9	26.2
19 - 24	7	7	14	4.8	31.0
25 - 30	7	12	19	6.5	37.4
31 - 40	15	13	28	9.5	46.9
41 - 50	26	27	53	18.0	65.0
51 - 60	29	22	51	17.3	82.3
61 - 70	20	13	33	11.2	93.5
71 - 80	6	5	11	3.7	97.3
81 - 90	4	3	7	2.4	99.7
90 +	1		1	0.3	100
Total	154	140	294	100	
Porcentagem	52.4	47.6			

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Observa-se através dos dados informados no quadro 9, que há na comunidade uma quantidade expressiva de pessoas com idade acima de 40 anos (52,9 %). Levando em consideração o número de pessoas com idade acima de 60 anos, observa-se um total de 17,6%, demonstrando um número considerável de pessoas aposentadas ou próximas a se aposentar.

Figura 15: Pirâmide etária do povoado.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em 2019 a expectativa de vida da população brasileira era em média 76,6 anos, dessa forma 2,7%, da área de estudo estão acima dessa média.

É possível observar, que em relação ao número total de pessoas que consta no quadro 9, e comparando com a figura 15, o povoado possui mais pessoas do sexo masculino (52,4%), em relação ao sexo feminino (47,6%). Ao analisar a pirâmide etária (Figura 15), observa-se que o povoado se encontra em processo de envelhecimento, esse problema pode estar relacionado pela baixa taxa de natalidade, evasão dos jovens para as cidades e a falta de emprego na região.

Tendo em vista a continuidade da discussão do perfil dos participantes desse estudo, apresenta-se no quadro 10, os dados referentes ao nível de ensino dos mesmos.

Quadro 10: Nível de escolaridade dos participantes.

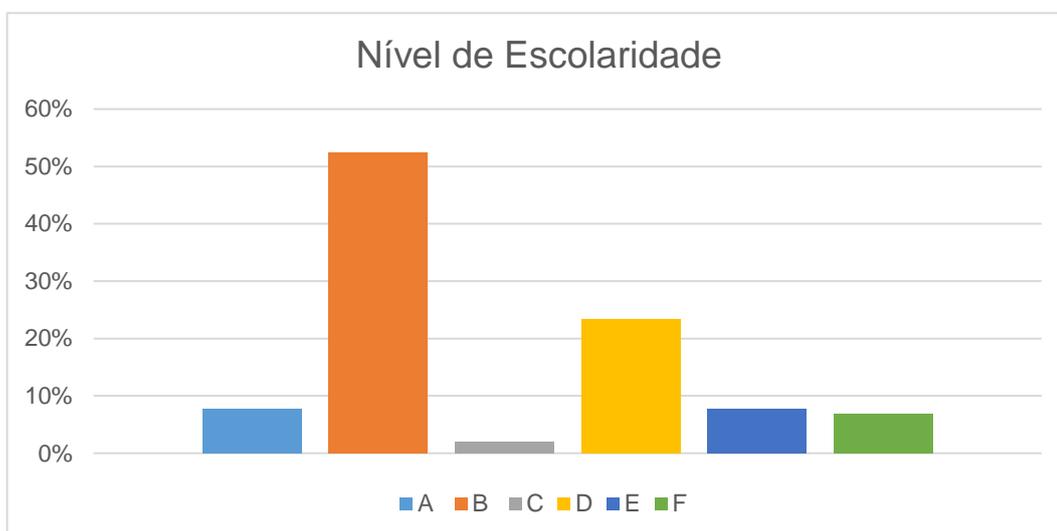
Nível de Ensino	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Cumulativa
A	8	7.8	8
B	54	52.4	60

C	2	1.9	62
D	24	23.3	85
E	8	7.8	93
F	7	6.8	100
Total	103	100	

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Assim, cada letra do alfabeto representa um nível, sendo: A- Analfabeto; B- Ensino Fundamental Incompleto; C- Ensino Fundamental Completo; D- Ensino Médio Completo; E- Ensino Médio Incompleto; F- Ensino Superior. Para melhor entendimento, apresenta-se na figura 16 um comparativo entre os níveis de escolaridade.

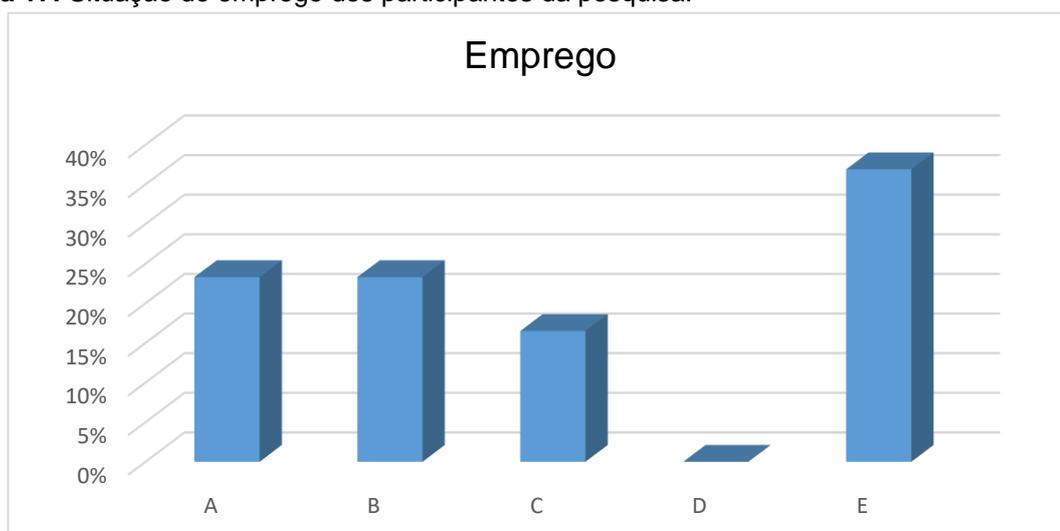
Figura 16: Comparativo entre as variáveis apresentadas no quadro 9.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Através desse comparativo, é possível observar um número expressivo de pessoas que possuem somente o ensino fundamental incompleto (52%), ou seja, mais da metade dos entrevistados.

Na figura 17, observa-se a situação de emprego dos participantes da pesquisa, em que, A corresponde a Empregado, B – Desempregado, C – Autônomo, D – Estudante e E – Aposentado.

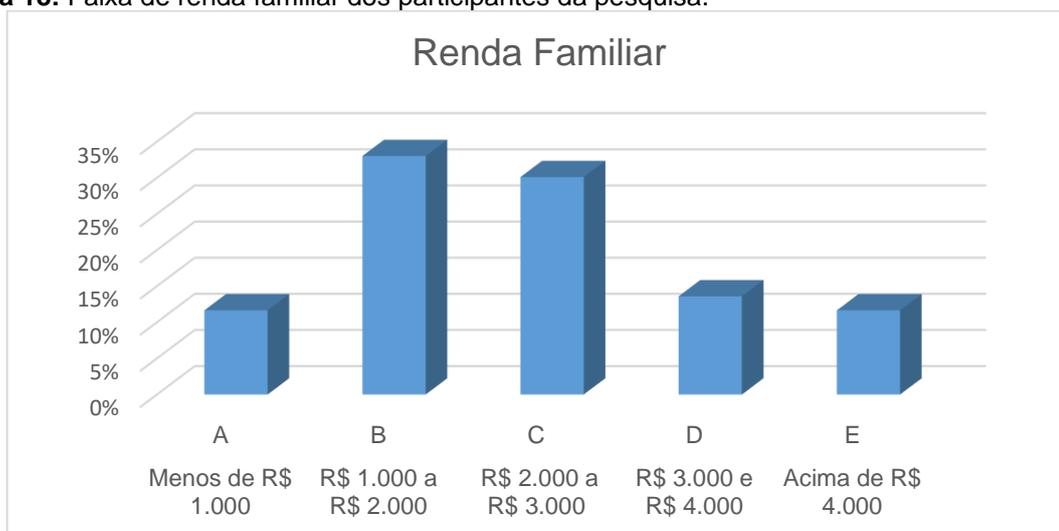
Figura 17: Situação de emprego dos participantes da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nota-se que a maior parte dos participantes são pessoas aposentadas (37%). Os que informaram as opções empregados e desempregados correspondem a 23% cada. Não teve nenhum participante nesse estudo que fosse estudante.

Com relação aos participantes que informaram estarem desempregados 10,7% trabalham na diária em serviços informais e 12,6% trabalham somente no lar. Já com relação a faixa de pessoas autônomas 6,8% são sitiantes e 2,9% são pamonheiros, o restante com 0,9% cada é distribuído entre pescador, boiadeiro, padeiro, carreteiro, freiteiro, vendedor e alambrador.

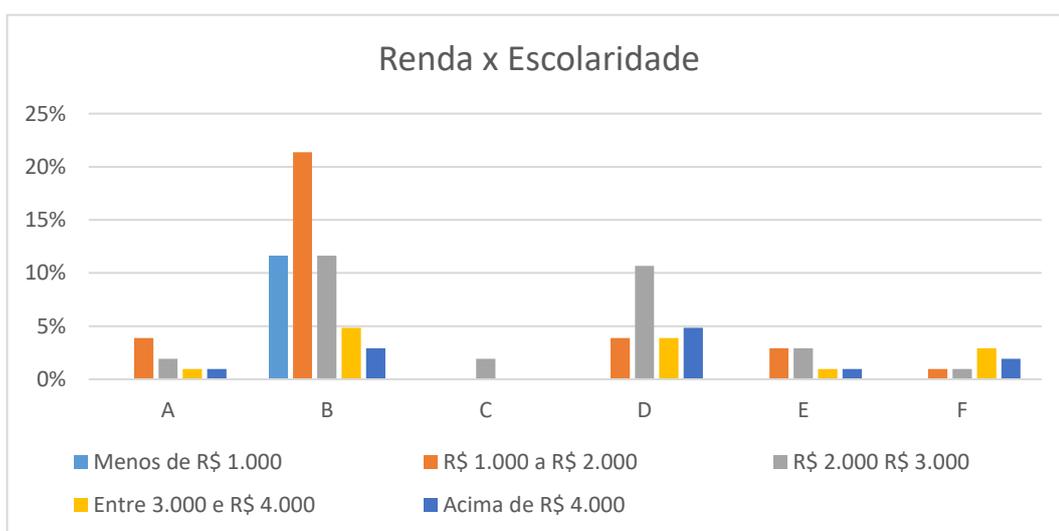
Analisando a questão da renda familiar (Figura 18) dessas pessoas, observa-se que a faixa de renda mais informada pelos participantes foi de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00; seguida da faixa de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00. Juntas somam 63%, ou seja, mais da metade das famílias dos participantes, recebem acima de 1 salário mínimo.

Figura 18: Faixa de renda familiar dos participantes da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Levando em consideração o rendimento médio domiciliar per capita no Estado de Mato Grosso em 2019 de R\$ 1.402,87, observa-se que apenas 12% dos participantes desse estudo vivem com renda dentro da média do Estado.

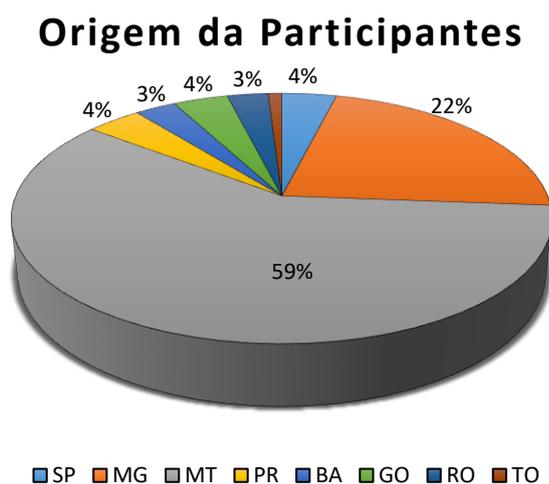
Quando relacionamos a renda com o nível de escolaridade, é possível observar através da figura 19, que 21% dos participantes que informaram uma renda familiar de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 possui o ensino fundamental incompleto. Nessa mesma categoria de ensino podemos observar um número expressivo de famílias com renda abaixo de R\$1.000,00, (12%).

Figura 19: Relação entre renda familiar e escolaridade dos participantes.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O povoado possui uma grande mistura de culturas, em função da origem das pessoas que aqui chegaram (Figura 20). A maior parte dos participantes informaram ser de Mato Grosso (59%), seguido de Minas Gerais (22%), Paraná, Goiás e São Paulo (4%), Bahia e Rondônia (3%) e Tocantins (1%). Dessa forma, a comunidade apresenta origem advindas das cinco regiões do Brasil

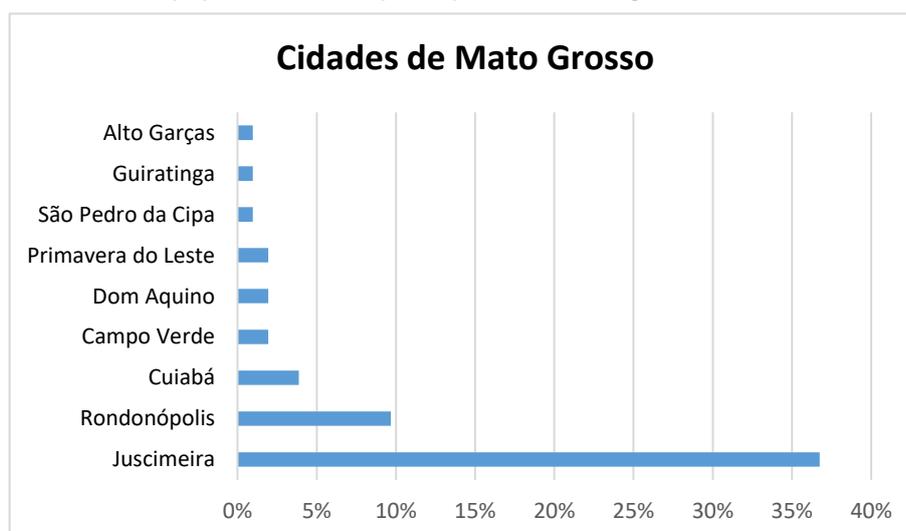
Figura 20: Estados de origem dos participantes da pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Os participantes que informaram ser do Mato Grosso vieram das cidades de Juscimeira, Rondonópolis, Cuiabá, Campo Verde, Dom Aquino, Primavera do Leste, São Pedro da Cipa, Guiratinga e Alto Garças (Figura 21).

Figura 21: Deslocamento populacional dos participantes com origem de Mato Grosso.

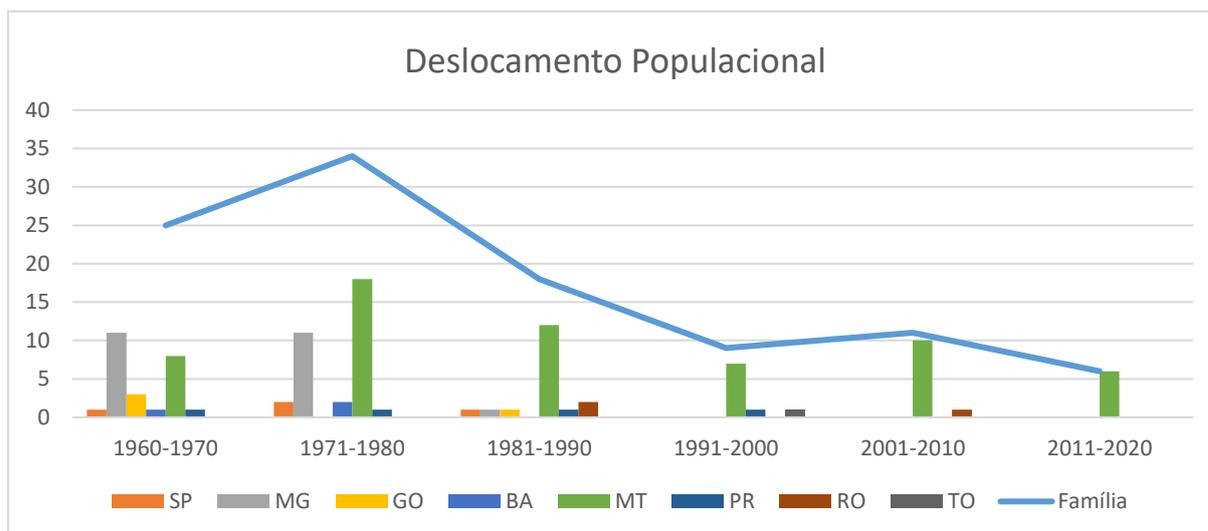


Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Observa-se que dos 37% que informaram ser de Juscimeira, 25% nasceram e vivem no povoado, os outros 12% é composto por pessoas que vieram dos distritos vizinhos e da própria sede do município.

Através da figura 22 é possível observar como se deu esse processo de deslocamento dos participantes ao longo dos anos.

Figura 22: Deslocamento populacional dos entrevistados por período.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Entre os anos de 1960 até 1980 houve um crescimento populacional do povoado em função do número de migrantes oriundos principalmente de Minas Gerais. Nos últimos anos da década de 1980 e na década de 1990 observou-se uma diminuição no volume desses migrantes interestaduais, sendo as movimentações após 1990 entre as cidades do próprio estado de Mato Grosso.

5.2 Processo histórico de formação do Povoado

O local onde hoje se encontra o Povoado de Placa Santo Antônio, pertencia a Colonizadora Industrial, Pastoril e Agrícola Ltda – CIPA, que em 1947, comprou uma área de 70 mil hectares, abrangendo a região do Vale do São Lourenço, que atualmente corresponde aos municípios de São Pedro da Cipa, Dom Aquino, Juscimeira e Jaciara.

Não se sabe ao certo o ano exato de início do processo de formação do povoado, estima-se que foi por volta de 1960, pois os pioneiros que aqui chegaram, a maioria não se encontra mais presente em nosso meio, para informar com exatidão

os fatos dessa história. Os antigos moradores contam que aqui nessa região haviam sete placas com nomes de núcleos habitacionais que surgiram as margens da estrada que hoje passa a BR163/364.

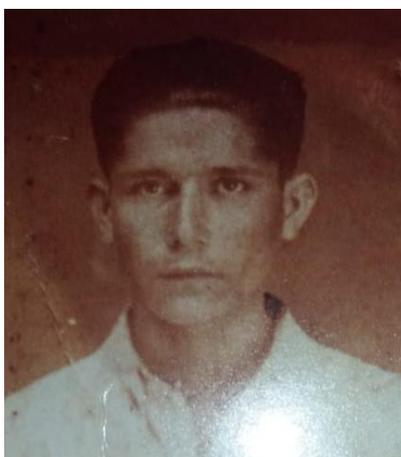
Os núcleos que surgiram nas terras pertencentes a CIPA recebiam nomes em homenagem aos familiares desse grupo. Um deles chamava-se Antônio, então membros dessa colonizadora colocaram uma placa em homenagem a ele de Santo Antônio. Foi a mesma coisa com Santa Elvira, hoje distrito de Juscimeira e placa São João, que não se desenvolveu e acabou se desfazendo.

Essa placa com o nome de Santo Antônio servia como ponto de referência, para parada dos viajantes. Havia um meio de transporte na época conhecido pelo nome de Baleia (ônibus). Quando perguntado pelo motorista em que local iriam descer, indicavam a placa escrito Santo Antônio, pois haviam outras placas. Com o passar dos anos, se tornou um hábito dizer que iriam descer na placa Santo Antônio, permanecendo assim como nome do povoado.

Aqui no lugar onde é a Placa Santo Antônio era só mato, perto da rodovia que naquela época era estrada de chão haviam dois ranchinhos que moravam em um o senhor por nome/apelido de Bahia, e no outro o senhor Antônio Gomes.

No ano de 1961 chegou para esta localidade o Senhor Amaro Felix de Oliveira (Figura 23), sua esposa Maria Amélia Dias de Oliveira e seus quatro filhos. Seu Amaro, oriundo do Estado de Minas Gerais, possuía um caminhão pau-de-arara, e junto com sua família viera outras famílias. Algumas dessas famílias trabalharam para ele por algum tempo em sua terra que havia comprado ao lado de onde hoje se encontra o povoado.

Figura 23: Senhor Amaro Felix de Oliveira, um dos primeiros pioneiros do povoado (fotografia do ano de 1943).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

O senhor Vicente Pires da Silva (Figura 24), sua esposa Ana Maria de Souza e seus 4 filhos, foram uma das famílias que vieram junto com seu Amaro Felix. Seu Vicente era um grande contador de histórias, fazia muita gente sorrir, principalmente nos velórios. Era uma figura muito conhecida, por sua alegria e bom humor.

Figura 24: Senhor Vicente Pires e sua esposa Ana Maria.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Em 1962, vindo do Estado de São Paulo, chegou aqui para esse povoado junto com seus pais a senhora Maria Ribeiro. Dona Maria foi professora aqui no povoado desde 1965 até sua aposentadoria.

Nesse mesmo ano, oriundos do estado de Goiás, chegou também para esta localidade o senhor Osório Gomes da Silva, sua esposa Rita Gomes da Silva e seus 11 filhos. Ao chegarem aqui, foram morar em um sítio a 4 km de distância do povoado, depois mudaram para outro sítio cerca de 1 km distante da comunidade (Figura 25), onde ali montaram a primeira barraca de pamonha da região as margens da BR163/364 tornando um ponto de parada dos viajantes que transitavam na estrada.

Figura 25: Casa de seu Osório e Dona Rita, construída na década de 1980 a beira da BR 163/364.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Poucos anos depois de chegar para esta localidade o senhor Amaro adoeceu e foi se tratar em Belo Horizonte, mas não resistiu e veio a óbito no ano de 1964.

Nesse ano no dia 06 de setembro chegou para cá a família do Senhor Otaviano Ribeiro de Queiroz Sobrinho (Figura 26) junto com sua esposa Nadir da Silva Queiroz e seus filhos, para morarem no sítio que haviam comprado a cerca de 3 km distante da comunidade. O mesmo era também um líder religioso, no qual foi diácono na Igreja Adventista da Promessa. Seu Otaviano era natural de São Paulo, mas veio da cidade de Dom Aquino para o povoado onde permaneceu no mesmo até o fim de sua vida.

Figura 26: Senhor Otaviano Ribeiro de Queiroz Sobrinho



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

O senhor Valdemar Correia e sua família também chegaram para essa vizinhança no ano de 1964, sendo um grande benfeitor para o povoado, doou os terrenos para a construção da Igreja Católica e da Escola Estadual.

Esses primeiros moradores que aqui chegaram não vieram no intuito de construir uma comunidade, e sim para suas terras (sítios) que haviam comprado em volta de onde se formou o povoado. Junto com eles vieram outras famílias, sendo parte delas os responsáveis por iniciarem o núcleo habitacional.

No início de desenvolvimento do povoado as condições econômicas eram todas proveniente das lavouras. A terra era muito fértil, então derrubavam a mata e começavam a plantar no meio dos tocos. O plantio era feito em duas etapas. Na primeira etapa plantavam milho e arroz, já na segunda plantavam feijão e algodão.

No ano de 1964 até por volta de 1970 foi o período em que o número de moradores na parte urbana do povoado começou a crescer. Primeiro a comunidade se desenvolveu do lado esquerdo, após alguns anos começou o processo de

ocupação do lado direito (permanecendo até hoje). Conta-se os mais velhos, que essa área da comunidade foi doada pelo senhor Milton Ferreira.

Em 1976 seu Manoel Coelho veio de Minas Gerais com sua família para essa localidade. Junto com ele viera seu cunhado o senhor Alcino e sua família. Além de ser um líder religioso, seu Manoel contribuiu muito para que houvesse melhorias no povoado. A água que passou a ser fornecida para a comunidade era de uma mina localizada em seu sítio, onde o mesmo, vendo as dificuldades dos moradores para obterem água cedeu-a de forma gratuita, essa água foi canalizada no período da administração do senhor Ramon Araújo.

Até a década de 80, vieram pessoas de vários estados do país, gente de Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Bahia, Goiás, Rondônia e do próprio Mato Grosso. O povoado virou uma mistura de culturas. Entre essas culturas a que mais se destacou na culinária foi a pamonha e a rapadura.

O povoado por muito tempo ficou conhecido como a terra da pamonha devido ao grande número de pamonheiros que aqui viviam. No início as pamonhas eram feitas e cozidas direto nas latas (Figura 27).

Figura 27: Lata de alumínio que era utilizada para cozinhar a pamonha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Eram nessas latas que os pamonheiros levavam as pamonhas para serem vendidas em Cuiabá e Rondonópolis.

As pamonhas eram feitas somente durante a safra do milho, após esse período as pessoas viviam de feiras, bicos, usina e das roças. Hoje mudou muito essa forma de produção, com as caixas de isopor a conservação desses produtos passou a ser mais durável (Figura 28).

Figura 28: Pamonhas sendo armazenadas em caixa de isopor, após seu processo de cozimento.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Conta-se que essa tradição começou com o senhor Antônio Baiano e a senhora Maria Baiana que faziam suas pamonhas e levavam para vender na feira em Cuiabá. Vários pamonheiros fizeram e fazem parte dessa história, entre eles temos: Milton Gato, Fizíco, Dona Rita, Manezinho, Zico, Chico Torto, Adolfo, Manoel Moura, Vitalina, Jeronimo, Serafim, Zé Pires, Dison, Vavá, Banda, Mida, entre outros. Hoje esse ofício vem sendo passado de pai para filho, mantendo viva essa cultura há mais de 50 anos (Figura 29).

Figura 29: Pamonheiros.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021). A) Família que obtém sua renda da produção de pamonha, tendo essa atividade iniciada com o senhor Chico Torto (*in memoriam*) B) Casal mantém tradição há mais de 30 anos, iniciado na família com o senhor Manoel mais conhecido como Manezinho (*in memoriam*).

Em 1981 com a emancipação de Juscimeira, o senhor Ramon Araújo Itacaramby foi nomeado administrador desse município pelo então Governador

Frederico Campos. Durante seu período como administrador realizou obras que beneficiaram diretamente os moradores desse povoado. Entre elas podemos destacar a rede de distribuição de água (Figura 30) com instalação do chafariz, e o posto de saúde (Figura 31) para atendimento dos moradores.

Figura 30: Inauguração da rede de água no povoado.



Fonte: Foto extraída do documento escrito por Ramon sobre seu período como administrador do município de Juscimeira após a emancipação. Organizado pela autora (2021).

Figura 31: Posto de saúde construído por Ramon Araújo Itacaramby.



Fonte: Foto extraída do documento escrito por Ramon sobre seu período como administrador do município de Juscimeira após a emancipação. Organizado pela autora (2021).

Filho de seu Amaro Felix, um dos pioneiros dessa comunidade, o senhor João Felix de Oliveira, mais conhecido como João da Lica (Figura 32), foi o primeiro representante político do povoado na câmara dos vereadores de Juscimeira, eleito em 1988. Ainda nesse aspecto político, representaram a comunidade os senhores Sidnei José Pasqualotto, Wesley Junior Araujo Lima e Sebastião Rodrigues Barbosa.

Figura 32: Retrato do primeiro mandato como vereador do senhor João da Lica em 1989.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Aqui era uma região muito movimentada, recebia pessoas de locais próximos ao povoado, principalmente da Grota da Onça, pois, além do armazém e da máquina de limpar arroz, havia também, lojas, botecos, escola municipal e a igreja evangélica, sendo somente na década de 1970 a construção da igreja católica.

A paixão pelo futebol era marca registrada dessa comunidade. O campo de futebol foi construído a mão. Entre alguns que trabalharam direta ou indiretamente nessa construção podemos citar: Ângelo Paraguai, Tião da Brolina, Valdemar Correia, Dito, Manezinho, entre outros.

Nos finais de semana as pessoas se reuniam em volta do campo para assistirem as partidas de futebol, sendo este o principal divertimento de muitos moradores. O futebol era o momento de reunião entre os moradores do Povoado.

A paixão pelo esporte era tamanha, que essas pessoas mesmo não tendo condução para irem aos torneios em outras localidades, iam na carroceria do trator ou do caminhão, cada um contribuindo para pagar o motorista. Além do time (Figura 33), a torcida não podia faltar.

Figura 33: Time de futebol do povoado, participando do campeonato disputado em Jaciara no ano de 1995.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Nesse processo histórico, a Igreja Católica desempenhou importante papel não só no aspecto religioso como também social, tendo em vista que os sacerdotes que aqui residiam vindo em missão da Alemanha, desenvolveram ao longo dos anos várias formas de ajudar no desenvolvimento da região. No início não existia uma igreja na comunidade, as celebrações eram feitas na escola municipal. Após a chegada de Pe. João Henning em 1967 e Pe. Mário Henning em 1968, iniciou-se a construção da igreja na comunidade em 1971 (Figura 34), no terreno doado pelo senhor Valdemar Correia.

Figura 34: Igreja Católica Santo Antônio de Pádua, construída com doações de benfeitores.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Vendo a necessidade desse povoado, os padres construíram uma creche infantil, com recursos oriundos de doações dos benfeitores. Esse prédio, nomeado como Rainha dos Apóstolos, foi cedido para o município atender as crianças, permanecendo esse atendimento até o ano 2018.

Irmã Paula (*in memoriam*) era uma das benfeitoras que ajudou essa comunidade, enfermeira aposentada, morava na Suíça, mas, sempre que tinha a oportunidade vinha para o Brasil. Paula era conhecida pela sua generosidade, sempre trazia medicamentos, roupas, tecidos e brinquedos para doação (Figura 35), além de trabalhar voluntariamente ensinando tricô para as mulheres da comunidade.

Figura 35: Roupas e brinquedo doado pela irmã Paula em 1990.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

No aspecto religioso a comunidade é bastante conhecida pela sua tradicional festa de Santo Antônio, padroeiro local, essa festa acontece a mais de 40 anos. No início eram dois dias de festa, com baile, venda de comidas e leilões de galinhas, penas de frutas, como também iguarias que as famílias produziam em suas propriedades e levavam para serem leiloadas. Ainda nesse aspecto religioso, a Folia de Santos Reis, realizada no dia 06 de janeiro, também faz parte da história desse povoado, seu ápice acontece com a chegada da bandeira na igreja.

5.3 A Usina Jaciara

A Usina Jaciara foi criada no ano de 1962, durante o governo de Fernando Correio da Costa, mas sua implantação foi iniciada de fato em 1963, às margens do Rio Tenente Amaral localizado no município de Jaciara.

Até meados de 1961, existiam vários pequenos engenhos que produziam rapadura e outros derivados da cana de forma artesanal. Numa iniciativa então inédita no Brasil, o governo estadual promoveu a partir da safra de 1.962 a compra de toda plantação de cana, e os canavieiros em troca de incentivos fiscais e financiamento oficial, se comprometeram a vender suas safras para o governo via Usina Jaciara. Com o compromisso oficializado por parte dos plantadores de cana, em 10 de novembro de 1.962, o Estado, pela Lei 1.765, criou a Usina Jaciara, que teve a sua implantação iniciada logo no ano seguinte (JESUS, 1998, p. 49).

A primeira safra produzida após sua implantação ocorreu em 1965, através das lavouras de cana da Gleba Pombal, área que atualmente pertence ao município de São Pedro da Cipa.

A administração da Usina Jaciara era realizada pelo Governo do Estado, porém, após quatro safras de funcionamento a empresa mostrou-se deficitária, fazendo com que eles tomassem a decisão de privatizar a empresa, já que não estavam tendo o retorno esperado. Assim, no ano de 1971 o Governo do Estado decidiu privatizar a empresa através de uma concorrência pública, passando o controle acionário da Usina Jaciara para o Grupo Naoum, uma empresa oriunda do Estado de Goiás (PEDROSO, 2015).

Em resposta a crise do petróleo iniciada em 1973, o Governo brasileiro instituiu em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, o Programa Nacional do Álcool (PROALCOOL), com o objetivo de estimular a produção do álcool, visando o atendimento das necessidades do mercado interno e externo. Com os incentivos desse programa houve uma expansão das áreas destinadas a plantação dos canaviais, em todo Estado de Mato Grosso.

Com a expansão dos canaviais não só das áreas pertencentes a Usina Jaciara, como também das áreas particulares, houve uma crescente oferta de empregos diretos ou indiretamente na região. Até o ano de 2007 a usina foi a principal geradora de empregos na região, cerca de 3 mil empregos diretos de acordo com Teixeira (2007).

Ainda na década de 1980 surgiu a associação dos fornecedores de cana do Vale do São Lourenço (CANAVALE), que ganhou destaque no fornecimento de cana para a Usina Jaciara. Em 29 de abril de 1992, sob a Lei nº 507/92, a CANAVALE, foi declarada como sendo de utilidade pública, isso em função do seu papel desempenhado na região do vale do São Lourenço.

Em reportagem realizada em 1991, o presidente do grupo Naoum fala um pouco sobre a história da usina e sua importância para Jaciara (Figura 36).

Figura 36: Reportagem: Uma usina de história.



Fonte: Revista Stillo. MP4 Promoções e Publicidade, 1991, p.48. *apud*, PEDROSO, 2015.

Os problemas financeiros enfrentados pelas usinas, não ocorreram da noite para o dia, vieram se estendendo ano após ano.

Desde a década de 1990, foi possível observar pela entrevista, que os prejuízos operacionais das usinas de cana eram em todo o território brasileiro. Nesse ano em específico, a Usina Jaciara não estava passando por essa crise, mas, já dava indícios de que mesmo sua produção estando dentro dos limites previstos, o retorno financeiro não era suficiente para ampliar sua produção. Nesse período o grupo adquiriu o controle acionário da Usina Pantanal, também localizada no município de Jaciara.

Praticamente todas as usinas do Brasil tem um prejuízo operacional de ano para ano, nós apenas conseguimos apurar um lucro inflacionário que não é suficiente para aplicarmos na modernização dos equipamentos, modernização essa que se faz necessária se quisermos aumentar a produção. Esse não é o caso da Usina Jaciara uma vez que nossa produção está de acordo com nossas expectativas, embora não seja suficiente para atender a demanda do Estado de Mato Grosso. Entretanto acredito que entre 30 e 40% da atividade comercial de Jaciara depende da Usina além é claro da mão de obra que empregamos na safra e entressafra. Vamos, portanto continuar com os nossos 10.000 hectares de terra própria mais o cerca de 3.000 de terceiros plantadas com cana, não planejando nenhum investimento a curto prazo. (Horácio Mendonça Filho. In: Reportagem Revista Stillo, 1991, p.48, *apud*, PEDROSO, 2015).

Economicamente, a Usina Jaciara foi uma impulsionadora do comércio local na década de 1990, fato esse até reportado pelo senhor Horácio Mendonça na entrevista,

mas com sua instabilidade financeira nos anos 2000, passou a ser uma incerteza tanto para os comerciantes como para os trabalhadores.

Em 2007, as Usinas Jaciara e Pantanal, ambas pertencentes ao grupo Naoum, eram responsáveis por 14% da produção de Mato Grosso, ocupando uma área de 40 mil hectares.

Em 2008, ano que iniciou a crise financeira global, o grupo Naoum, entrou com um pedido de recuperação judicial no estado de Goiás para as Usinas Pantanal, Jaciara e Santa Helena, alegando que:

“a decisão foi tomada com o objetivo de preservar as atividades operacionais e o patrimônio da empresa e, principalmente, visando manter os 5 mil empregos diretos gerados pelas usinas e, ainda, salvaguardar os interesses dos credores” (JORNALCANA, 2008)

De acordo com o Tribunal Regional do Trabalho da 23ª Região de Mato Grosso, desde 2008, a vara do trabalho de Jaciara vinha recebendo denúncias contra as Usinas Jaciara e Pantanal. Ainda de acordo com os meios de comunicação e de alguns trabalhadores da época, essas denúncias eram de salários atrasados, fornecedores sem receber e ações trabalhistas.

Em 2014, o grupo Naoum vendeu o controle acionário das Usinas Jaciara e Pantanal, para o grupo Porto Seguro.

Após 10 anos de luta, para alguns trabalhadores chegando a 12 anos, é que começou o fim dessa história, pois, a Vara de Justiça do Trabalho de Jaciara liberou em 2020, 21 milhões de reais para pagar os 1.479 ex-empregados das Usinas Jaciara/Pantanal. Esse pagamento foi resultante da conciliação realizada entre os trabalhadores e a empresa no fim de 2019 (ALVARES e NOBRE, 2020).

5.4 As transformações do povoado desde seu processo de formação

O povoado de Placa Santo Antônio passou por diversas transformações desde sua formação. Essas modificações são voltadas principalmente para o modo de vida desses moradores, sendo observadas principalmente pelas moradias, formas de trabalhos e relações sociais.

É possível observar as mudanças dessa comunidade, em três períodos distintos. Em cada período há ritmos e comportamentos diferentes, que estão ligados ao modo de produção dessa sociedade.

O primeiro período tem início na década de 1960, e esteve voltado para o processo de formação e ocupação desse espaço onde se encontra o povoado de Placa Santo Antônio.

Essa área era coberta por mata, e as pessoas que aqui chegaram, foram responsáveis pela formação do povoado e abertura dessas terras, sendo o desmatamento realizado através do trabalho braçal, utilizando como ferramentas machados, enxadões, foices e serrotes.

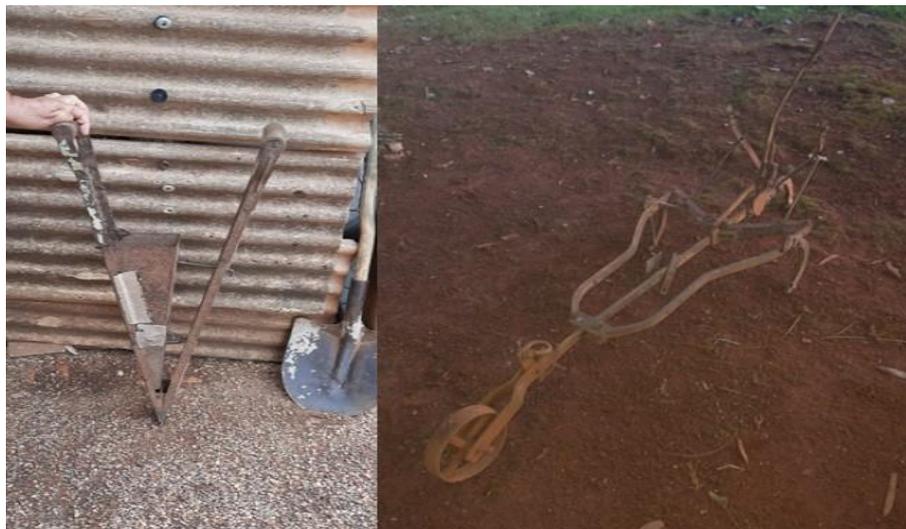
A agricultura de subsistência foi o principal marco nesse período, pois não havia outra fonte de emprego. As pessoas mantinham suas despesas através das roças de milho, arroz, algodão e feijão. Após retiram o necessário para suas despesas, a outra parte era vendida nas cidades vizinhas. Com o dinheiro das vendas compravam as mercadorias que não conseguiam obter por meio da terra, e suplementos para iniciar uma nova plantação. Já os sitiantes que visavam a criação de gado, pegavam o dinheiro da venda da colheita e empregavam pessoas para formarem suas áreas e plantar sementes de capim braquiária para a formação de pasto.

As condições de vida dos moradores nesse período não eram as melhores. As dificuldades enfrentadas no início do processo de formação do povoado podem ser vistas através do relato de um morador, quando questionado sobre como eram as condições de vida do povoado:

A vida nossa aqui naquele tempo, não era fácil, comércio era Jaciara, não tinha aqui, não tinha serviço, era um povo muito fraco, os que chegou pra cá a maior parte era de Minas, quando aparecia um dia de serviço, comprava o necessário pra casa, óleo que nos usava era coco babaçu, cortava aqueles coco babaçu tirava a castanha, torrava, socava aquilo ali, depois colocava numa panela, aquilo ia fervendo e aquelas bolhas de óleo ia saindo e colocando em outra panela, e aquilo até que secava e ficava só o óleo. (Entrevista n° 03, realizada no dia 05 de abril de 2020)

Todos processos realizados, desde o plantio até a colheita, levavam-se em consideração as ações e os reflexos que poderiam sofrer pela ação da natureza. As chuvas eram bem definidas, por isso, realizavam o preparo da terra no final de agosto, e o plantio nas primeiras semanas de setembro. Todo o processo realizado desde o preparo da terra até a colheita, era manual, utilizando como ferramentas (Figura 37), o arado de tração animal, o cutelo, a matraca.

Figura 37: Arado de tração animal e matraca usado pelos agricultores, no preparo da terra e plantio das lavouras.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Após alguns anos da chegada dos primeiros moradores, o povoado foi se estabilizando, e através da agricultura e das feiras essas pessoas foram sobrevivendo. Muitos moradores relataram sobre as dificuldades enfrentadas quando chegaram, mas alguns consideram a vida ser melhor em relação a hoje. De acordo com eles havia fartura de alimentos, a fertilidade do solo propiciava grandes colheitas. A criação de animais como porcos e galinhas contribuíam para manter as despesas de casa. Outro aspecto relevante, nesse período era a interação social, caracterizado pelas relações de vizinhança, compadrio e mutirão.

No meu modo de pensar era melhor do que hoje, era mais trabalhoso mais tinha fartura. Faltava condução pois não tinha transporte, ou era de bicicleta ou era de a pé (Entrevista n° 78, realizada no dia 20 de janeiro de 2021).

As pessoas tinham os quintais cheios de galinha, criavam porco, plantavam horta, era aquela fartura. O povo era bem mais feliz, um visitava o outro, dia de jogo era aquela festa, todo mundo ia assistir ao jogo em volta do campo (Entrevista n° 102, realizada no dia 27 de fevereiro de 2021).

O sistema de plantação conhecido como meeiro, teve um grande marco nesse período, pois grande parte dos moradores não possuíam terra para que pudessem plantar suas roças, com isso trabalhavam nas terras de outros proprietários. Essa sociedade ocorria da seguinte maneira, o meeiro era responsável por preparar a terra, plantar e colher, a produção final era repartida ao meio, sendo uma parte destinada ao dono da terra.

Esse sistema de plantio realizado pelos meeiros deixou de existir no povoado no segundo período, quando a Usina começou a expandir suas áreas agricultáveis com plantio de canaviais em volta do povoado.

Com a usina os donos da terra começaram a arrendar para plantar cana, pois achavam melhor arrendar para a usina do que dá a terra a meia para plantar roça (Entrevista n° 07, realizada no dia 30 de dezembro de 2020).

Nesse período a BR-163/364 não existia. Para as pessoas que viam no sentido Sul/Norte, era necessário passar pela estrada de São Lourenço de Fátima a MT-270 que liga a Jaciara, e com isso retornar até o povoado, dificultando o acesso.

A construção da BR-163 em Mato Grosso, fez parte do Plano de Integração Nacional (PIN) desenvolvido pelo Governo Militar em 1970. Suas obras iniciaram de fato no ano de 1971, mas foi somente em 1976 sua finalização. Com isso tornou-se fácil o acesso a comunidade.

Essa facilidade de acesso ao povoado começa a modificar a vida desses moradores, sendo aqui o início de mudança de período, que fica mais explícito, quando a Usina Jaciara começa a contratar funcionários para trabalharem em suas lavouras. Marcando assim o início do trabalho assalariado.

Por mais que a Usina tenha iniciado seu funcionamento em 1965, a contratação de moradores do povoado, só ocorreu de fato na década de 1980.

No ano de 1980 mais ou menos a Usina Jaciara começou a operar aqui na região, nesse período modificou muito o modo de vida das pessoas, porque no início a usina foi como uma mãe para muitas famílias, por que antes só tinha lavoura que cada família tocava plantando, mas quase não tinha renda nenhuma, aí quando começou a fichar as pessoas com carteira assinada é que foi melhorando a vida de cada um. (Entrevista n° 02, realizada no dia 05 de abril de 2020).

Através da contratação desses trabalhadores, a Usina contribuiu muito para o desenvolvimento e melhoria da comunidade. Deu a essas pessoas um novo incentivo, para melhoraram de vida, devido a pobreza que existia.

A usina melhorou muito, ela mudou a cara da placa, com o dinheiro da usina, foram melhorando as casas. Com a usina foi diminuindo a produção das pamonhas. Explorou muito os trabalhadores, mas ajudou o desenvolvimento do povoado. Tinha mais de 60 funcionários, na safra e na entre safra uns 40 funcionários. (Entrevista n° 91, realizada no dia 22 de janeiro de 2021).

Suas moradias eram precárias (Figura 38), muitos viviam em casas de pau-a-pique, lona, tábuas ou folhas de babaçu.

Figura 38: Antiga casa feita de pau-a-pique.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Com muito esforço construíram suas casas (Figura 39), eram casas simples, porém, já eram feitas de alvenaria. Alguns conseguiram através de suas economias comprar pequenas propriedades de terra próximo ao povoado.

Figura 39: Casa construída com adobe (um tipo de tijolo feito com terra crua, água e palha).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Apesar dessa visão de grande parte dos moradores em relação a Usina, essa não era uma das melhores formas de empregos. Os riscos que esses trabalhadores estavam sujeitos eram diversos, indo desde a exposição aos poluentes gerados pela queima da cana-de-açúcar até as condições climáticas adversas, por ser um trabalho realizado a céu aberto

Como a colheita da cana-de-açúcar era manual, eles queimavam a palha para facilitar o corte e eliminar os animais peçonhentos. Porém, essa queima era responsável por emitir grandes quantidades de poluentes. Esses poluentes afetavam não só a saúde dos trabalhadores como também dos moradores do povoado, sendo as pessoas com problemas respiratórios as mais afetadas.

Outro problema, era a questão da higiene, pois a queima liberava muito picumã (fuligem), causando incômodo por sujarem as casas. O resíduo da cana-de-açúcar conhecido como garapão (Vinhaça/Vinhoto), era lançado nas ruas do povoado, pelos caminhões pipas. Além do mau cheiro e do aumento de insetos, prejudicava a saúde de muitas pessoas.

Para os moradores que plantavam roças de milho, feijão, arroz e algodão, a introdução dos canaviais em volta do povoado e das pequenas propriedades rurais, não foi tão benéfico, pois a interferência dos produtos lançados nos canaviais, afetavam suas plantações, muitas vezes, ocasionando a perda de suas lavouras.

A usina para nós que plantava lavoura foi ruim, começaram a bater veneno. Perdemos roça de arroz, feijão. O algodão que plantamos perdemos tudo quando passaram veneno de avião (Entrevista nº 92 realizada no dia 22 de janeiro de 2021).

Essa visão negativa através dos canaviais ao redor do povoado, não era somente dos sitiantes que plantavam roça, mas também dos próprios moradores, que relataram a morte de suas plantas (ornamentais e hortaliças) pelo veneno lançado nas canas.

Quando o período de colheita da cana-de-açúcar encerrava, muitos trabalhadores, eram mandados embora. Logo chegava à safra do milho, e muitos começaram a fabricar e vender pamonha para se manterem.

Com o aumento do fluxo de veículos na BR-163/364, começaram a surgir as barraquinhas de pamonha a beira da estrada, no início eram barraquinhas de palha, depois construíram de tábuas, até que por fim fizeram de alvenaria. Além dos barraqueiros muitos faziam pamonhas, e levavam para vender em Jaciara e Rondonópolis.

Com as mudanças no sistema de plantio, o milho já não era produzido somente nas safras, havia milho disponível praticamente o ano inteiro. Sendo os meses de junho a agosto, o período crítico dessa produção, chegando a ficar semanas sem fabricar pamonhas. Como a demanda de milho era grande, muitas vezes, os produtores da região não conseguiam plantar a quantidade suficiente, com isso a saída era buscar a matéria prima em outro estado. O distribuidor buscava o milho em Goiás, e repassava para os pamonheiros.

Nesse período cresceu o número de sítiantes em volta do povoado, e com isso aumentou a criação de gado leiteiro, sendo essa a principal atividade por muito tempo desses sítiantes.

Alguns vendiam o leite para os próprios moradores do povoado, já outros entregavam para a cooperativa de leite COMAJUL. O leite era tirado manual nesse período, o armazenamento era feito em galões de 30, 50 ou 100 litros (Figura 40) dependendo da produção. O escoamento dessa produção era realizado por meio dos caminhões leiteiros, que passavam recolhendo os galões de leite todas as manhãs. Os produtores eram responsáveis por levar os galões de leite até a estrada principal que passava o leiteiro. Cada galão recebia um número de identificação, referente a matrícula do produtor de leite na cooperativa. Ao recolher o galão cheio, o caminhão leiteiro deixava outro vazio no lugar.

Figura 40: Galão de leite utilizado no transporte até a cooperativa.



Fonte: https://http2.mlstatic.com/D_NQ_NP_978137-MLB31184175143_062019-O.jpg. Acesso em 29 de março de 2021.

As relações sociais nesse período eram semelhantes à do primeiro período. Mantiveram-se as relações de compadrio, vizinhança e mutirão, sendo o destaque de mudança a introdução do futebol como momento de lazer desses moradores.

A contratação de funcionários pela usina, era realizado por safra, depois muitos eram mandados embora, fazendo com que buscassem outras formas de trabalho. As fiscalizações e o processo de mecanização do corte da cana favoreceram para que aumentasse o número de desempregados.

Com as constantes fiscalizações e mudanças na atividade produtivas, a mão-de-obra dos cortadores de cana foi sendo reduzida, disciplinada e formalizada através de registros trabalhistas, sobretudo a partir de 2005 quando as usinas de açúcar e álcool passaram a mecanizar o corte de cana, reduzindo dessa maneira a contratação de trabalhadores por intermediários denominados “gatos” e evitando serem enquadrados como empregadores de “trabalho similar ao trabalho escravo”. Por outro lado, esse processo exigiu do

trabalhador que operava máquinas agrícolas, que fosse mais capacitado e tendo escolaridade com nível médio ou técnica (PEDROSO, 2015. p.16)

A Granja da Sadia situada em Campo verde, foi um dos locais escolhido por muitos moradores, pois além dos homens também contratavam as mulheres para o serviço. Essa mudança marca o início do terceiro período, que se estende até os dias atuais.

Além da oferta de emprego em outra cidade, a crise financeira enfrentada pela Usina Jaciara, favoreceu para que houvesse essa mudança no povoado. Os pagamentos atrasados dos funcionários, fez com que muitas famílias, não só do povoado, como também das cidades vizinhas, passassem por muitas dificuldades.

Com a falta de emprego no município e a crise da usina, muitos foram obrigados a mudarem totalmente sua vida, deixando para trás tudo o que haviam construído, seu lar, família, amigos, para irem em busca de um novo caminho, um novo emprego, uma nova vida nas grandes cidades.

Os que aqui ficaram, foram guerreiros, conseguiram se estabilizar e criar seus filhos. Muitos já trabalhavam como funcionários públicos, outros foram trabalhar para os sitiantes na diária ou para os pamonheiros. A maioria dos autônomos são proprietários de terras, e destinam suas áreas a criação de gado.

Porém, essas formas de trabalho não conseguem abranger a demanda do povoado, fazendo com que muitos sintam falta do período que a usina funcionava aqui na região.

Para nós mais fraco de situação, ficou muito difícil, hoje ela faz muita falta, na época dela era muito melhor, pois as pessoas estavam trabalhando, hoje falta serviço (Entrevista n° 85, realizada no dia 20 de janeiro de 2021).

Esse problema da falta de emprego aqui na região vem se agravando mais. Como consequência muitos vão em busca de emprego em outras cidades, alguns são obrigados a se mudarem, pois, a distância e o horário de serviço tornam-se inviável continuar morando no povoado. Com isso essas pessoas acabam sendo inseridas em um modo de vida completamente diferente, rodeado pela tecnologia e pela correria do dia a dia.

Hoje moro em outro lugar, que é rodeado pela tecnologia, pela agilidade, um mundo de desencontros, onde ninguém conhece ninguém... não conheço nem mesmo quem mora ao meu lado, onde o tempo é tão curto que não sobra sequer um momento para ver o que de fato está acontecendo a minha volta. Através dessa vivência, me questiono qual o melhor lugar para se morar nos dias de hoje? Em um parado no tempo ou em um onde não existe tempo?

(Relato de um morador que reside durante a semana na cidade onde trabalha e nos finais retorna para o povoado).

Mesmo indo embora para outros lugares, esses jovens levam consigo um sentimento de pertencimento, carinho e afeto pelo povoado, foi aqui nesse pequeno lugar que passaram grande parte de suas vidas. Aqui muitos deixaram amigos e familiares para irem em busca do novo. E o novo muitas vezes traz medo, insegurança e incertezas, pois terão que criar novos laços em seu novo ambiente construindo assim uma nova identidade.

Essas pessoas que vão embora, mesmo vivendo longe, é comum sua participação no cotidiano da comunidade, principalmente nas festas religiosas e nos eventos sociais.

Ao tratar da produção de leite no terceiro período, percebe-se que o número de produtores diminuiu, a maior parte dos sitiantes voltaram suas áreas para a criação de gado de corte. Parte dessa mudança ocorreu em função do baixo valor pago no litro de leite.

Para os produtores de leite houve uma mudança muito grande nesse campo de trabalho. A forma de armazenamento do leite mudou para todos os produtores, não sendo mais realizada em galões de plástico, passando para o sistema de refrigeração em resfriadores (Figura 41), dessa forma houve também uma mudança no tipo de transporte, passando para o caminhão tanque, que recolhe agora o leite na própria propriedade.

Figura 41: Resfriador onde é armazenado o leite.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Alguns produtores mantem a forma manual de ordenha (Figura 42), outros inseriram o sistema de ordenha mecânica (Figura 43).

Figura 42: Produtor de leite com sistema de ordenha manual.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Figura 43: Produtor de leite com sistema de ordenha mecânica.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Após o fim da ordenha manual ou mecânica, esses animais são liberados para alimentação (Figura 44).

Figura 44: Animais comendo ração no coxo após ordenha.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

No decorrer de sua história esse povoado, manteve viva uma característica muito forte voltada para ação social, sendo essa a principal característica que conseguiu permanecer nos três períodos.

Sempre há pessoas dispostas a ajudar quem necessita. Mesmo as condições financeiras não sendo as melhores, todos tentam ajudar de alguma forma, mesmo que seja, através de uma palavra de consolo. Dependendo da situação realiza-se mutirão, festas, bingos, rifas ou coleta de alimentos, mas nunca na comunidade ninguém ficou sem ajuda, fazendo com que essa ação seja reconhecida como uma marca do povoado.

No aspecto social desse povoado houve uma forte mudança de comportamento desses moradores, com o fim do time de futebol os campeonatos e torneios aos domingos foram acabando, permanecendo somente as peladas entre os próprios moradores (Figura 45).

Figura 45: Pelada (partida de futebol) no fim da tarde.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Os moradores perderam o hábito de visitar seus vizinhos no fim da tarde. Cada um permanece em suas casas, realizando suas atividades diárias. Essas visitas hoje, ocorrem esporadicamente, sendo observadas com maior frequência em casos de doenças e aos domingos.

As brincadeiras infantis mudaram com a introdução da tecnologia. No segundo período era comum brincadeiras de ruas como rouba bandeira, pique esconde, pega-pega, bets, amarelinha, ente outras. Hoje ainda é possível observar essas brincadeiras (Figura 46), mas não com a mesma intensidade, pois as crianças têm suas próprias diversões em casa através dos aparelhos eletrônicos.

Figura 46: Crianças brincando na rua de bicicleta.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A duplicação da BR 163/364, afetou diretamente a vida dos moradores do povoado. As barraquinhas de pamonha foram retiradas de seus locais de venda, em função da pista de duplicação passar ao lado delas. Nesse processo, houve um grande descaso com os moradores do povoado, pois tiveram seu direito de ir e vir alterado, sem levar em consideração suas necessidades. Todos foram prejudicados, principalmente os sitiantes da grotta da onça, que percorrem cerca de 3 km, para terem acesso ao retorno, e assim chegar em suas propriedades. Os que necessitam ir em suas terras mais de uma vez por dia percorrem cerca de 12 km na BR por causa da distância do retorno.

Foram realizadas várias manifestações por esses moradores reivindicando mais acessibilidade para o povoado (Figura 47), e mostrando as dificuldades diárias enfrentadas por quem utiliza todos os dias esse trecho. Essas pessoas estão sujeitas a todos os riscos que uma rodovia pode ter, risco esse que poderia ser evitado com o retorno mais próximo do povoado.

Figura 47: Manifestação realizada pelos moradores do povoado reivindicando retorno próximo ao povoado.



Fonte: @placasantoantonio (2020). Organizado pela autora (2021).

Todas essas transformações marcam a história desse pequeno povoado alegre, hospitaleiro, caridoso e acima de tudo humano. Características essas que fazem desse lugar único diante dos olhos de quem aqui vive, pois mesmo diante das constantes modificações da vida cotidiana, conseguem manter viva suas raízes (Figura 48).

Figura 48: Morador da comunidade, confeccionando seu próprio passaguá.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021). (Passaguá: pequena rede redonda, fixa na ponta de um pau, com a qual se tira da água o peixe preso no anzol).

5.5 Tradições e eventos sociais

As tradições religiosas, festas comunitárias e os projetos escolares que envolvem toda a comunidade, fazem parte da vida cotidiana desses moradores.

O Projeto “Todos Contra a Dengue”, desenvolvido pela Escola Estadual, é uma das atividades que buscam envolver todo o povoado. Iniciado no ano de 2013, é uma ação social que tem como objetivo conscientizar os moradores sobre as causas e problemas da dengue. Em 2016, esse projeto foi ampliando, através da participação da Prefeitura, Secretária de Saúde e a Câmara Municipal de Juscimeira.

Os profissionais, junto com os alunos (Figura 49), saem pelas ruas da comunidade recolhendo os lixos espalhados. Ao mesmo tempo, expõe cartazes de conscientização e entregam panfletos informativos sobre o tema, com o intuito de reduzir a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*, principal transmissor da Dengue.

Através das redes sociais, e pelos panfletos entregues pelos alunos, os moradores, são informados sobre a “Coleta do Lixo”. Nesse dia específico recolhe-se, o que normalmente não são coletados pelo caminhão coletor, como corte de árvores, entulhos, móveis. Essa ação conjunta, através da participação de todos conseguiu zerar o número de casos de pessoas contaminadas pelo *Aedes aegypti*, na comunidade.

Figura 49: Projeto Todos Contra a Dengue.



Fonte: @eesantoantoniodepadua (2019). Organizado pela autora (2021).

Um exemplo desse povoado de comunidade, é visto através de “Quermesse”, festa comunitária realizada, uma vez no ano, entre os meses de junho a agosto. Na realização dessa festinha, em que muitos também a chamam de festinha do campo, os moradores doam os ingredientes necessários para preparar as comidas típicas, como arroz carreteiro; arroz com linguiça; dobradinha; galinhada; caldos de carne, feijão e frango; pipoca doce e salgada; canjica; quentão; chocolate quente e chá de amendoim. A comida é feita de forma comunitária por um grupo de mulheres que se reúnem no dia e preparam os alimentos (Figura 50), já as barracas, a fogueira e o pau-de-sebo são montados pelos homens (Figura 51). Todos trabalham nesse dia de forma voluntária, e a comida servida é gratuita.

Figura 50: Mulheres preparando e servindo as comidas no dia da quermesse (Julho/2010).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Figura 51: Homens montando as barraquinhas de palha (Julho/2019).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A quermesse é um momento em que praticamente todos da comunidade se reúnem e reveem muitas pessoas que foram embora, mas que sempre vêm participar desse momento de festa (Figura 52). O pau de sebo (Figura 53), é uma das atrações principais dessa festa.

Figura 52: Quermesse realizada em julho de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Figura 53: Homens tentando subir para retirar os prêmios que se encontram no topo do pau-de-sebo (Julho/2011).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Através de suas raízes ligadas com o campo/rural, as tradições caipiras, a música, as comidas, retratam essa origem. Assim, além do pau-de-sebo, há também nesse dia a quadrilha (Figura 54), fogueira e brincadeiras para as crianças.

Figura 54: Quadrilha, dança típica das festas juninas (Julho/2011).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A folia de reis, é uma tradição religiosa que marca a história dessa comunidade. É momento em que os fuleiros saem de casa em casa cantando e pedindo esmola (Figura 55). Todo o dinheiro arrecadado é enviado pela paróquia, para as ações missionárias das irmãs franciscanas na África.

Figura 55: Grupo dos foliões cantando nas casas e nos sítios da comunidade (Janeiro/2020).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Essa tradição tem mais de 20 anos, e surgiu através da devoção dos Padres de origem Alemã. No começo era feita somente pelos coroinhas, e com o tempo as pessoas começaram a se interessar e acompanhar os foliões. Não havia a festa de Santos Reis.

A chegada era realizada na casa de algum morador, normalmente de alguém que havia feito alguma promessa para Santos Reis, nesse momento realizavam suas orações e cantos típicos da folia. Com o aumento de pessoas participando da chegada, foi preciso mudar a chegada para a igreja (Figura 56) e o jantar no salão comunitário, sendo escolhido de um ano para o outro o festeiro responsável pela realização da festa.

Figura 56: Chegada da folia na igreja da comunidade, no dia 6 de janeiro de 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A chegada da folia ganhou grandes proporções, que acabou tornando inviável para o festeiro arcar com todas as despesas da festa, então, para continuar com a tradição, surgiu o caderninho de doação, em que todos participantes fazem suas doações em alimentos ou dinheiro para a realização da festa no próximo ano, sendo o festeiro responsável pela organização e arcar com o que faltar.

O trabalho comunitário novamente entra em cena nessa celebração, pois, desde a limpeza, organização, decoração até as comidas (Figura 57), são feitas por voluntários da comunidade.

Figura 57: Comidas servidas na festa da chegada da folia de Reis, (Janeiro/2020).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Ainda no aspecto religioso, a missa de Santo Antônio, padroeiro da comunidade, é o evento principal desse lugar, aguardado não só pelos moradores daqui como também pelas pessoas de outros lugares. É uma festa tradicionalmente realizada no dia 13 de junho, com celebração da missa, procissão nas ruas do povoado e benção do pão de Santo Antônio (Figura 58).

Muitos vêm a missa nesse dia pedir a Santo Antônio a graça de um casamento, uma vez que o Santo é conhecido como o Santo casamenteiro. Essa tradição permanece viva desde a década de 1970.

Figura 58: Altar de Santo Antônio, junto com os pães, que são abençoados no momento da missa (Junho/2020).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

A festa era realizada sempre no dia 13 de junho, mas, ao passar do tempo foi se tornando inviável, porque os que ajudavam voluntariamente nesse dia tinham que ir trabalhar no dia seguinte. Então, permaneceu a celebração da missa no dia do santo e a festa passou a ser realizada ao sábado. Nesse dia é vendido no local, pastel, caldo, batatinha frita, além dos leilões de gado, frango assado, pernil de porco, entre outros itens. O baile é um dos momentos mais aguardado pelos forrozeiros (Figura 59).

Figura 59: Baile, no dia da tradicional festa de Santo Antônio, padroeiro da comunidade.



Fonte: @topjuscimeira (2018). Organizado pela autora (2021).

As doações desde um pacote de sal até um bezerro, são feitas pelos moradores e sitiantes do povoado, como também pelos devotos de Santo Antônio que trazem suas prendas no dia da festa para serem leiloadas.

5.6 Uso e ocupação do solo.

O estudo do uso da terra e ocupação do solo da comunidade, buscou o conhecimento de toda sua utilização ao longo do tempo, levando em consideração, os relatos dos moradores e as imagens de satélites.

Através dessa análise foi possível compreender, como ocorreu o processo de organização desse povoado ao longo tempo. Para Leite e Rosa (2012),

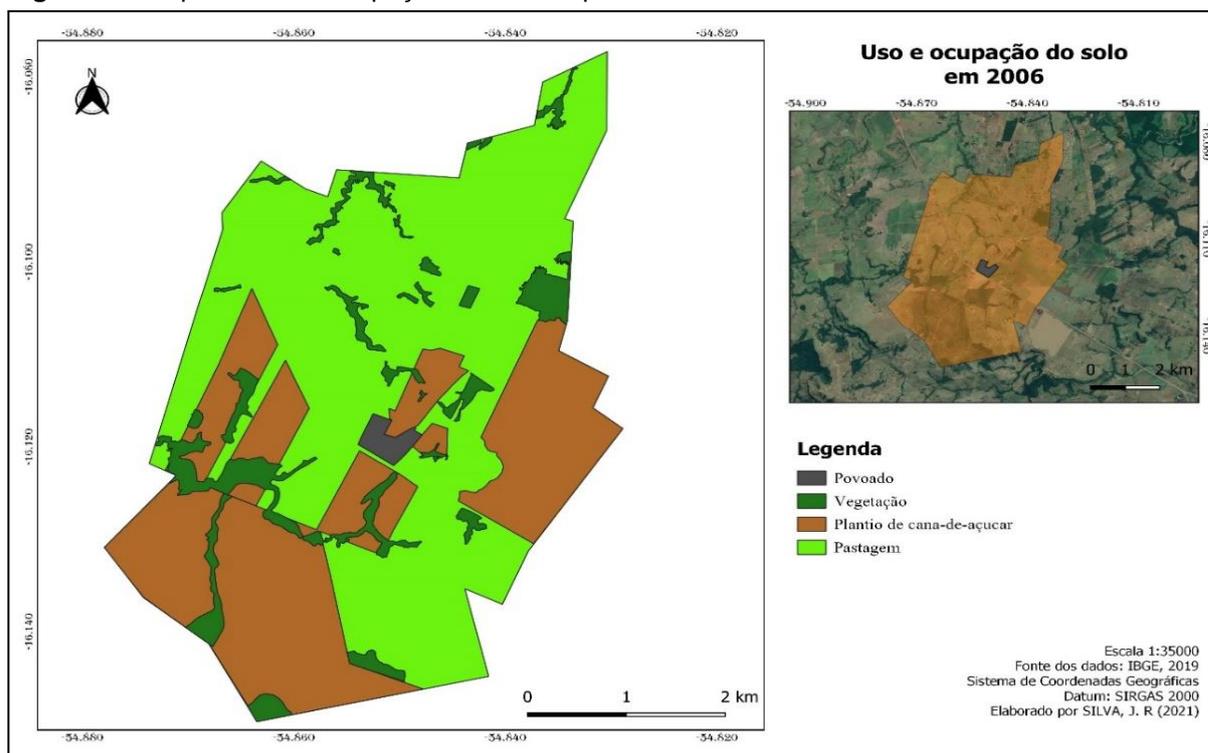
O conhecimento e o monitoramento do uso e ocupação da terra é primordial para a compreensão dos padrões de organização do espaço, uma vez que suas tendências possam ser analisadas. Este monitoramento consiste em buscar conhecimento de toda a sua utilização por parte do homem ou, quando não utilizado pelo homem, a caracterização de tipos de categorias de vegetação natural que reveste o solo, como também suas respectivas localizações” (LEITE e ROSA, p. 92, 2012).

O processo de uso e ocupação dessa área começou na década de 1960. A vegetação que cobria o solo, era do tipo cerrado, pertencente ao bioma cerrado. Por sua vegetação desenvolver-se principalmente em solos com fertilidade média, era considerado como terra de cultura, e pelo fato de o relevo apresentar declive suave, tornou-se assim um grande atrativo para o início do povoamento e ocupação dessa área. Por este motivo sua vegetação nativa foi desmatada para abertura de roças e pastos.

A partir da década de 1980, o uso da terra modificou-se com a introdução dos canaviais e intensificação da pecuária voltada para a produção de leite.

Ainda em 2006 (Figura 60) era possível observar traços dessa forma de uso, com um aumento considerável das áreas destinadas ao cultivo da cana-de-açúcar.

Figura 60: Mapa de uso e ocupação do solo do povoado de Placa Santo Antônio em 2006.



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2021.

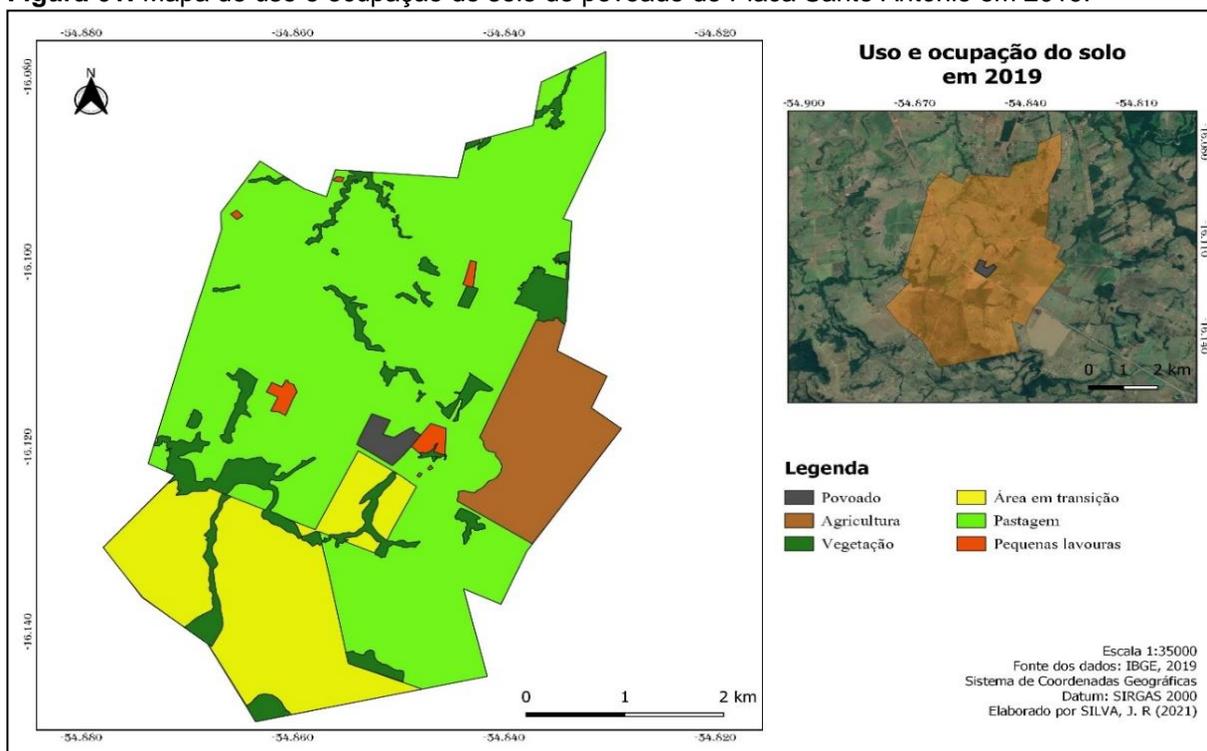
A área mapeada acima além da parte urbana e da vegetação nativa apresentava dois tipos principais de uso:

- Agricultura, com predomínio, quanto à área cultivada da cultura de cana-de-açúcar, destinada ao abastecimento da usina.

- Pecuária extensiva, realizada em pastagens plantadas e com manejos rudimentares. Nesse sistema, as pequenas propriedades voltavam suas áreas para a produção de leite, já as grandes propriedades eram destinadas para a cria e recria.

Já em 2019 o uso do solo da área mapeada apresentou uma mudança considerável (Figura 61).

Figura 61: Mapa de uso e ocupação do solo do povoado de Placa Santo Antônio em 2019.



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2021.

Quanto ao uso do solo, além da parte urbana, observa-se:

- Agricultura, mecanizada de grãos, com utilização de insumos e técnicas modernas, com altos índices de produtividade, voltada para o setor agropecuário.
- Agricultura familiar, com a introdução de pequenas lavouras e uso de técnicas rudimentares.
- Pecuária extensiva, realizada em pastagens plantadas e com manejos rudimentares.

Na agricultura mecanizada, quanto à área cultivada, predominam a cultura de soja e milho. Nesse sistema de cultivo, os proprietários são de outras localidades, ou seja, os mesmos não vivem na área de estudo.

Já na agricultura familiar, realizada por moradores da área de análise, há o predomínio de dois tipos de cultivo: a mandioca e a cana-de-açúcar (destinada a produção de ração para o gado no período da seca).

Na pecuária extensiva (Figura 62), comparando à 2006, houve uma mudança significativa com relação ao tipo de criação praticada pelos proprietários, diminuiu o número de produtores de leite, e aumentou a prática da cria, recria e engorda.

Figura 62: Área rural destinada a criação de bovinos, no sistema de pecuária extensiva (Janeiro/2021).



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

Á área em processo de transição era voltada para o cultivo da cana-de-açúcar, que com o fim de seu arrendamento para essa prática, iniciou um processo natural de recuperação da vegetação. Com a venda dessa área, após um período aproximado de dez anos, iniciou em 2020 a derrubada da vegetação, para a introdução da agricultura mecanizada, destinada a plantação de soja (Imagem 45).

Figura 63: Plantação de Soja em 2020.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021). **A)** Queima das leiras, oriundas do desmatamento da vegetação que cobria o solo; **B)** Processo de calagem do solo, para diminuir a acidez e corrigir o pH do solo; **C)** Avião agrícola no processo de pulverização de fertilizante; **D)** Plantação de soja, em fase de maturação.

De 2006 (Figura 64) a 2019 (Figura 65), não houve alteração na delimitação da parte urbana do povoado. Houve um aumento significativo na quantidade de moradias, principalmente com o processo de ocupação da área conhecida pelos moradores como Cohab.

Figura 64: Parte urbana do povoado de Placa Santo Antônio no ano de 2006. Área da Cohab demarcada em amarelo.



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2021.

Figura 65: Parte urbana do povoado de Placa Santo Antônio no ano de 2019. Área da Cohab demarcada em Vermelho



Fonte: Adaptado do Google Earth, 2021.

Quando comparamos as duas imagens é possível observar esse aumento das moradias. Além do aumento de moradias, outro aspecto relevante, são os muros/cercas demarcando os territórios individuais.

6. DISCUSSÃO

No início, a vida desses moradores era bem diferente dos dias atuais. Era uma comunidade rural em que quase tudo o que se produzia era voltado para subsistência da família, mas faltava recursos financeiros para adquirir o que não era produzido na roça. Para Brandenburg (2010), a agricultura tradicional era “voltada prioritariamente para o abastecimento da família de forma a satisfazer as suas necessidades”.

Após tirarem o que era necessário para sua subsistência, esses produtores levavam suas mercadorias nos centros comerciais (feiras) para vendê-las, a fim de obter outras mercadorias que careciam para seu consumo.

Essa prática ficou conhecida como “produção mercantil simples”, nela o produtor não tinha como objetivo principal o lucro, o dinheiro, servia somente como intermediação entre mercadorias diferentes (NETTO e BRAZ, 2006).

A falta de desenvolvimento das cidades do interior nesse período, favoreceu para aumentar as dificuldades desses moradores, pois sua produção, deveria ser levada para vender em Cuiabá e depois com o passar do tempo em Rondonópolis. Além da distância e da situação precária das estradas, o meio de transporte também era precário, tornando-se um desafio para o escoamento da produção, pois, a única forma que existia eram os caminhões conhecidos como pau-de-arara, desprovidos de qualquer meio de segurança.

Conforme o povoado se modificou acompanhando os reflexos da modernidade, os ritmos também foram se alterando. A vida cotidiana por si só é marcada por ritmos, sejam eles biológicos, sociais, econômicos, que se entrelaçam, e demonstram como ocorreu esse processo de produção do espaço.

[...] “a vida cotidiana como forma de entendimento do espaço geográfico, parte da nossa convicção de que esta vida cotidiana se refere a uma vida marcada por ritmos, os quais não se confundem com a mera repetitividade. O ritmo que a define em uma sociedade é composto pela repetitividade, mas, também, pela novidade e, acima de tudo, os fatos que a constituem são os mesmos que produzem o espaço social (SILVA e SILVA, 2014, p.165).

O ritmo econômico diversificou-se nesse percurso, onde, para ampliar sua economia, os sitiantes (pequenas propriedades rurais) migraram de uma estrutura produtiva baseada apenas na agricultura, para uma produção voltada basicamente para a pecuária.

As propriedades mais extensas, mantiveram a agricultura, não aquela voltada para a agricultura familiar, mas sim a agricultura intensiva caracterizada pela monocultura, especificamente com os canaviais, objetivando a produção em larga escala.

Promover o desenvolvimento rural significava o aumento da produtividade agrícola em índices mais elevados do que o crescimento populacional. A partir da década de 1950, começou a acelerar-se o processo de industrialização da agricultura e de formação do complexo agroindustrial provocando mudanças profundas na estrutura da produção e da comercialização agropecuária (WEISHEIMER, 2013).

Essa produção em larga escala, reflexo da revolução verde, fez com que a produção do povoado antes caracterizada pela produção mercantil simples, perdesse espaço para a produção mercantil capitalista. Não quer dizer que tenha acabado, mas a produção capitalista ganhou proporções irreversíveis na comunidade, tanto na agricultura como na pecuária.

Com a disseminação de tal padrão na agricultura, desde então chamado de “moderno”, o mundo rural (e as atividades agrícolas, em particular) passou a se subordinar, como mera peça dependente, aos novos interesses, classes e formas de vida e de consumo, majoritariamente urbanas que a expansão econômica do período ensejou, em graus variados, nos diferentes países. Esse período, que coincide com a impressionante expansão capitalista dos “anos dourados” (1950-1975), é assim um divisor de águas também para as atividades agrícolas transformando o mundo rural tão logo os efeitos desta época de mudanças se tornassem completos (NAVARRO, 2001 *apud* WISHEIMER, 2013, p. 55).

Diferente da produção mercantil simples, na produção mercantil capitalista:

[...] desaparece o *trabalho pessoal* do proprietário: o capitalista é o proprietário dos meios de produção, mas não é ele quem trabalha - ele compra a força de trabalho que, com os meios de produção que lhe pertence vai produzir mercadorias. [...] a produção mercantil capitalista, à diferença da produção mercantil simples, assenta na *exploração da força de trabalho*, e o capitalista compra mediante o *salário*. Os ganhos (lucros) do capitalista, diferentes dos ganhos do comerciante, não provém da circulação: sua origem está na *exploração do trabalho* - reside no interior do processo de produção de mercadorias, que é controlado pelo capitalista. [...] O capitalista ao contrário do produtor mercantil simples, não quer mercadorias para trocar por outras mercadorias e, portanto, não emprega o seu dinheiro como simples intermediário entre uma mercadoria e outra (NETTO e BRAZ, p. 83, 2006).

O processo de subordinação do pequeno produtor ao capital, provocou uma redução/extinção da agricultura familiar na comunidade. Optando assim, os que possuíam pequenas propriedades de terras, atividades ligadas a pecuária, com a criação de animais de pequeno porte (porcos, galinhas), integrados a criação de gado

leiteiro, destinados a cooperativa (exemplo a COMAJUL), como forma de se manterem na terra.

Essa mudança afetou diretamente os meeiros que moravam no povoado, caracterizando numa evasão desses moradores. Os que ficaram na comunidade foram trabalhar na usina de cana-de-açúcar, e após a safra trabalhavam com bicos até iniciar novamente o período de contratação. Foi nessa época que o serviço informal ganhou proporções relevantes para a comunidade, com a fabricação de produtos advindos do milho (pamonha).

A fabricação de produtos artesanais oriundos da cana-de-açúcar, como a rapadura, o melaço, o açúcar mascavo, marcaram também a história desse povoado. Essa prática cultural perdeu-se com o tempo, devido as burocracias estabelecidas pela vigilância sanitária do município, onde esses produtores não conseguiram adequar-se ao que foi estabelecido.

Com essas mudanças, o povoado começou a perder parte de sua identidade rural, passando por um processo de modernização do modo de produção, com a introdução do serviço assalariado, através da Usina Jaciara, e posteriormente o serviço público municipal e estadual. O acesso facilitado ao povoado com a construção da BR 163/364, favoreceu para agilizar esse processo. Hoje aproximadamente 30% dos moradores, provém sua renda da área rural, sendo a maior parte da renda advindas de aposentadorias e benefícios do governo (40%), o restante é distribuído entre pessoas empregadas e desempregadas (30%).

O comportamento humano diário é influenciado pelas exigências cotidianas da vida social. O ritmo social diário para a maior parte desses moradores, desenrolam-se seguindo uma sequência específica, ou seja, o trabalho compreendido entre a manhã e à tarde, o sono durante a noite; e o tempo livre do trabalho até à hora de um novo período de descanso, sendo nesse tempo também compreendido pelas horas de lazer.

Os tempos sociais mostram possibilidades diversas, contraditórias: atrasos e avanços, reparações (repetições) de um rico passado (aparentemente), e revoluções que introduzem bruscamente um conteúdo novo e, às vezes, mudam a forma da sociedade. Os tempos históricos desaceleram, avançam ou regressam, vão em prospecção ou em retrospectiva. Segundo qual critério? Segundo as representações e as decisões políticas, mas também segundo a perspectiva adotada pelo historiador. Objetivamente, para que tenha mudança, precisa que um grupo social, uma classe ou uma casta, intervenham imprimindo um ritmo numa época, seja pela força, seja de maneira mais insinuada. Ao longo de uma crise, numa situação crítica, precisa que um grupo se designe como inovador ou produtor de sentido. E

que seus atos se inscrevam na realidade. A invenção não se comenda, nem militarmente, nem ideologicamente. Às vezes, muito tempo após as ações, percebe-se a emergência da novidade. Precisa para isso discernimento, atenção e sobretudo abertura (LEFEBVRE, 1992, p. 25, apud MOREAUX, 2014).

Com a mudança do ritmo econômico, houve também uma alteração do ritmo social ligado principalmente com relação ao tempo livre do trabalho, caracterizado nos momentos de lazer, pois, o povoado era extremamente movimentado nos finais de semana devido as partidas de futebol e ao grande número de pessoas que viviam na região.

Era uma forma de interação social, que se extinguiu com o fim do time. Vários aspectos favoreceram para que essa prática acabasse, entre elas podemos destacar: a idade dos jogadores, pois os mais novos foram embora pela falta de emprego, e os que ficaram continuaram, mas com o passar do tempo essa atividade foi se definindo, permanecendo somente as peladas.

A partir das mudanças da sociedade, traços da vida moderna começaram a serem introduzidos na comunidade. Os avanços tecnológicos, e as mercadorias mais baratas, fizeram com que as famílias começassem a consumir produtos antes inacessíveis, entre eles os televisores. Com isso muitos passaram a ter seus momentos de lazer não mais a partir do contato social com os outros moradores, mas sim com os entretenimentos oferecidos pelas emissoras da TV.

[...] No momento, o lazer é antes de tudo e para todos ou quase todos, a ruptura (momentânea) com o cotidiano. E vive-se uma mutação difícil no transcorrer da qual os antigos “valores” foram inconsiderada e prematuramente obscurecidos. O lazer não é mais a Festa ou a recompensa do labor, também não é ainda a atividade livre que se exerce para si mesma. É o espetáculo generalizado: televisão, cinema, turismo (LEFEBVRE, 1991 a, p.62).

As fadigas dessa vida moderna, torna indispensável o divertimento e a distração. Hoje no povoado, esses momentos se caracterizam pelas peladas, brincadeiras de rua das crianças, a quermesse e através das atividades religiosas (as festas dos santos e as rezas nas casas das famílias).

O ritmo social se revela através da organização das atividades determinadas pelas relações sociais, a fim de estabelecer uma rotina, ou seja, uma regularidade da vida diária. A vida cotidiana desses moradores desenvolveu-se de certa forma de maneira estável no tempo buscando garantir sua sobrevivência.

O cotidiano é constituído dos movimentos humanos que não são sistematizados em normas, leis, instituições e outras articulações de poder sustentadas pelo cálculo, divisões ou qualquer estratégia que pretenda garantir a coesão social – sem haver aqui juízo de valor, pois todo grupo social busca referências mais ou menos estáveis para lhe garantir a existência (JOSGRILBERG, 2014, p.93).

As características dessa comunidade originalmente rural, é resultante de suas raízes, onde a busca por melhores condições de vida e sobrevivência fizeram com que esse povoado realizasse ações coletivas (mutirões) para a construção do campo de futebol, moradias para quem necessitasse, doação de alimentos, festas comunitárias, entre outras ações.

O rural nesse sentido resulta de ações coletivas que fazem dele a construção de um espaço ou território de vida e trabalho. É nesse contexto que se criam laços de pertencimento a uma comunidade, resultando daí relações de proximidade, como de vizinhança, de compadrio, típico de uma comunidade, tal como concebida tradicionalmente (BRANDEMBURG, 2010).

Dessa forma, mesmo a comunidade, desenvolvendo-se seguindo aspectos da vida moderna, observa-se que seu ritmo é diferente do ritmo da cidade. As pessoas estão longe das agitações, da correria do dia a dia impostas pelos ritmos desordenados. A vida, mais calma e tranquila, é resultado dessa diferença entre os ritmos do povoado e da cidade.

Através da ritmanálise foi possível observar o efeito da harmonia entre os ritmos no povoado. Esse equilíbrio entre o ritmo social e biológico dos moradores é resultante do modo de vida/produção adotados no início do processo de formação, pois por mais que tenham se modificado, algumas características resistiram a ação do tempo.

Mas, observa-se ao mesmo tempo os problemas ocasionados pela desarmonia nos ritmos econômicos e sociais da comunidade, uma vez que, a falta de emprego na região é um fator que tem levado os jovens a irem embora para outras localidades em busca de oportunidades. Por meio dessas mudanças essas pessoas acabam sendo inseridas em um novo espaço, com ritmos completamente diferentes do povoado.

Muitas vezes, a vida acelerada, o estresse ocasionado pelo trânsito nas cidades, a falta de tempo para o descanso e lazer, nos levam a não conseguir equilibrar os ritmos biológicos e sociais, com isso começam a surgir doenças do corpo como ansiedade, depressão, distúrbios do sono, problemas cardíacos, tudo isso em função das pressões impostas pela vida moderna.

O que é certo é que a harmonia às vezes (muitas vezes) existe: euritmia. O corpo eurrítmico, composto de ritmos diversos - cada órgão, tendo a sua

própria função - mantém-nos em equilíbrio metaestável, que é sempre compreendido e frequentemente recuperado, com a exceção de perturbações (arritmia) que mais cedo ou mais tarde se tornam doença (o estado patológico) (LEFEBVRE, 1992, p.20).

Esse lugar parado no tempo, longe das pressões e agitações da cidade, fez dessa comunidade, um lugar único com um valor sentimental indescritível, todos se conhecem e participam da vida, uns dos outros, não só nos momentos de dificuldades, mas também nos momentos de alegria.

Esse sentimento de comunidade segundo McMillan e Chavis (1986 *apud* NEPOMUCENO *et al*, 2017) destaca-se pelas relações de proximidade e os laços afetivos estabelecidos entre as pessoas, o que possibilita uma história partilhada na qual as pessoas se identificam e incorporam suas histórias particulares.

São essas características que fazem desse povoado um lugar único, simples, mas cheio de história, através da vivência desses moradores.

7. CONCLUSÕES

Após todo o percurso desse estudo, foi possível compreender as transformações na vida cotidiana desses moradores, provocadas pelas alterações nas técnicas e ferramentas utilizadas no modo de produção.

Parte dessa mudança ocorreu através da relação global-local, induzido pelo sistema capitalista, pois, até por volta de 1980 o modo de produção do povoado esteve voltado para a produção mercantil simples, mas, com a instituição do programa PROALCOOL pelo governo federal, em resposta a crise mundial do petróleo, favoreceu para expansão das áreas agricultáveis destinadas ao cultivo da cana-de-açúcar na região do vale do São Lourenço. Assim, parte dos proprietários de terras em volta do povoado, migraram de uma agricultura extensiva, para uma agricultura intensiva, visando o fornecimento de cana para a Usina.

Através da ritmanálise, foi possível realizar o estudo dos ritmos da comunidade, trazendo reflexões sobre a organização dessa sociedade no decorrer do tempo, revelando os efeitos da associação dos ritmos social, biológico e econômico no campo do trabalho e da vida cotidiana.

O sistema capitalista, foi visto nesse estudo como sendo um dos principais agentes transformantes do universo de análise. Por meio dele, houve uma incorporação dos aspectos do mundo moderno na vida cotidiana desses moradores, abrindo espaço para a introdução de novos hábitos e costumes, que refletem até os dias atuais.

Nesse campo das transformações, ao mesmo tempo que o espaço é um produto, também passa a ser um instrumento e um meio de reprodução da vida social. Vida social essa diferente das cidades, marcada pela simplicidade da vida cotidiana, onde a permanência das relações de compadrio, vizinhança, mutirão, ainda são características que nos remetem ao início do povoado.

Com a realização desse trabalho, foi possível observar a crítica de Lefebvre sobre o sistema capitalista, em que, com a expansão das atividades de produção desse sistema, em detrimento da manutenção do espaço e do modo de vida rural, causam mudanças na vida cotidiana do homem do campo, demonstrando como a crise do capital sobrepõe ao modo de vida rural.

Essa passagem do rural para o urbano no povoado de Placa Santo Antônio, foi sendo vista através da mudança do modo de produção dos proprietários de terras. Com a introdução da pecuária e da agricultura intensiva, o trabalho para os meeiros, tornou-se inviável, fazendo com que muitos fossem em busca de outras áreas em outras localidades. Os que permaneceram na comunidade viram-se obrigados a se adequarem ao novo sistema imposto, com isso, o trabalho assalariado passa a ser o marco principal dessa mudança, sendo também uma das características do capitalismo.

Com relação aos processos de modernização da forma de trabalho, houve uma mudança de comportamento das pessoas do povoado no período analisado. Essa mudança ocorreu principalmente nas propriedades rurais, com a inserção de novas técnicas e ferramentas de trabalho. De 1960 até por volta de 1990, o trabalho no campo, era mais artesanal e tradicional, praticamente todo o processo era manual, a limpeza do pasto era feita com o uso de foice, o leite era ordenhado manualmente, o plantio era realizado com uso da matraca. A partir de 1990, esse processo foi-se alterando ano após ano. Os que continuaram com a produção de leite começaram a utilizar a ordenha mecânica, sendo que hoje, poucos utilizam a ordenha manual; a prática de roçar os pastos, quase não é mais utilizada, e os que ainda a praticam, utilizam as roçadeiras movidas a gasolina, em vez das foices; no controle das pragas, passou a ser utilizado o veneno, aplicado antes com bombas manuais, atualmente sendo feito com uso de tratores.

No aspecto econômico, a falta de emprego na região do vale do São Lourenço é um dos problemas enfrentados pelos moradores da área de estudo, resultando em uma evasão principalmente dos jovens para outras localidades.

Entender o ritmo, emprego, subsistência e o modo de vida desses moradores, possibilitou compreender as transformações do espaço ao longo do tempo. As percepções do nosso dia a dia, muitas vezes passam despercebidos aos nossos olhos. Compreender e entender nossas relações não é algo tão simples, pois, por trás da aparência e simplicidade do modo de vida, existe uma complexa relação entre os ritmos que compõem os fenômenos físicos, naturais, biológicos, sociais e econômicos. Esses fenômenos estão entranhados em nosso modo de vida, o que torna difícil seu entendimento.

Compreender sobre a teoria da ritmanálise, me fez ter uma nova percepção sobre a vida. Tudo que fazemos é composto por ritmos, nosso andar, falar, caminhar,

trabalhar, ritmos esses que quando estão em harmonia nos remetem a uma vida saudável. A partir dessa compreensão, foi possível observar como a desarmonia dos ritmos podem ocasionar doenças patológicas. Essa arritmia foi muito acelerada com o aparecimento da Pandemia do novo Corona Vírus, em que uma doença até então característica dos animais, passou a ser transmitida para os seres humanos, isso nos chama atenção para os impactos da natureza acometidos pelo homem.

Com o início da pandemia houve uma alteração na vida cotidiana dessa comunidade, tanto no aspecto religioso como social. No decorrer do ano são realizadas diversas atividades religiosas, que não puderam acontecer da mesma forma de antes da pandemia. Mesmo com essas mudanças os moradores não deixaram de expressar sua fé e devoção. A não realização do projeto todos contra a dengue, resultou no aparecimento de casos de dengue no povoado. Os funcionários contratados foram duramente afetados, muitos ficando sem emprego.

Morar longe dos grandes centros em que o contágio estava alto, fez com que muitos não acreditassem que o vírus poderia chegar até o povoado, com isso continuaram suas vidas normalmente, o que ocasionou aparecimento de casos de COVID-19 na comunidade.

Através dos vários relatos dessas pessoas, foi possível observar a simplicidade desse povoado no decorrer de sua história, e como estão entranhadas no modo de vida atual. Por mais que tenham alterado o seu estilo de vida em decorrência dos reflexos da modernidade, ainda é possível observar as diferenças dessa comunidade em relação a cidade.

Foi possível observar as multiplicidades que esse lugar possui, nos quais estes são legitimados pela experiência de vida na comunidade, no lar, na vizinhança, no trabalho, ou seja, nesse lugar; o povoado de Placa Santo Antônio foi e é construído a partir da experiência que temos no meio em que vivemos, seja ela física, psicológica ou histórica.

Minha vivência no povoado, contribuiu no desenvolvimento do trabalho, mas, com as entrevistas tive contato com experiências que jamais imaginaria ter ocorrido nessa comunidade.

Ao concluir esse estudo um pensamento vem em minha mente, o qual compartilho com todos leitores desse trabalho, e deixo como minhas últimas palavras.

Ao recordar minha infância, lembro como a vida era divertida. Esperava ansiosa com maninha, para as férias escolares chegarem, pois sabia que a diversão iria começar.

Papai já estava com a matula pronta, para junto com mamãe irmos todos pescar. Desde criança aprendemos como a isca no anzol colocar. Mamãe era responsável pelo preparo da comida, e nós os gravetos, para o fogo, juntar.

Brincadeira de criança era na rua. Brincávamos de pega-pega, pique-esconde, rouba bandeira, até cansar. Quando não tinha mais opção, até o pé de laranja doce, servia como nossa munição, para alvo acertar.

Também aprendemos desde pequenas como o cabelo do milho tirar, para ajudar mamãe, as pamonhas fabricar. Nossa recompensa era quando papai chegava, pois sabíamos, que algum suquinho brinquedo ou todinho, iríamos ganhar.

Nossa única preocupação era passar de ano.

Hoje em meio as modificações da vida cotidiana, sinto falta, dessa infância, sinto falta de ver as crianças sendo crianças, desconectadas desse mundo digital, aproveitando cada momento e cada fase de sua vida.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. G. de; SOARES, L. A. A. **Ordenamento territorial: Coletânea de textos com diferentes abordagens no contexto brasileiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

ALVAREZ, S; NOBRE, Z. R\$ 21 MI – **Trabalhadores das usinas Jaciara/Pantanal começam a receber suas verbas trabalhistas.** 2020. Disponível em: <https://portal.trt23.jus.br/portal/noticias/r-21-milh%C3%B5es-%E2%80%93-trabalhadores-das-usinas-jaciarapantanal-come%C3%A7am-receber-verbas-trabalhistas>. Acesso em 23 de abril de 2021.

BRANDEMBURG. Alfio. **Do rural tradicional ao rural socioambiental Ambiente & Sociedade.** Campinas v. XIII, n. 2 p. 417-428 jul/dez. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2010000200013. Acesso em 24 de março de 2021.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8. 2004, Coimbra. **Anais.** Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em 23 set. 2018.

CAMACHO R. S. **A produção do espaço e do território: as relações de trabalho subordinadas ao modo de produção capitalista.** Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, nº1, 1º semestre de 2010.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo.** São Paulo. Hucitec, 1996.

CUNHA, R. S. **O essencial sobre Ritmanálise.** Portugal, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: Sage, 2011.

ELDEN, S. Rythmanalysis: an introduction, In. LEFEBVRE. H. **Rythmanalysis: Space, Time and Everydaylife,** Trad. ELDEN and MOORE, Continuum, 2004. p.VII-XV.

FARIA, M. L. G. de. Bachelard e a Ritmanálise. **Travessias,** V. 3, n. 3 (2009) Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3435/2729>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GARCIA, H. **Caldas Aulete.** 3º ed, Rio de Janeiro: DELTA, 1980.

GERARDI, L. H. de O.; SILVA, B. C.N. **Quantificação em Geografia.** São Paulo: Difel, 1981.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GEORGE, P. **A ação do homem**. Difusão Européia do Livro – Saber atual, São Paulo, 1970.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed - São Paulo: Atlas, 2008. **Grupo Naoum entra com pedido de recuperação judicial**. JORNALCANA. 24 de novembro de 2008. Disponível em: <https://jornalcana.com.br/grupo-naoum-entra-com-pedido-de-recuperacao-judicial/>. Acesso em 23 de abril de 2021.

GOTTMANN, J. **A evolução do conceito de território**. Boletim Campineiro de Geografia, vol. 2, nº 3, 2012. p. 523-545.

GUIMARÃES, G. T. D. Cotidiano e Cotidianidade: limite tênue entre os reflexos da teoria e senso comum. In: ____. **Aspectos da teoria do cotidiano**: Agnes Heller em perspectiva. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. cap. 2, p. 27-35.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

HERÁKLITO. Fragmentos. Tradução e comentários de José Cavalcante de Sousa. In: **Os pensadores: Os Pré-socráticos**. São Paulo: Abril, 1978.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Manual técnico de geomorfologia**. 2. ed. - Rio de Janeiro, 2009. 182 p.

JESUS, M de. **Jaciara Senhora da Lua**. Jaciara: Gráfica Mendonça, 1998.

JOSGRILBERG, Fabio. Cotidiano e sujeito ordinário. In: **Dicionário de Comunicação**: escolas, teorias e autores. Organizadores: CITELLI, Adilson...et al. São Paulo: Contexto, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LEFEBVRE, Henri. Rhythmanalysis. Space, Time and Everyday Life. London: Continuum, 2004.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991 a.
LEITE, A. F. **O Lugar**: Duas Acepções Geográficas. Anuário do Instituto de Geociências–UFRJ, 21, p. 9-20,1998.

LEITE, E. F.; ROSA, R. Análise do uso, ocupação e cobertura da terra na bacia hidrográfica do Rio Formiga, Tocantins. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.4, n.12, p. 90-106, dez. 2012.

LOPES, Eduardo. O ritmo e a improvisação musical como veículo para a extensão universitária. Revista UFG. Ano XV Nº 16. junho de 2015.

LUIJPEN, W. A. M. **Introdução a fenomenologia existencial**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1973.

MENESTRINO, E. H. G. **Povos tradicionais: do lugar ao não-lugar**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Universidade Federal Do Tocantins, Palmas.

MOREAUX, M. F. Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade. 2013. **Dissertação (Mestrado)** - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia. Rio de Janeiro, 175p.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. **ECONOMIA POLÍTICA: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2006.

NEPOMUCENO, B. B.; BARBOSA, M. S.; XIMENES, V. M.; CARDOSO, A. A. V. **Bem Estar Pessoal e Sentimento de Comunidade: um estudo psicossocial da pobreza**. Psicologia em Pesquisa, UFJF. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v11n1/09.pdf> Acesso em 29 de março de 2021.

PEDROSO, C. M. W. **Jaciara/mt: do tempo passado da colonização e da usina ao tempo futuro da agricultura moderna e do turismo**. 2015. Dissertação (mestrado) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

PEREIRA, M. G.; ANJOS, L. H. C. dos; PINHEIRO JUNIOR, C. R.; PINTO, L. A. da S. R.; SILVA NETO, E. C. da; FONTANA, A. Formação e caracterização de solos. In: TULLIO, L. (Org.). **Formação, classificação e cartografia dos solos**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. cap. 1, p. 1-20. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/202369/1/Formacao-e-caracterizacao-de-solos-2019.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2021.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RATZEL, F. **Geografia do homem**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

ROSS, J. L. S. RELEVO BRASILEIRO: UMA NOVA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 4, p. 25-39, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1985.0004.0004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47094>. Acesso em 2 de maio de 2021.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: OLIVEIRA, M. P.; HAESBAERT, R.; MOREIRA, R. **Território, territórios, ensaios sobre ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 3ª ed. 2007.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. **Da Totalidade, ao Lugar**. São Paulo, Edusp, 2005.

SANTOS, H. G. dos; CARVALHO JUNIOR, W. de; DART, R. de O.; AGLIO, M. L. D.; SOUSA, J. S. de; PARES, J. G.; FONTANA, A.; MARTINS, A. L. da S.; OLIVEIRA, A. P. de. **O novo mapa de solos do Brasil: legenda atualizada**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2011. 67 p.

SAQUET, M. A.; ANTONELLO, J. A. A territorialização na agricultura familiar: materializações na paisagem de Francisco Beltrão (Paraná, Brasil). In: **anais V SIMP GEO** (Simpósio Paranaense de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia). Curitiba, 2010, p. 405-420.

SETTE, D. M.; TARIFA, J. R. Clima e ambiente urbano tropical: o caso de Rondonópolis-MT. **Revista INTERGEO** Ano I- nº1, 2001. p. 7-34

SILVA, V. de. P. da.; SILVA, R. G. S. A geografia e o estudo da vida cotidiana: um caminho para a compreensão do espaço. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 15, n. 50, p. 164–171, Jun./2014.

SCHWENK, L. M. Domínios Biogeográficos. In: MORENO, G.; HIGA, T. C. S. (orgs). **Geografia de Mato Grosso: território e sociedade**. Cuiabá: Entrelinhas, 2005. p. 250-271

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 77-116.

STURZA, J. A. I. Lugar e não-lugar em Rondonópolis - MT: um estudo de cognição ambiental. 2005. **Tese (Doutorado)** – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 163 p.

TARIFA, J. R. “O ritmo e a prática do estudo dos climas de São Paulo (1970-2000)”. In: TARIFA, J. R. & AZEVEDO, T. R. **Os climas na cidade de São Paulo**. Departamento de Geografia, FFLCH-USP. GEOUSP n. 4, 2001, 199 p.

TARIFA, J. R. Os climas nos maciços litorâneos da Juréia-Itatins – um ensaio de ritmanálise. 2002. **Tese de Livre Docência** FFLCH – USP – 477 p.

TARIFA, J. R. **Mato Grosso: clima: análise e representação cartográfica**. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.

TEIXEIRA, R. **Mato Grosso se consolida como grande produtor de açúcar e álcool**. Sedec-MT. 20 de abril de 2007. Disponível em: <http://www.sedec.mt.gov.br/>

/mato-grosso-se-consolida-como-grande-produtor-de-acucar-e-alcool. Acesso em 12 de maio de 2021.

TERRENCE, A. C. F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. In. ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2006. p. 1-9.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALE, A. F; SAQUET, M. A; SANTOS, R. A. dos. **O território: diferentes abordagens e con-ceito-chave para a compreensão da migração**. Revista Faz Ciência, Francisco Beltrão, PR, Universidade do Oeste do Paraná, v. 7, n. 1, p. 11-26, 2005.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

WEISHEIMER, N. Desenvolvimento rural, capitalismo e agricultura familiar. **Olhares Sociais** (02) janeiro-junho de 2013: 51-78. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/olharessociais/wp-content/uploads/Desenvolvimento-rural-capitalismo-e-agricultura-familiar.pdf>. Acesso em 27 de março de 2021.

ANEXO 1

Questionário Pesquisa de Campo				
1. Sexo: FEM: () MAS: ()		2. Idade: _____		N° _____
3. Quantas pessoas vivem nessa residência? _____ Obs: Marque ao lado as caixas que correspondem a idade e o sexo dessas pessoas.	SEXO	IDADE		SEXO
	<input type="checkbox"/>	0 anos a 6 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	7 anos a 12 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	13 anos a 18 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	19 anos a 24 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	25 anos a 30 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	31 anos a 40 anos		<input type="checkbox"/>
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	41 anos a 50 anos	
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1 anos a 60 anos		<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	61 anos a 70 anos		<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	71 anos a 80 anos		<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	81 anos a 90 anos		<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Acima de 90 anos		<input type="checkbox"/>
4. Nível de escolaridade? (A) Ensino fundamental incompleto (B) Ensino fundamental completo (C) Ensino médio completo (D) Ensino médio incompleto (E) Ensino superior	5. Situação atual de emprego? (A) Empregado (B) Desempregado (C) Autônomo (D) Estudante (E) Aposentado		6. Indique a faixa de renda que sua família possui: (A) Menos de R\$ 1.000 (B) R\$ 2.000 a R\$ 3.000 (C) R\$ 3.000 R\$ 4.000 (D) Entre 4.000 e R\$ 5.000 (E) Acima de R\$ 5.000	
7. Em que você trabalha atualmente e como é sua jornada de trabalho?				
8. Em que ano você e sua família chegaram nesse povoado denominado Placa Santo Antônio?				
9. De qual cidade/estado vocês vieram?				
10. Já havia outros moradores aqui?				
11. Como eram as condições de vida naquela época?				
12. Qual era a fonte de renda e sobrevivência dos moradores?				
13. Como eram as relações entre os moradores que aqui viviam? Existiam muitos conflitos?				
14. Qual a história de origem desse povoado?				
15. Quando a Usina Jaciara começou a operar aqui na região, modificou o modo de vida das pessoas?				